



Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Linguística -PPGL

Instituto de Letras - IL

Departamento de Linguística, Português, Línguas Clássicas - LIP

Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e
identidade

DAISY BARBARA BORGES CARDOSO

Brasília, junho de 2009
DAISY BARBARA BORGES CARDOSO

Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e
identidade

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade de Brasília como
requisito para obtenção do título de Doutor em
Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre
Área de Concentração: Linguagem e Sociedade

Brasília, junho de 2009

DAISY BARBARA BORGES CARDOSO

Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e
identidade

Banca Examinadora:

Prof^a. Maria Marta Pereira Scherre – Orientadora/Presidente
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Edair Maria Görski – Membro efetivo externo
Universidade de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. José Lemos Monteiro – Membro efetivo externo
Universidade Federal do Ceará - UFC

Prof^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles – Membro efetivo interno
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Daniele Marcelle Grannier – Membro efetivo interno
Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho – Membro Suplente
Universidade de Brasília (UnB/LIP)

A meus pais, Cardoso e Dely,
pelo amor, carinho e dedicação constantes.

AGRADECIMENTOS

Expresso o meu mais sincero agradecimento à professora Maria Marta Pereira Scherre, pela orientação primorosa, pela experiência compartilhada, pelo apoio e estímulo em todos os momentos e pela sua amizade e dedicação.

À professora Heloísa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, pelas valorosas discussões e sugestões.

Ao professor Wilson de Sousa Filho, diretor do Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte, por seu apoio incondicional e pelo incentivo à conclusão desta pesquisa.

À equipe de direção do Centro de Ensino Médio de Taguatinga Norte, que contribuiu para que o término dessa pesquisa transcorresse de forma mais tranquila.

A todas as amigas e a todos os amigos, pelo companheirismo, pela troca de experiências, pelos momentos de descontração, pela ajuda nos momentos difíceis.

A minha família - meus pais Cardoso e Dely, meu irmão Dalton, meus filhos Pedro e Mariana - pelo auxílio, pela compreensão e pelo incentivo nas horas mais difíceis.

A todos os colegas de trabalho que me incentivaram.

Às amigas Caroline Rodrigues, Maria do Carmo e Simone, pelo apoio constante e pelo carinho.

À amiga e colaborada Edilene Patrícia Dias, pelo incentivo, pelas palavras amigas e pela ajuda valiosa para a conclusão desta pesquisa.

A Lucy Porto, pela amizade e pelo auxílio profissional.

Aos meus informantes, pela disponibilidade e pela ajuda valiosa.

A Deus, que me ilumina em todos os momentos de minha vida.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	iii
LISTA DE GRÁFICOS.....	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. OBJETO DE ESTUDO – O ESTATUTO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	6
1.1 O ato de fala diretivo e a expressão gramatical do imperativo.....	6
1.1.1 O ato de fala diretivo	6
1.1.2 A expressão gramatical do imperativo	7
1.2 Relação entre o uso variável do imperativo e as propriedades morfossintáticas do português brasileiro.....	11
1.2.1 Aspectos históricos	11
1.2.2 Aspectos diacrônicos da mudança pronominal	12
1.2.3 Aspectos sócio-históricos	13
1.2.4 Aspectos morfológicos	17
1.3 Aspectos sintáticos e semânticos que caracterizam a expressão do imperativo gramatical no português brasileiro	18
1.3.1 Traços que caracterizam o sujeito e o vocativo na estrutura imperativa	19
1.3.2 Uso da forma verbal subjuntiva na oração independente.....	22
2. CONCEITOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA ..	26
2.1 Aspectos teóricos da mudança linguística.....	26
2.2 Padrão e prestígio local na realização do modo imperativo no português brasileiro.....	30
2.3 A concepção de gênero.....	32
2.4 Difusão/ focalização no Distrito Federal – aspectos identitários	35
3. VARIÁVEIS INDEPENDENTES NO ESTUDO DO IMPERATIVO	40
3.1 Variáveis linguísticas.....	40
3.2 Variáveis sociais	46
3.3 Outras abordagens	47
4. METODOLOGIA.....	51
4.1 Metodologia da entrevista	51
4.2 Seleção dos falantes.....	55
4.3 Descrição dos falantes	59
4.3.1 Falantes femininas	59
4.3.2 Falantes masculinos.....	64
4.4 Sobre Fortaleza e o Distrito Federal.....	67
4.4.1 Fortaleza	67
4.4.2 Distrito Federal	68
4.5 As variáveis independentes analisadas	69

5. O PAPEL DO GÊNERO E DOS TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS FALANTES....	74
5.1 <i>Corpora</i> de Fortaleza.....	76
5.2 Descrição do <i>corpus</i> e análise dos dados de fortalezenses moradores do Distrito Federal.....	82
5.2.1 Análise conjunta	82
5.2.1 Análise do grupo de falantes femininas.....	91
5.2.2 Análise do grupo de falantes masculinos	95
5.3 Considerações acerca dos resultados à luz das concepções teóricas.....	100
5.4 Traços identitários dos falantes	105
6. OUTRAS VARIÁVEIS ESTATISTICAMENTE RELEVANTES.....	114
6.1 A identidade do falante face às variáveis linguísticas e sociais	115
6.1.1 Paralelismo discursivo.....	116
6.1.2 Polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome no contexto discursivo	118
6.1.2.1 Relação entre a sintaxe da negação e a expressão gramatical do imperativo no português brasileiro	122
6.1.2.2 Caracterização das línguas românicas de acordo com as estratégias de negação das orações.....	122
6.1.2.3 O imperativo negativo e a sintaxe de negação no português brasileiro.....	123
6.1.3 Faixa etária	129
6.1.4 Presença e posição do vocativo	130
6.1.5 Interação entre os falantes	132
6.1.6 Âncoras discursivas	134
7. REFLEXÕES FINAIS.....	136
BIBLIOGRAFIA	141
ANEXO 1	150
ANEXO 2	152
ANEXO 3	153

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Distribuição dos dados no <i>corpus</i> com fortalezenses moradores do Distrito Federal em relação à frequência de uso do imperativo na forma associada ao indicativo e do imperativo na forma associada ao subjuntivo	57
TABELA 02 - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do modo imperativo associado à forma indicativa no <i>corpus</i> PORCUFORT e no <i>corpus</i> Dialetos Sociais Cearenses (DSC)	58
TABELA 03 - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do modo imperativo associado à forma indicativa no <i>corpus</i> PORCUFORT e no <i>corpus</i> Dialetos Sociais Cearenses (DSC)	77
TABELA 04 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do gênero do falante nos <i>corpora</i> PORCUFORT e DSC	79
TABELA 05 – Uso do imperativo associado ao indicativo em função do cruzamento dos grupos “falantes femininas” (f) e “masculinas” (m) versus escolaridade/faixa etária no <i>corpus</i> DSC	80
TABELA 06 – Efeito da variável gênero em relação ao uso do imperativo associado ao indicativo, no <i>corpus</i> com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal	83
TABELA 07 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função dos falantes, no <i>corpus</i> com os fortalezenses moradores do Distrito Federal.....	85
TABELA 08 - Efeito do uso do modo imperativo associado ao indicativo em função das falantes femininas, no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores do Distrito Federal.....	91
TABELA 09 - Uso do modo imperativo associado à forma indicativa em função dos falantes masculinos, no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores do Distrito Federal	96
TABELA 10 - Uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários dos falantes no <i>corpus</i> de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal	107
TABELA 11 – Peso relativo dos grupos de falantes considerando o uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários dos falantes no <i>corpus</i> com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal	108
TABELA 12 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários no <i>corpus</i> de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal	109
TABELA 13 – Efeito do imperativo associado ao indicativo em função do gênero dos falantes no <i>corpus</i> de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal.....	110

TABELA 14 - Uso do imperativo associado ao indicativo em função do sistema linguístico do falante no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores de Brasília.....	111
TABELA 15 – Análise dos pesos relativos por falantes (grupo falantes/identidade) no cruzamento com todas as variáveis independentes com significância estatística no <i>corpus</i> com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal.	115
TABELA 16 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do paralelismo discursivo no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores de Brasília.....	117
TABELA 17 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do paralelismo discursivo nos <i>corpora</i> DSC e PORCUFORT	118
TABELA 18 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade da estrutura e da presença/ausência e do tipo de pronome no contexto discursivo no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores do Distrito Federal	119
TABELA 19 - Efeito do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade da estrutura e da presença/ausência do tipo de pronome no contexto discursivo, nos <i>corpora</i> DSC e PORCUFORT	120
TABELA 20 – Frequência de uso do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade das estruturas – afirmativas e negativas.....	125
TABELA 21 - Uso do imperativo na forma indicativa em função da posição da partícula negativa.....	126
TABELA 22 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da faixa etária dos falantes, no <i>corpus</i> de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal	129
TABELA 23 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da presença do vocativo e de sua posição em relação ao verbo, no <i>corpus</i> de fortalezenses moradores do Distrito Federal	131
TABELA 24 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da interação entre os falantes no <i>corpus</i> com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal	133
TABELA 25 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função de tipo de âncora discursiva no <i>corpus</i> com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal	135

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Peso relativo de todos os falantes	88
GRÁFICO 2 – Tendência de mudança dos falantes.....	90
GRÁFICO 3 – Falantes femininas: diferenças no uso do imperativo	92
GRÁFICO 4 – Falantes femininas: tendência de mudança no uso do imperativo	95
GRÁFICO 5 – Falantes masculinos: diferenças no uso do imperativo.....	98
GRÁFICO 6 – Falantes masculinos: tendência de mudança no uso do imperativo.....	99
GRÁFICO 7 – Traços identitários: diferenças entre os gêneros	108

RESUMO

Esta tese consiste na análise da variação e da mudança no uso do imperativo gramatical no português brasileiro sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista. O objetivo é investigar o papel dos fatores linguísticos e não-linguísticos no uso variável do imperativo, ampliando o entendimento do fenômeno. A amostra principal de nossa análise é formada por um grupo de homens e mulheres nativos de Fortaleza que moram no Distrito Federal.

A análise das variáveis linguísticas revela a importância de fatores como a polaridade afirmativa e negativa das estruturas imperativas bem como o papel do paralelismo discursivo no processo de variação linguística. Além disso, traz elementos que contribuem para a discussão sobre a relação da alternância indicativo/subjuntivo no uso do imperativo no contexto discursivo dos pronomes *tu* ou *você*.

Quanto à análise dos fatores não-linguísticos, destacamos a atuação vigorosa das variáveis “gênero” e “identidade dos falantes” no processo de variação e mudança na fala de pessoas que saem de Fortaleza – região onde predominam formas como *leve, pegue, venha* – para uma região onde predominam formas como *leva, pega, vem*. A amostra investigada revela diferenças significativas entre homens e mulheres no uso do imperativo. A análise estatística constata que a frequência média de uso do imperativo na forma indicativa pelas mulheres é de 74%, enquanto a frequência de uso dessas formas no grupo dos homens é 31%. Busca-se compreender esses resultados por meio da investigação dos traços identitários dos falantes. Considerando o *corpus* investigado, os resultados estatísticos comprovam que os falantes que mantêm mais proximidade com Brasília tendem a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo; por outro lado, os falantes que mantêm menos proximidade com a cidade tendem a desfavorecer o uso dessa forma.

A reflexão final acerca das análises apresentadas na tese é feita à luz das ideias de Eckert (2005) que faz uma análise dos estudos variacionistas nos últimos 40 anos, buscando classificá-los em três grandes ondas, nas quais buscamos elementos que situam nosso trabalho.

ABSTRACT

This thesis consists of the analysis of the linguistic variation and change in the use of the grammatical imperative in Brazilian Portuguese in the theoretical and methodological perspective of Variationist Sociolinguistics. The main objective of the study is to investigate the role of linguistic and non-linguistic factors in the use of the imperative variable, enhancing the understanding of the phenomenon. The main sample used in this study consists of a group of men and women who are originally from Fortaleza and at the time when the interviews were made lived in Brasília.

The analysis of the linguistic variables reveals the weight of factors such as the affirmative and negative polarity of imperative structures as well as the role of discursive parallelism in the process of linguistic change. Furthermore, it brings elements that contribute to the discussion on the indicative/subjunctive alternation in the use of the imperative in the discursive context of the pronouns *tu* or *você*¹.

In relation to the analysis of non-linguistic factors, the vigorous effect of the variables “gender” and “speaker identity” stands out in the process of variation and change in the speech of people who leave Fortaleza – a region where the use of forms such as *leve*, *pegue* and *venha*² prevails – to a region where the predominant forms are *leva*, *pega*, *vem*². The sample of the study reveals significant differences between male and female speakers in the use of the imperative. The statistical analysis shows that the average frequency of the use of the indicative form of the imperative by women is 74%, while men use those forms in 31% of the occurrences. In order to comprehend these results, identity characteristics of the speakers were investigated. Considering the studied corpus, the statistical results proves that the speakers who keep themselves closer to the cultural values of Brasília favour the use of the indicative form of the imperative; on the other hand, the speakers who keep farther from those values tend not to favour the use of this form.

The final reflection on the analysis presented on this thesis is made in the light of the ideas of Eckert (2005), who analyses variationist research in the last 40 years in an effort to divide them in three big waves, on which we find elements that situates our work.

¹ Singular second person pronouns.

² Subjunctive and indicative forms of the imperative for the verbs *take*, *pick up* and *come*.

INTRODUÇÃO

Na percepção da Sociolinguística Variacionista, a heterogeneidade linguística está presente na comunicação humana e é um fenômeno inerente a todas as línguas. Essa variabilidade, porém, não impede que os falantes se comuniquem, pois há uma sistematicidade no uso das formas variantes, o que equivale a dizer que há uma heterogeneidade ordenada condicionada por fatores internos e externos à língua. O modelo teórico-metodológico concebido para os estudos variacionistas parte, primordialmente, desse objeto de estudo: a língua falada - o vernáculo -, que representa o discurso falado no dia-a-dia.

A Sociolinguística Variacionista postula, portanto, que a variação é uma característica essencial das línguas. Cabe ao pesquisador investigar e entender não só as condições subjacentes à variação, mas também as possíveis mudanças decorrentes desse processo e seu encaixamento na estrutura linguística e extralinguística. O fundamental é que se compreenda por que alguns falantes que estão inseridos em uma comunidade com características dialetais e socioculturais semelhantes favorecem o uso de determinadas variantes enquanto outros desfavorecem esse uso. (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968:46).

Partindo desse pressuposto, esta tese investiga e analisa o processo de variação e mudança no uso do imperativo no português brasileiro, tomando por base, especificamente, grupos de falantes de Fortaleza e do Distrito Federal. Este é um fenômeno linguístico que se manifesta na estrutura morfossintática da oração e cuja variação se correlaciona não só a aspectos intrínsecos à língua - linguísticos -, mas também a aspectos extrínsecos - não-linguísticos -, tais como aspectos geográficos e identitários da comunidade de fala e/ou da comunidade de prática, conforme discutiremos ao longo dessa análise.

Numa perspectiva diacrônica, o modo imperativo morfológico só existe para marcar as segundas pessoas do discurso do singular e do plural (cf. Elia, 1979: 229-231). O uso do modo imperativo associado à forma subjuntiva vem desde o latim vulgar (Câmara Jr., 1979: 136), quando essa forma era usada para suprir as pessoas do discurso que não existiam no modo imperativo – primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular e do plural, assim como o imperativo negativo, que não possuía formas

próprias. Câmara Jr. aponta a existência de mais de uma forma para expressar desejo: (i) o imperativo morfológico, quando há referência às segundas pessoas do discurso; (ii) o subjuntivo, que “era uma maneira delicada de dar uma ordem não só no latim vulgar propriamente dito, mais ainda na língua culta coloquial” (Câmara Jr., 1979: 136) e que hoje é usado para substituir o imperativo; (iii) o indicativo presente, cujo uso aparece como uma tendência no português brasileiro em substituição ao modo imperativo.

Numa perspectiva sincrônica, a gramática normativa traz que o modo imperativo é formado por meio de um processo de derivação. Isso fica claro quando se afirma que as segundas pessoas desse modo verbal são derivadas das segundas pessoas do modo indicativo, sem o -s; e que as demais pessoas são derivadas do modo subjuntivo (cf. Bechara, 1999: 237; Cegalla, 1990: 166). Cunha & Cintra (1985: 465) não fazem referência a esse processo de derivação e afirmam que o imperativo afirmativo possui formas próprias para as segundas pessoas, sendo que, para as demais pessoas e para a oração negativa, o imperativo se vale das formas subjuntivas.

O fato é que, no português brasileiro contemporâneo, o uso do imperativo gramatical pode variar, no mesmo contexto discursivo, entre duas formas, que estão sendo consideradas como as variantes da variável dependente para esta pesquisa: o imperativo associado ao indicativo, com formas do tipo *fala/pega/diz/traz*, e o imperativo associado ao subjuntivo, com formas como *fale/pegue/diga/traga*. Nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e parte da Sul predomina o uso do imperativo associado ao indicativo, enquanto na região Nordeste, em cidades como Salvador, João Pessoa, Recife e Fortaleza predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo (cf. Sampaio, 2001; Alves, 2001; Jesus, 2006; Cardoso, 2006).

As pesquisas sobre a variação do imperativo no português brasileiro têm revelado que essa alternância entre as formas variantes não tem correlação clara com a presença dos pronomes *tu* ou *você* no contexto, ao contrário do que se observa no português europeu, em que a presença desses pronomes marca traços de [+] ou [-] distanciamento (Scherre *et al.*, 1998; Mateus *et al.*, 2003; Cardoso, 2004; Lima, 2005; Jesus, 2006; Scherre *et al.*, 2007). Contudo, como vamos demonstrar no capítulo 6 de nosso trabalho, em nossos *corpora*, a presença do pronome *tu* no contexto discursivo destaca-se por apresentar resultados significativos em relação à variação do imperativo. Da mesma forma, a análise encontra resultados significativos em contextos em que há o pronome *você*.

A literatura na área tem mostrado que a variação evidenciada no uso do imperativo no português brasileiro é motivada por diversos fatores, a saber: fatores linguísticos, relacionados ao encaixamento de mudanças na língua - como a posição dos clíticos ou a presença/posição de elementos discursivos e de partículas negativas; aspectos morfossintáticos, como paradigma do verbo; aspectos discursivos e cognitivos, como o paralelismo discursivo. A motivação para a variação também vem de fatores extralinguísticos dentre os quais se destacam aspectos sócio-históricos que revelam as relações interacionais entre os falantes - como as mudanças nos pronomes; também são investigados aspectos sociais como a faixa etária, o grau de escolaridade, dentre outros (cf. Scherre *et al.*, 1998; 2000; 2005; Sampaio, 2001; Alves, 2001; Jesus, 2006), sem tendências nítidas e/ou uniformes.

As pesquisas evidenciam uma leve tendência de aumento na frequência de uso do imperativo associado ao indicativo em regiões onde predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo. Jesus (2006), em pesquisa com dados de Recife, confirma essa tendência. Segundo a análise da autora, isso se dá em função da faixa etária e do aumento da escolaridade: os mais novos e os mais escolarizados tendem a usar mais o imperativo associado ao indicativo. (cf. também Sampaio, 2001).

Pretendemos mostrar que essa tendência, além de se evidenciar na dimensão intra-regional, também pode ocorrer na dimensão inter-regional. Queremos aprofundar a investigação e a análise considerando um cenário específico. Como se dá o processo de variação e mudança no uso variável do imperativo em um grupo de falantes que sai de uma região onde predominam formas como *leve, faça, venha* e que se muda para uma região onde as formas predominantes do imperativo são do tipo *leva, faz, vem*?

Investigamos outras motivações socioculturais, além das já citadas, que podem influenciar o processo de mudança linguística no uso do imperativo, como os traços identitários do falante, o local de moradia na nova cidade, além do papel do gênero do falante. Nossa pesquisa evidencia que o falante nativo de Fortaleza (região em que predominam formas como *leve, pegue, faça*), quando se muda para o Distrito Federal (região em que predominam formas como *leva, pega, faz*) também tende a mudar o uso do imperativo em direção às formas associadas ao indicativo – forma menos marcada no Distrito Federal. A partir dessa constatação, conforme já foi dito, a pesquisa visa observar se essa variação ocorre de forma homogênea no grupo de falantes pesquisado, bem como observar e analisar os vários fatores linguísticos e não-linguísticos que interferem nesse processo.

Duas hipóteses norteiam esta tese:

- 1- O gênero do falante é um componente não-linguístico significativo e fundamental no estudo da mudança linguística no nível inter-regional.
- 2- Condicionamentos socioculturais como traços identitários subjacentes à fala do homem e da mulher, bem como suas relações com a rede de contatos familiares atuam na dimensão da mudança inter-regional no uso do imperativo gramatical.

Destacaremos o papel do fator gênero/identidade, que até então não tinha se mostrado significativo tanto em nossos estudos quanto nas demais pesquisas das quais temos conhecimento sobre a variação do imperativo no português brasileiro.

Baseando-nos nas concepções teóricas acerca da identidade linguística (Mendoza-Denton, 2001), da família (Hazen, 2001) e da comunidade de prática (Meyerhoff, 2005), discutiremos também as relações familiares e as questões identitárias, buscando explicar os percentuais diferentes de uso do imperativo encontrados na fala desses falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal e analisar o encaixamento desses condicionamentos na matriz linguística e social, nos termos de Weinreich *et al.* (1968).

O trabalho encontra-se organizado em sete capítulos. No **primeiro capítulo** apresenta-se o objeto de estudo: o imperativo gramatical no português brasileiro, considerando traços morfossintáticos que o caracterizam, bem como a influência de aspectos sócio-históricos no processo de variação e mudança linguística desse modo verbal.

O **segundo capítulo** apresenta os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, ressaltando os principais conceitos teóricos que norteiam o trabalho. Além disso, descrevemos os cinco problemas discutidos por Weinreich *et al.* (1968), relacionando-os à variação do fenômeno investigado. Serão apresentadas também questões teóricas relativas às nossas discussões acerca dos fatores sociais, a saber: focalização e difusão dialetal, identidade e prestígio linguístico, gênero do falante e influência da família.

O **terceiro capítulo** traz os resultados de pesquisas sobre a variação do imperativo no português brasileiro. Descrevemos a influência das principais variáveis independentes – linguísticas e não-linguísticas - consideradas nesses estudos.

O **quarto capítulo** apresenta a metodologia por meio da qual o trabalho se desenvolveu, assim como a descrição e a formação dos *corpora*. Apresentamos aqui os critérios usados na seleção dos falantes e da sua cidade de origem. São apresentadas características das duas regiões investigadas (Fortaleza e Distrito Federal). Mostramos também algumas características dos falantes entrevistados para a formação dos *corpora*.

Em seguida, no **capítulo cinco**, procede-se à análise da variável independente social *falante/identidade* que interfere no uso variável do modo imperativo. São apresentados os resultados das frequências e dos pesos relativos, seguindo-se da discussão acerca do papel dessa variável na mudança linguística.

No **capítulo seis**, a discussão volta-se para a análise das variáveis linguísticas que obtiveram significância estatística, sendo assim selecionadas pelo programa Varbrul. Apresentamos também uma análise dos resultados referentes à variável independente “sistema do falante ao chegar ao Distrito Federal”, cujos resultados estatísticos estamos considerando para fins de análise, ainda que ela não tenha sido selecionada pelo programa. O objetivo dessa análise é avaliar a relação entre esse sistema linguístico do falante e os percentuais de mudança evidenciados. Ainda neste capítulo, discutimos a relação entre a sintaxe da negação e seu papel na variação do imperativo – aspecto que emerge da variável independente “polaridade da estrutura”.

Nas reflexões finais, **capítulo sete**, retomamos as principais questões abordadas no trabalho com o objetivo de confirmar nossas hipóteses, lançando luzes para futuras pesquisas e possíveis abordagens do fenômeno pesquisado.

1. OBJETO DE ESTUDO – O ESTATUTO DO IMPERATIVO GRAMATICAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O modo imperativo caracteriza-se como um ato diretivo cuja função é provocar uma mudança no comportamento do interlocutor. Há línguas, como o espanhol, nas quais esse modo é marcado morfologicamente; outras, como o português brasileiro, que, embora não tenham uma forma verbal imperativa com morfologia específica, apresentam um conjunto de propriedades que caracterizam e asseguram esse tipo frasal.

Nosso objetivo, neste capítulo, é descrever as propriedades gramaticais da estrutura imperativa afirmativa e negativa no português brasileiro. Inicialmente, discute-se a caracterização do modo imperativo gramatical como ato diretivo, assim como a nomenclatura utilizada por linguistas e autores da tradição gramatical. Em seguida, são abordados fatores morfossintáticos subjacentes ao fenômeno variável.

1.1 O ato de fala diretivo e a expressão gramatical do imperativo

1.1.1 O ato de fala diretivo

Os atos de fala caracterizam-se por conter um objetivo e uma força expressiva, que pode ser suavizada ou não em função da intenção do falante e do efeito que ele quer produzir sobre o outro (cf. Searle, 1969; Mateus *et al.*, 2003: 73-74). Dessa forma, o ato diretivo, uma das categorias dos atos de fala, é aquele que visa obter do destinatário o reconhecimento do que foi expresso pelo falante, e este espera obter um comportamento determinado do seu interlocutor, imprimindo força expressiva de acordo com seu objetivo.

O ato diretivo pode exprimir ordem, pedido, sugestão, convite e conselho (cf. Cunha & Cintra, 1985: 465-470), que, por sua vez, podem ser expressos por meio das formas variantes do imperativo gramatical, como ilustrado em (1), ou ainda por meio de frase nominal, com tempos do indicativo, com o infinitivo, gerúndio, com frases interrogativas, como ilustram os exemplos de (2) a (6), apresentados por Cunha & Cintra (1985: 465-470).

- (1) Saia daqui! / Sai daqui!
- (2) Silêncio!
- (3) Agora você faz uma garrucha ...
- (4) Não fumar.
- (5) Andando!
- (6) Poderia servir o jantar?

Segundo Mateus *et al.* (2003), existe um significado pragmático subjacente a cada um desses atos, cabendo aos interlocutores a distinção entre intenção de ordem mais rude de outra mais amena. De acordo com Cunha & Cintra (1985), a língua dispõe de recursos para o falante se expressar, conforme sua intenção comunicativa, seja reforçando o pedido ou ordem por meio de repetições, advérbios, como exemplificado em (7) e (8), seja atenuando o pedido, como em (9), por meio de fórmulas de polidez.

- (7) Saia, saia daqui.
- (8) Fale rápido.
- (9) O senhor me desculpe, por favor.

O imperativo gramatical é, portanto, um ato diretivo, cuja realização está associada a fatores de natureza pragmática e discursiva, bem como a processos morfossintáticos que determinam as propriedades de suas formas gramaticais e sua distribuição na estrutura oracional, como será demonstrado no decorrer do presente estudo.

1.1.2 A expressão gramatical do imperativo

Segundo Câmara Jr. (1979), o imperativo latino tinha uma forma para o presente, usada para ordens que deveriam ser cumpridas imediatamente, e uma para o futuro, que caracterizava as ordens que deveriam ser cumpridas mais tarde; com o tempo, a forma para o futuro desapareceu, passando a existir apenas a do presente. O autor diz também que, já no latim, o subjuntivo era usado para suprir as pessoas que não eram contempladas pelo imperativo morfológico. Maurer Jr. (1959:125) diz que no latim vulgar já se verificava a tendência de usar o presente pelo futuro. Para o autor, isso

se justifica pelo fato de a noção de futuro estar, de alguma forma, vinculada a intenções e expectativas do presente. O autor registra também, nesse período, o uso do subjuntivo no lugar do imperativo morfológico não só na 1ª e 3ª pessoa, mas também na 2ª pessoa, e afirma que “o subjuntivo é muito usado na língua antiga, sem que se distinga claramente do imperativo” (cf. Maurer Júnior, 1959:213).

O imperativo no português brasileiro, hoje, é descrito pela gramática tradicional considerando-se apenas o tempo presente. Cunha & Cintra (1985:465) afirmam que o imperativo afirmativo possui formas próprias só para as segundas pessoas, sendo que as demais pessoas e o imperativo negativo se utilizam do presente do subjuntivo. Para Said Ali (2001: 111), essas formas consideradas próprias do imperativo se diferem das respectivas formas do presente do indicativo apenas pela eliminação do ‘s’. O autor afirma que já no século XVI a linguagem literária “filia o imperativo diretamente ao presente do indicativo”.

Segundo Mateus *et al.* (2003: 254), do ponto de vista pragmático, o imperativo está ligado à modalidade deôntica, aquela relacionada “às circunstâncias externas (pessoais, regras sociais ou normas) que permitem ou obrigam o participante a envolver-se na situação”. São consideradas gramaticalmente imperativas as frases que expressam ato ilocutório diretivo, apresentando características formais do modo imperativo e valores como ordem, pedido, conselho, instrução. Dessa forma, esses valores semânticos podem ser realizados por meio de diferentes formas verbais, na forma de um ato diretivo direto ou indireto, conforme foi ilustrado de (1) a (9).

Considerando-se uma abordagem morfossintática, o imperativo no português europeu é descrito pelas autoras como um modo que apresenta formas verbais próprias só para as segundas pessoas do singular (*tu*) e do plural (*vós*) do imperativo afirmativo. As demais pessoas do afirmativo bem como as pessoas do imperativo negativo são supridas por formas *supletivas*, valendo-se das formas verbais do subjuntivo ou de outras formas como o indicativo, o infinitivo ou o gerúndio.

Rivero (1994) e Rivero & Terzi (1995) usam o termo *imperativo verdadeiro* para referir-se à forma verbal própria, morfológicamente marcada para o imperativo e usada para a segunda pessoa do discurso (singular e plural) e *imperativo surrogate* para referir-se às formas substitutas ou supletivas, aquelas que se referem às demais pessoas do imperativo afirmativo e a todas as pessoas do imperativo negativo, podendo ser realizadas pelo indicativo, subjuntivo, infinitivo. Entre as línguas que têm imperativo marcado morfológicamente, as autoras distinguem aquelas que não negam o imperativo

denominado de verdadeiro – como o espanhol castelhano -, línguas de classe I; e aquelas que negam o imperativo verdadeiro - como o búlgaro e o servo-croata -, denominadas línguas de classe II. As autoras distinguem essas línguas também em função da posição do clítico: em línguas de classe I, no imperativo, o clítico vem em posição enclítica (depois do verbo); no indicativo e no subjuntivo, o clítico vem em posição proclítica (antes do verbo). Já nas línguas de classe II, o clítico vem sempre em segunda posição, depois do verbo, em função de uma exigência prosódica das línguas.

Dessa forma, vemos que há um conjunto de línguas que apresentam uma sintaxe específica para as formas imperativas, por isso a denominação de imperativo verdadeiro; por outro lado, há um conjunto de línguas que não apresentam sintaxe específica para as formas imperativas, daí a denominação de imperativo *surrogate* ou supletivo ou, ainda, substituto.³

Nesse sentido, constata-se que a caracterização de Cunha & Cintra (1985) corresponde ao contraste ‘imperativo verdadeiro’ e ‘imperativo *surrogate*’, formulado em Rivero (1994). Fazendo-se uma generalização, a gramática tradicional afirma, portanto, que o imperativo gramatical no português brasileiro codificado apresenta formas do imperativo verdadeiro para as segundas pessoas do afirmativo, conforme ilustra (10)⁴, e formas do imperativo *surrogate* para as demais pessoas do afirmativo, em (11), e para todas as pessoas do imperativo negativo, como ilustram (12) e (13). Consideramos, dessa forma, a seguinte associação: o imperativo verdadeiro na terminologia de Rivero (1994) corresponde, sincronicamente, no português brasileiro, às formas associadas ao modo indicativo; o imperativo *surrogate* corresponde às formas associadas ao modo subjuntivo.

(10) Pega teu livro.

IMP AFIRM 2S (imperativo verdadeiro ou imperativo associado ao indicativo)

(11) Pegue seu livro.

IMP AFIRM 3S (imperativo *surrogate* ou imperativo associado ao subjuntivo)

³ Deve-se ressaltar que a terminologia “verdadeiro” e “supletivo” não implica nenhum tipo de preconceito; mas, sim, relaciona-se às propriedades sintáticas da língua.

⁴ Os exemplos de (10) a (13) são da intuição, haja vista o fato de não encontramos dados, nos *corpora* investigados, que ilustrem os casos descritos.

- (12) Não pegues teu livro.
IMP NEG 2S (imperativo *surrogate* ou imperativo associado ao subjuntivo)
- (13) Não pegue seu livro.
IMP NEG 3S (imperativo *surrogate* ou imperativo associado ao subjuntivo)

Devemos ressaltar que, no português brasileiro, usado em circunstâncias reais, essa correlação entre as formas pronominais e as formas verbais apresenta-se em variação no uso do imperativo falado e escrito, especialmente no contexto de uso do pronome *você*. Como já ressaltamos, no contexto de uso do pronome *tu*, nos dados de fortalezenses que vieram para Brasília, o imperativo está categoricamente associado à forma indicativa.

Para o português europeu, pesquisadores afirmam que a associação à pessoa está relacionada a julgamentos de [+/-] proximidade. Segundo Faraco (1996: 63), em Portugal, o uso de pronome *tu* é de uso corrente no tratamento íntimo; já o uso do pronome *você* se dá “entre iguais não-solidários e com interlocutores de *status* social inferior”. No português brasileiro, essa distinção não é evidente e tem sido estudada por vários pesquisadores que analisam sua distribuição nas regiões do Brasil (cf. também Menon & Loregian-Penkal, 2002; Loregian-Penkal, 2004).

No português europeu, formas imperativas como *Faz o dever* e *Diz a verdade* são usadas em contexto de pronome *tu* e refletem traços de [+] proximidade; enquanto formas como *Faça o dever* e *Diga a verdade* são usadas em contexto de pronome *você* e refletem traços de [-] proximidade (cf. Sampaio, 2001:126). No português brasileiro, estão sendo investigadas as relações de [+/-] proximidade, nesses contextos discursivos, com o objetivo de se avaliar a possível presença desses traços nas diversas regiões do Brasil (cf. Scherre, 2006; Cardoso, 2006).

A investigação desses aspectos contribui para ampliar a compreensão acerca do uso variável do imperativo considerando a região Nordeste e a Centro-Oeste – regiões de origem dos falantes investigados. Veremos que as diferenças diatópicas, bem como os índices de mudança linguística que têm sido evidenciados pelas pesquisas, não ocorrem apenas em função de aspectos linguísticos e sociais inerentes aos falantes, mas também em função de questões culturais e identitárias que são objetos de estudo desta pesquisa.

Para efeito de clareza, ressaltamos que, a partir de agora, será adotado o termo “imperativo associado ao indicativo”⁵ para se referir às formas imperativas consideradas próprias ou verdadeiras – aquelas associadas, sincronicamente, à forma indicativa no português brasileiro do tipo *faz/diz*, e “imperativo associado ao subjuntivo” para se referir ao imperativo denominado *surrogate*, nos termos de Rivero (1994), que é o imperativo associado à forma subjuntiva, do tipo *faça/diga*.

1.2 Relação entre o uso variável do imperativo e as propriedades morfossintáticas do português brasileiro

A análise diacrônica de fatores históricos e morfossintáticos contribui para o entendimento desse fenômeno variável, mostrando a relação entre as formas verbais do modo indicativo e do imperativo e o processo de mudança pelo qual passou o sistema pronominal no português brasileiro, a saber, a alternância dos pronomes *tu/você* na segunda pessoa do singular.

1.2.1 Aspectos históricos

Historicamente, segundo Faraco (1996: 5), a queda do *-t* final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo latino provocou uma homonímia entre essa forma verbal e a forma do imperativo associado ao indicativo - a segunda pessoa do singular, conforme ilustrado em (14).

Os exemplos em (15) e (16) ilustram esse fenômeno, com o verbo *deixar* no modo indicativo e no modo imperativo, respectivamente.

(14) cantat > canta

(15) O pai DEIXA a luz acesa. (dado da intuição)
IND 3S

(16) – Pai, DEIXA a luz acesa, por favor. (Cris, dado 28)
IMP 2S

⁵ Para efeito de coesão, usaremos, em alguns contextos, “forma indicativa” e “forma subjuntiva”.

1.2.2 Aspectos diacrônicos da mudança pronominal

A análise de fatores sócio-históricos que provocaram mudanças no sistema pronominal do português brasileiro e o estudo do comportamento das formas pronominais *tu* e *você* e dos traços de [-+] distanciamento - presentes de forma mais explícita no português brasileiro até o século XIX - trazem evidências diacrônicas para entender o uso variável do imperativo atualmente, no contexto de uso do pronome *você*, em construções afirmativas.

Segundo Said Ali (1976), o pronome *tu* exibe o estatuto de tratamento de intimidade, desde o latim, com a prática de usar a forma *vós* para mostrar deferência, quando era empregada para pessoa única. Durante o século XV, ocorreram, na Europa, mudanças nas estruturas sociais, econômicas e políticas. O pronome *vós*, forma de tratamento formal usada até então, não contemplava mais as necessidades impostas pela sociedade para marcar poder, sendo substituído por *Vossa Mercê*. Nesse período, a língua portuguesa recebeu influência das contribuições trazidas pelos navegadores portugueses que, em suas viagens pelo mundo, conheceram e assimilaram outras culturas e línguas.

O aparecimento e a expansão de novas classes sociais dominantes aceleraram a mudança nas formas de tratamento usadas até então. O tratamento *Vossa Mercê* deixou também de ser usado para se referir aos nobres e se popularizou, sendo usado como tratamento mais formal e co-ocorrendo com o *tu*, tratamento até então mais íntimo (cf. Faraco, 1996:62). As formas *Vossa Majestade* e *Vossa Excelência* passaram a ser usadas pelos nobres que não apreciavam mais o tratamento *Vossa Mercê*, pois sua popularização poderia simbolizar algum risco para o poder exercido pela nobreza.

No Brasil, *Vossa Mercê* se popularizou desde o início da colonização e assumiu, com o tempo, formas variantes até chegar, atualmente, à forma *você*⁶. Em algumas regiões, mais especificamente na região Centro-Oeste, e em algumas áreas das regiões Sudeste e Nordeste, o pronome de tratamento *você* foi-se estabelecendo no lugar do pronome *tu* – que era usado em contextos de informalidade até o século XIX (cf. Faraco, 1996; Scherre, 2003). Quanto a essa questão da mudança pronominal, Said Ali (1976:90) diz que há uma “variedade de formas pronominais que serve em parte para marcar a diferença ou igualdade de categoria entre duas pessoas”.

⁶ Não estamos discutindo, nesta pesquisa, as formas variantes do pronome *você*, a saber: *ocê* e *cê*.

Dessa forma, considerando para esse entendimento alguns aspectos diacrônicos e pensando na relação pronominal que existia no século XIX, tem-se que a forma *Vossa Mercê/você* era associada a um traço de relativa formalidade. Esse traço se manteve em Portugal em oposição ao pronome *tu*, que é de uso corrente no tratamento íntimo. Segundo Faraco (1996:63-64), o uso do pronome *você* em contexto de tratamento íntimo no Brasil tem sua explicação na história da formação do país. O autor diz que o uso de *Vossa Mercê* e de suas variantes era generalizado entre a população não-aristocrática de Portugal de onde vieram aqueles que chegaram ao Brasil como colonos; por outro lado, havia uma crise de tratamento entre os falantes de classe alta, cujos integrantes, em geral, não emigraram para o Brasil. Sendo assim, é provável que o traço semântico de [+] distanciamento, característico de Portugal, tenha se diluído em algumas regiões no Brasil; contudo, o uso do imperativo na forma subjuntiva predomina em alguns estados.

1.2.3 Aspectos sócio-históricos

Para a análise da oposição morfológica das formas imperativas nas diversas regiões, destacamos fatos do desenvolvimento da sociedade no Brasil e a evolução histórica da formação da língua portuguesa. Até o século XIX, de acordo com estudos de textos escritos, o falante usava, com mais frequência, o pronome *tu*, e produzia, predominantemente, o imperativo associado ao indicativo, ou seja, aquele associado à segunda pessoa do singular (cf. Said Ali, 1976; Paredes Silva *et al.*, 2000; Lucca, 2001⁷)

No século XX, conforme já foi dito, a forma *você* passa a predominar como forma pronominal de segunda pessoa, sendo que, nesse contexto, segundo a tradição gramatical, o imperativo é formado pelas formas associadas ao subjuntivo – a forma supletiva. Contudo, o falante, ao usar o pronome *você* como segunda pessoa gramatical, continua a usar o imperativo com a morfologia do imperativo verdadeiro, ou seja, aquela sincronicamente associada à forma indicativa. Esse uso, contudo, não é categórico. A forma associada ao subjuntivo também é usada em contextos semelhantes,

⁷ Lucca (2001), em estudo diacrônico para analisar a transição *tu/você* em Minas Gerais, examina correspondências íntimas entre mineiros e portugueses e peças teatrais dos séculos XIX e XX escritas por mineiros e portugueses. A autora diz que, no último quartel do século XIX, percebe-se o início de um período de transição da forma *tu* – forma mais íntima herdada dos portugueses – para a forma *Vossa Mercê/você* – forma de tratamento não-íntimo.

senão idênticos, com um mesmo valor de verdade. Há, todavia, contextos motivados por traços sintáticos - como presença e posição da negação e posição do clítico – que favorecem ora o uso do imperativo na forma indicativa, ora na forma subjuntiva, conforme será discutido no capítulo 6.⁸

Podemos postular que, do ponto de vista diacrônico, não houve mudança morfológica no uso desse modo verbal, mas sim uma confluência de formas verbais, de terceira e de segunda pessoa, em função da mudança no sistema pronominal, a saber: gramaticalização de *você*, que passa a fazer parte do sistema pronominal como 2ª pessoa do discurso e forma verbal antes de 3ª pessoa gramatical, perdendo gradualmente o estatuto de forma de tratamento, assumindo as características de pronome e co-ocorrendo com o pronome de segunda pessoa *tu* – segunda pessoa do discurso e segunda gramatical (cf. Sampaio, 2001; Lopes & Duarte, 2003; Andrade, 2004; Cardoso, 2006). Com essas mudanças ocorridas no sistema pronominal do português brasileiro, houve um esvaziamento dos traços lexicais codificadores de assimetrias de tratamento entre os interlocutores e as formas *você* e *tu* passam a ser usadas em contextos semelhantes.⁹

Encontramos outros fatos históricos que podem ser considerados na compreensão desse fenômeno variável do imperativo. Pessoa (2003:5), em seu estudo sobre variedades urbanas, faz referência a dois fatos importantes que também contribuíram para o surgimento das variedades linguísticas no Brasil: a migração e a política linguística. O intenso movimento migratório à época da descoberta do ouro provocou uma grande movimentação populacional interna, nos séculos XVI e XVII. O aumento populacional, por sua vez, fez surgir uma camada que dominava mais a leitura e a escrita e, já no final do século XVIII, surge um público leitor que tende a aumentar no século XIX. O segundo fato ao qual Pessoa se refere diz respeito ao efeito da política linguística, implementada pelo Marquês de Pombal no século XVIII. As reformas pombalinas na área da instrução visaram à expulsão dos jesuítas – vistos como incentivadores das línguas gerais - e à imposição da língua portuguesa por meio de seu ensino. Esses fatos teriam, segundo Pessoa, desempenhado importante papel na formação da língua comum, ou seja, do português brasileiro.

⁸ Vários pesquisadores têm tratado do assunto, em especial, Scherre (2004); Cardoso (2006); Jesus (2006); Scherre *et al.* (2007).

⁹ Conforme estamos mostrando nesta pesquisa, o uso do *tu* e do *você* em contextos semelhantes não é evidente em todas as regiões do Brasil.

No século XIX, esse processo de mudança da língua se consolida com a vinda da família real para o Brasil, fato que propiciou mudanças fundamentais para a sociedade da época. A chegada da imprensa, das primeiras faculdades, da biblioteca pública são novidades que criam uma situação mais favorável para o desenvolvimento da cultura urbana. Na literatura, os textos escritos em folhetins vão refletir a variedade oral dominante no Rio de Janeiro. Esse processo de urbanização pelo qual vão passando os centros urbanos no Brasil favorece a mudança na escrita, refletindo a consolidação do português brasileiro.

Pessoa (2003:5) afirma que, ainda no século XIX, a formação de uma consciência crítica nacional aliada à difusão da imprensa favoreceu a renovação linguística. Depois, já no século XX, o nacionalismo e a Semana de Arte Moderna, com sua proposta de renovação linguística, contribuíram para o favorecimento da consciência de uma variante brasileira da língua portuguesa. Essa língua que se configura no Brasil é chamada por Pessoa de português comum brasileiro e foi-se formando gradativamente com a união das variedades linguísticas que ocorre em função das mudanças sociais, políticas e culturais ocorridas, essencialmente, nos séculos XVIII, XIX e XX.

Paredes Silva *et al.* (2000), ao pesquisar a variação pronominal e a forma do imperativo em dados retirados de peças teatrais dos séculos XIX e XX, também identificou, no movimento modernista, um marco na trajetória da variação desses fenômenos linguísticos. A autora chama as formas de imperativo associado ao indicativo em contexto de você de “imperativo brasileiro”.

Alkmim (2001:320-326) registra dados de imperativo associado ao indicativo. Com base em documentação de historiadores, peças teatrais e charges, a pesquisadora encontra essa forma na representação da fala de negros, como por exemplo “*presenta nas eleição*”. A pesquisadora afirma que as informações contidas em seu trabalho não permitem generalizações, porém são fatos importantes para pesquisas futuras. Além disso, encontram-se, em seu texto, dados de estruturas negativas com dupla negação, como “*não mata ela, não...*”; “*mas água não fartava, não...*”. Estas estruturas com negação pós-verbal e dupla negação em orações imperativas são interpretadas, em nossa pesquisa, como estruturas que favorecem o uso do imperativo associado ao indicativo – a forma menos marcada e com traços de [-] distanciamento.

Para compreender um pouco mais sobre a relação entre o uso de *tu* e *você* no português brasileiro e o uso do imperativo, buscamos as correlações apresentadas em

Ramos (1997; 1998), que discute sobre a causa da entrada do *você* no dialeto mineiro. A pesquisadora mostra a correlação entre o uso do *tu* e do *você* em Portugal e no Brasil. No português europeu, o uso de *você* se dá entre “iguais não-solidários e com interlocutores de *status* social inferior” e o uso do *tu* corresponde a tratamento íntimo e em expansão.

Essas questões, a princípio, poderiam criar um paradoxo para a nossa hipótese. Tendo o *você* predominado no dialeto mineiro, e, considerando a hipótese de que o traço de [+] distanciamento do *você*, no Nordeste, favoreceu o uso do imperativo associado ao subjuntivo, pergunta-se: Por que essa forma não predominou em Minas, e em toda região Centro-Oeste e Sudeste, já que nessas regiões também prevaleceu o uso do pronome *você*?

Considerando essa configuração, e todos os aspectos sócio-históricos analisados, podemos chegar a algumas considerações parciais sobre o uso do modo imperativo em algumas regiões brasileiras, a saber:

- i. traços de [+/-] distanciamento não marcam de forma clara e inequívoca, sincronicamente, o uso do modo imperativo no português brasileiro. A existência de traços que marcam relações simétricas e assimétricas no dialeto nordestino deve ser investigada criteriosamente, em trabalhos futuros, por meio da ampliação da análise dos dados, para que se confirme – ou não – a hipótese de que o imperativo associado ao subjuntivo se mantém no Nordeste em função da manutenção desses traços de [+/-] distanciamento;
- ii. o pronome *você* passa a fazer parte do sistema pronominal como 2ª pessoa do discurso e 3ª pessoa gramatical, mantendo também o estatuto de forma de tratamento, assim como o pronome *tu*, em contextos específicos, como nas relações interacionais para marcar [+/-] distanciamento;
- iii. em grande parte da região Sudeste e na região Centro-Oeste, em função de aspectos sócio-históricos, o *tu* - forma mais íntima, até o século XIX – dá lugar ao *você*, sendo que o uso do modo imperativo continua a ocorrer em sua forma associada ao indicativo, em função da confluência de traços.

1.2.4 Aspectos morfológicos

A análise das mudanças ocorridas no sistema pronominal do português contribui para que se compreenda, por exemplo, a relação entre a variação no uso do imperativo gramatical e a pessoa do discurso, conforme já salientamos. Faraco (1996:53) diz que a mudança no sistema de tratamento no português é uma evidência de que mudanças sociais podem desencadear mudanças linguísticas e que estas, por sua vez, “desencadeiam uma série de outras mudanças internas”. Podemos afirmar que o uso do pronome *você*, no português brasileiro, em alternância à forma *tu*, para segunda pessoa, interferiu no processo de variação do imperativo gramatical no português brasileiro. Os aspectos descritos a seguir mostram esse processo de variação e mudança.

- a. A gramaticalização/pronominalização de “você”, que passa a fazer parte do sistema pronominal como 2ª pessoa do discurso e 3ª pessoa gramatical, perdendo gradualmente o estatuto de forma de tratamento e assumindo também as características de pronome (cf. Faraco, 1996; Lopes & Duarte, 2003; Andrade, 2004), conforme ilustra (17) e (18).¹⁰

(17) Vossa Mercê > Você

(18) Você canta.
PRON 2S + V 3S

- b. O uso variável das formas pronominais *tu/você* para 2ª pessoa do discurso (cf. Paredes Silva *et al.*, 2000; Lopes & Duarte, 2003).

(19) Tu cantas. / Você canta.
PRON 2S + V 2S / PRON 2S + V 3S

¹⁰ Em relação ao processo de gramaticalização da forma ‘você’ no sistema pronominal do PB, além da difusão/ frequência da forma e do esvaziamento de traços lexicais codificadores de assimetrias de tratamento entre os interlocutores, aspectos formais, como a redução fonológica e a distribuição sintática, têm sido mencionados para justificar esse processo (para uma revisão dos argumentos e um estudo das formas variantes do pronome ‘você’ no PB, veja-se Andrade (2004), e referências lá citadas).

- c. Uso variável da forma com e sem a marca morfológica de 2ª pessoa (caso (20)); neutralização da forma verbal de 2ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do singular do modo indicativo (caso (21)).

(20) Tu cantas > Tu canta

(21) Tu canta / Você canta / Ele canta

PRON 2S + V 3S / PRON 2S + V 3S/ PRON 3S + V 3S

Em face da descrição desses fenômenos, é possível supor que o uso variável das formas do imperativo gramatical no português brasileiro está associado à neutralização das formas verbais de 2ª e 3ª pessoa em articulação com a neutralização das formas pronominais de 2ª pessoa do discurso. Até o século XIX, de acordo com estudos de textos escritos, o uso do pronome *tu* era mais produtivo. Segundo Lopes & Duarte (2003), o percentual de uso do *tu* chegou a 90% na primeira metade do século XIX; no fim desse século, sofre um declínio, voltando ao índice do século XVIII, de 60%. Nesses períodos, o pronome *você* mantém o percentual médio de 10% e, a partir da segunda metade do XIX, polariza-se com *tu*.

No século XX, os estudos mostram que a inserção do pronome *você* no sistema pronominal do português brasileiro não substituiu o uso do *tu*¹¹. Ao contrário, tem-se, em várias regiões do Brasil, um uso variável desses dois pronomes que se refletiu no uso variável das formas verbais do modo imperativo (cf. Paredes, 2000:122). Tudo indica que, no uso do imperativo, o falante não faz associação à pessoa do discurso e, motivado por fatores linguísticos e não-linguísticos, usa o imperativo na forma indicativa e na forma subjuntiva em contextos semelhantes, senão idênticos, com um mesmo valor de verdade, a saber, como ato diretivo.

1.3 Aspectos sintáticos e semânticos que caracterizam a expressão do imperativo gramatical no português brasileiro

O imperativo gramatical no português brasileiro apresenta algumas características sintáticas e semânticas que lhe asseguram a força imperativa. Duas dessas características são descritas a seguir.

¹¹ Para mais detalhes da distribuição do par *tu/você*, conferir Lucca (2001) e Dias (2007), para Brasília; Lucca (2005), para Minas Gerais; Menon & Loregian-Penkall (2002), para a região Sul.

1.3.1 Traços que caracterizam o sujeito e o vocativo na estrutura imperativa

Associada ao contexto discursivo, a realização nula do sujeito na frase pode ser vista como uma forma de codificação gramatical do modo imperativo no português brasileiro, conforme ilustrado em (22). Diferentemente, o sujeito com matriz fonológica (isto é, o sujeito com realização lexical), geralmente, permite uma leitura assertiva, conforme ilustrado em (23).

(22) Δ FAZ o dever!¹²

(23) Ele / Você faz o dever.

É interessante notar que a construção com sujeito expreso realizado pela forma pronominal ‘você’, em (23), produz um resultado ambíguo em relação a uma leitura assertiva ou diretiva, conforme veremos também no exemplo (27).

Segundo Chierchia (2003:222), a força assertiva equivale a “afirmar que o mundo satisfaz suas condições de verdade”. Os imperativos, por sua vez, “podem ser analisados em termos das condições de verdade das proposições que descrevem a execução adequada da ordem que eles expressam”¹³. Em (23), o objetivo do ato de fala é associar o sujeito ao valor expreso pela proposição; já em (22), esse objetivo é o de fazer com que o destinatário realize no futuro a ação verbal da proposição que está sendo proferida no presente (cf. Mateus *et al.*, 2003:74).

A ausência do tempo é outro aspecto que se evidencia nas orações imperativas (cf. Bárbara, 1975:75). Podemos confirmar essa característica gramatical do imperativo, discutindo os exemplos em (22) e (23). Em (23), há a presença da marca de tempo no verbo, caracterizando o presente do indicativo, situando o momento da asserção referida ao sujeito. Já em (22), a ação proferida em um momento qualquer, será ou não executada unicamente em um tempo posterior, não definido pelo verbo, que, no caso, não tem desinência temporal. A presença de um advérbio pode situar o conteúdo do ato diretivo em um futuro mais próximo ou não, conforme veremos no exemplo (27). Isso não significa que o imperativo tem um tempo futuro, mas sim “pressupõe posteridade em termos de execução da ação que ordena” (Bárbara, 1975:84).

¹² Os exemplos de (22) a (25) são dados da intuição. Os exemplos de (26) a (28) são exemplos da língua escrita

¹³ O imperativo, por ser ato diretivo, pode assumir valor de ordem, conselho, súplica ou pedido.

Mateus *et al.*. (2003:457) observam que o sujeito, nas frases imperativas, designa o ouvinte, conforme exemplo em (22), em que a morfologia desinencial do verbo remete à 2ª pessoa do discurso. O sujeito também pode englobar o locutor, no caso do imperativo na primeira pessoa do plural, como ilustra (24). O constituinte ‘Joana’, por sua vez, em (25), é interpretado pelas autoras como uma expressão nominal pré-verbal ou pós-verbal correferencial com o sujeito, mas realizada como vocativo.

(24) Façamos o dever.

(25) Joana, faz o dever.

Para Barbara (1975), o sujeito de orações imperativas é um pronome de segunda pessoa. Nesses termos, na estrutura imperativa em (25), o sujeito é nulo e corresponde ao pronome *você*. Ocorrem, também, no português brasileiro, casos em que o sujeito da oração imperativa tem matriz fonológica, conforme se ilustra nos exemplos (26), (27) e (28). As propriedades do sujeito do imperativo e do vocativo são interpretadas por Mateus *et al.* (2003) em função de sua posição na oração. Em posição periférica pré ou pós-verbal, as autoras chamam a expressão nominal de ‘vocativo’, no caso do exemplo em (25), em que o nome ‘Joana’ encontra-se separado pela pausa expressa pela vírgula. Nos contextos em que a expressão que designa o sujeito está em posição não-periférica, sem pausa alguma, as autoras dizem que o sujeito está focalizado, conforme ocorre nos exemplos de (26) a (28).

(26) VOCÊ ESPERE aí que eu vou dar uma lição nele - disse Domício e saiu correndo atrás do investigador. (Veiga, 1997)

(27) - Agora VOCÊ FAZ uma garrucha e VIRA caçador - disse eu, apenas para continuar a conversa.(Veiga, 1997)

(28) Não PENSE O SENHOR que eu estou duvidando de sua palavra - concluiu ele. (Veiga, 1997)

Para as autoras, apenas pronomes pessoais e de tratamento podem ocupar essas posições. Em (26) e (28), o uso da forma subjuntiva assegura, de maneira inequívoca, a leitura imperativa da oração. Em (27), consideramos que o uso do advérbio ‘agora’, em composição com o uso do imperativo associado ao indicativo e do sujeito focalizado,

assegura a leitura imperativa da frase, situando o ato diretivo em um tempo mais próximo, já que a forma imperativa do verbo não contém tempo.

Diferentemente, Faraco (1986:5-6) diz que a ausência do sujeito superficial é uma das características das sentenças imperativas. Para ele, o exemplo “Você canta essa música agora” ilustra um ato de fala impositivo em uma sentença declarativa; não se tratando, portanto, de sentença imperativa. Ele cita também o exemplo de um ato de fala impositivo em uma sentença interrogativa “(Você) canta essa música agora?”, mostrando que a ausência do ‘você’ não traria uma interpretação imperativa à sentença, em função dos padrões entoacionais.

Para Portner & Zanuttini (2003), a força imperativa da oração reside no valor semântico do sujeito, que, diferentemente dos outros tipos frasais, como declarativas, interrogativas e exclamativas, está centrado no ouvinte. Para que sejam satisfeitas as condições de leitura imperativa, o sujeito deve ser aquele a quem se dirige o ato diretivo, sendo que este sujeito está na situação de acatar ou não o conteúdo semântico e pragmático dessa oração. Os autores citam dois componentes de significado que devem estar presentes na formação do imperativo: um semântico, que se refere ao indivíduo, ao ouvinte; um sintático, constituído de elementos que garantem o estatuto do tipo frasal por meio de uma combinação de características gramaticais.

Alguns autores consideram que o vocativo e o sujeito do imperativo são duas instâncias do mesmo fenômeno (Thorne, 1966: *apud* Jensen, 2004). Contudo Jensen (2004) identifica critérios que os diferenciam, baseando-se nos critérios definidos por Potsdam (*apud* Jensen, 2004). No português brasileiro, o vocativo e o sujeito do imperativo apresentam características distintas. Não há uma marca fonológica e morfológica que os diferencie, mas há uma entonação especial no caso do vocativo, ou seja, a prosódia é responsável por assegurar a diferença entre sujeito e vocativo. Em termos semânticos, nas estruturas aqui ilustradas, podemos afirmar que tanto o vocativo quanto o sujeito se referem apenas ao destinatário. Para o autor, outro traço que marca a forma imperativa é a concordância. O verbo concorda com o sujeito nas declarativas e na frase imperativa, não há, necessariamente, concordância de pessoa entre o verbo e o vocativo.

A seguir, discutiremos outros traços que caracterizam o imperativo no português brasileiro.

1.3.2 Uso da forma verbal subjuntiva na oração independente

O uso da forma verbal do subjuntivo em uma oração independente (matriz) assegura a leitura imperativa da frase (cf. Scherre *et al.*, 1998), conforme ilustra o exemplo em (29), enquanto na oração encaixada, em (30), por exemplo, a forma do subjuntivo enuncia uma ação incerta que tem relação com o desejo do enunciador (cf. Cunha & Cintra, 1985:461).

- (29) FAÇA o dever.
(30) Espero que Joana faça o dever.

Para Mateus *et al.* (2003:455), há frases imperativas diretas e indiretas: enquanto as diretas são independentes e o ouvinte é o destinatário do ato proferido (cf. (31) e (32)); as indiretas ocorrem em “domínios de subordinação” e o ouvinte “é o veículo de transmissão” do ato proferido pelo locutor (33).

O exemplo em (33) é um caso de imperativa indireta; note-se, porém, que nesse caso o uso do imperativo associado ao indicativo não é possível, como mostra a impossibilidade de (34). Em (32), na oração independente, não haveria restrição ao uso dessa forma verbal. Para Rivero (1994), uma das propriedades do imperativo verdadeiro é sua realização apenas na oração independente. Segundo a autora, as outras duas propriedades do imperativo verdadeiro são: o imperativo verdadeiro não pode ser negado e o clítico sempre segue essa forma verbal (cf. também Scherre *et al.*, 2007). Do ponto de vista sintático, a oração em (34) faz parte de uma estrutura de subordinação, contexto em que não ocorre o imperativo verdadeiro no sentido histórico do termo. Caso a oração matriz ou principal estivesse explícita, dependendo de seu verbo, seria possível a alternância indicativo/subjuntivo, como em (35), mas haveria restrição sintática, em função do contexto de subordinação, para o uso do imperativo associado ao indicativo.

- (31) Joana, FAÇA o dever!
(32) Joana, FAZ o dever!
(33) Que Joana faça o dever!
(34) * Que Joana faz o dever!
(35) Acredito que Joana faça o dever. /Acredito que Joana faz o dever

(36) (Ela/ Joana) FAZ o dever.

O uso de formas verbais de um modo em contexto de outro, a saber, a forma subjuntiva e a indicativa em estruturas do imperativo, provoca alteração de alguns traços semânticos desses verbos e, ao mesmo tempo, mantém outros. Para Mateus *et al.* (2003:258), a análise do “conjuntivo tem sido controversa, uma vez que não está claro se de facto as suas formas são portadoras de significado ou se são semanticamente vazias, surgindo apenas por exigências das construções sintáticas”. Essa exigência da construção sintática pode ser notada nos exemplos de (30) a (36).

Em (35), o verbo da oração encaixada apresenta o modo subjuntivo, que, tradicionalmente, associa-se à incerteza e a ideia de tempo futuro. Em (31), o uso do subjuntivo, na oração matriz, caracteriza, inequivocamente, essa estrutura como de leitura imperativa. Em relação aos traços do modo subjuntivo, pode-se afirmar que se mantém a ideia de futuro, mas não no sentido de tempo do verbo, mas sim assegurando a ideia de posteridade na execução do ato. A ideia de incerteza está, semanticamente, relacionada à possibilidade de não cumprimento dessa ordem, ao passo que em (30) a incerteza centra-se no sujeito e no verbo de expectativa ‘esperar’. Em (32), tem-se o imperativo associado ao indicativo que, sincronicamente, é uma forma homônima do modo indicativo em (36). Observa-se, contudo, a existência de um traço de tempo que marca o presente do indicativo em (36); já em (32), não há esse traço, mas sim o traço da pressuposição do ato diretivo, que será (ou não) executado no futuro. Diferem-se, também, as duas estruturas em função da manifestação do sujeito que em (36), sendo ou não expresso, é o termo com o qual o verbo concorda e no qual se centra a ação verbal. Em (32), a ação proferida pelo verbo envolve não só o locutor, mas também o ouvinte ao qual o ato é dirigido para ser ou não cumprido (cf. Mateus *et al.*, 2003:455).

Em resumo, no português brasileiro, o uso da forma subjuntiva na oração independente é o que assegura a leitura imperativa da frase, ainda que pareça paradoxal, considerando a ideia de que, sintaticamente, esta forma não é a do denominado imperativo verdadeiro. O uso do imperativo associado ao indicativo, em alguns contextos, pode precisar de âncoras discursivas (vocativo, prosódia, advérbio) que forneçam evidências de que se trata de uma frase imperativa e não de uma frase assertiva, com sujeito nulo, conforme exemplo em (36) (cf. também Scherre, 2002, 2004; Scherre *et al.*, 2005, 2007).

A possibilidade de perda da leitura imperativa em frases construídas com a forma associada ao indicativo pode ser um indício da perda gradual da oposição morfológica entre o imperativo na forma indicativa (*faz, leva, vem*) e na forma subjuntiva (*faça, leve, venha*). Levantamos a hipótese de que a necessidade de apoio discursivo se dá em função do enfraquecimento dos traços do imperativo associado ao indicativo, que apresenta, no português brasileiro, um traço [-] marcado, em termos de frequência e complexidade cognitiva, nos termos de Givón (1995:28)¹⁴. O princípio da marcação, segundo o autor, pressupõe uma noção de complexidade: a marca é a estrutura mais complexa e a não-marca é a estrutura mais simples. Givón define três critérios usados para distinguir estruturas mais marcadas das menos marcadas:

- i. complexidade estrutural – categorias marcadas tendem a ter uma estrutura mais complexa ou maior;
- ii. distribuição da frequência - categorias mais marcadas são as menos frequentes e cognitivamente mais salientes;
- iii. complexidade cognitiva - categorias marcadas tendem a ter estruturas cognitivas mais complexas. Considera-se para a análise o esforço mental, a atenção despendida e o tempo de processamento.¹⁵

Ao contrário do modo indicativo, o subjuntivo apresenta características de categoria [+] marcada e, quando está na oração independente, não apresenta dependência do contexto (cf. Câmara Jr., 1979:133), assegurando, quase sempre, a força imperativa da oração. A reanálise do *você*, que passa a integrar o sistema pronominal do português brasileiro como 2ª pessoa do discurso, e a neutralização das formas verbais de 2ª e 3ª pessoa também são fatores que podem ter contribuído para esse enfraquecimento da morfologia do imperativo associado ao indicativo.

¹⁴ Para Givón, a noção de marcação está implícita na análise linguística e isto é refletido pela própria tradição ao investigar estruturas consideradas mais simples antes de estudar as mais complexas – ativas antes de passivas, afirmação antes de negação, oração principal antes de subordinadas.

¹⁵ Há também uma outra noção de marcação que se refere a uma extensão do que Naro (1981) denomina saliência fônica na relação interna entre a forma verbal singular/plural para a concordância de número. Nestes termos, são menos salientes - menos marcadas - as formas que apresentam menor diferenciação interna nessa relação indicativo/subjuntivo (*fala/fale; venda/vende*) e são mais salientes - marcadas - as formas que envolvem maior diferenciação nessa relação (*faz/faça; vê/veja*).

Além dos aspectos sintáticos citados – em particular a correlação com a realização nula do sujeito e com a ocorrência em orações independentes (ou orações raiz) –, outro aspecto relevante é a relação entre a expressão do imperativo gramatical e a sintaxe da negação. Essa relação é particularmente interessante no caso do português brasileiro, que apresenta características singulares na sintaxe de negação, quando comparado a outras línguas românicas. Esse aspecto será analisado no capítulo 6, quando será analisada a variável independente polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome no contexto discursivo.

2. CONCEITOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO E MUDANÇA

Os estudos de Labov, desde a publicação de *Sociolinguistic Patterns* em 1972, foram fundamentais para que fatores de natureza social e estilística passassem a ser considerados nos estudos da língua. Além disso, a sociolinguística variacionista, por meio de suas teorias e de seu aparato metodológico, veio trazer instrumentos imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística.

Com o auxílio desse instrumental teórico, buscamos compreender o processo de variação e mudança no uso do imperativo evidenciado no grupo de falantes fortalezenses, entrevistados para esta pesquisa, e que moram atualmente no Distrito Federal (DF). Esta é uma região para onde confluíram pessoas com valores e identidades culturais diversas e de diferentes regiões do Brasil (cf. capítulo 4) e onde, hoje, nos enunciados dos nascidos no Distrito Federal – os brasilienses - predomina o uso do imperativo associado à forma indicativa em mais de 90% dos casos, conforme atestam as pesquisas anteriores à nossa (cf. Scherre *et al.*, 1998; Neta, 2000; Ferreira & Alves, 2001; Silva, 2003; Lima, 2005). O objetivo é analisar os resultados estatísticos em relação ao uso variável do imperativo nesse grupo que veio de Fortaleza – região cujo uso do imperativo associado ao indicativo é da ordem de 40%. Pretendemos mostrar que os fatores *gênero* e *identidade do falante* têm influência relevante nos resultados encontrados.

2.1 Aspectos teóricos da mudança linguística

As línguas mudam e esse fato há muito tem sido discutido por pesquisadores e teóricos de várias áreas da linguística sob diferentes perspectivas. As mudanças podem atingir vários níveis da estrutura como a morfossintaxe, o léxico, a fonologia; manifestam-se nas diferenças entre uma língua e outra e também na mesma língua; entre os falantes ou em um mesmo falante, em diferentes graus (cf. Labov, 2001; Weinreich, Labov e Herzog, 1968).

Weinreich, Labov e Herzog (1968), baseando-se em evidências empíricas acerca dos fatos da língua, argumentam a favor da heterogeneidade ordenada, descartando a ideia de homogeneidade linguística. Para os autores, a partir da década de 50, a

concepção da palavra teoria se fortalece com as ideias de Chomsky acerca da teoria da gramática e isso tem um impacto sobre o estudo da mudança linguística. Eles apresentam duas versões para uma teoria da mudança: uma forte, que, tendo como base a descrição de uma língua em um dado período, daria conta de prever o curso de desenvolvimento dessa língua; outra fraca, que diria que toda língua muda, embora condicionada por fatores e sem violar seus princípios formais. Segundo os autores, as duas versões apresentam problemas, pois têm como base a teoria gerativa, que vê a língua como objeto homogêneo; para se falar em teoria da mudança é necessário ver a língua “como objeto constituído de heterogeneidade ordenada”, considerando a interferência não só de fatores linguísticos mas também de fatores sociais. Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), estruturas heterogêneas têm a ver com a competência linguística monolíngue, não com o desempenho, ao contrário do que é postulado pelo gerativismo da década de 60, cujo foco é o entendimento das propriedades universais das línguas humanas e não a variação linguística.

Os autores discutem cinco problemas relacionados à mudança linguística que devem ser considerados em uma teoria da mudança: o problema dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação. A teoria gerativa também reconhece esses problemas colocados por Weinreich *et al.* (1968). Para Kroch (2003), partindo desses pressupostos teóricos, é possível que haja uma interação entre a teoria gerativa e a sociolinguística para dar conta de entender e explicar o que envolve cada um destes problemas descritos a seguir.

- i. **O problema dos fatores condicionantes** – Quais mudanças e condições são possíveis para a mudança em uma dada língua?
- ii. **O problema da transição** – Qual o percurso de uma dada mudança linguística e como se dá a mudança de traço de um indivíduo para outro? Para Weinreich *et al.* (1968), a mudança se dá quando um falante aprende uma forma nova, bem como quando as duas formas existem em contato até que uma das formas se torna obsoleta.
- iii. **O problema do encaixamento** – Como a mudança se relaciona a outros fatos da língua?
- iv. **O problema da avaliação** – Qual a consciência que os membros da comunidade têm da mudança linguística e como eles a avaliam?

- v. **A questão da implementação** – Por que a implementação de um traço ou de uma mudança ocorre em uma língua e não em outra?

Analisando a abordagem da sociolinguística, vê-se que ela busca uma resposta para a pergunta: por que as línguas mudam? Na perspectiva da sociolinguística, a língua é um sistema inerentemente heterogêneo. Nessa concepção, as respostas podem estar na abordagem de fatores linguísticos, mas também nos fatores externos à estrutura linguística. Para Ramos (1998:156), essa motivação externa pode ser interpretada como uma preocupação em se considerar interferência de fatores que refletem a história das línguas.

Segundo Labov (2001:261), esses problemas descritos identificam o domínio de fatores internos em dois de seus componentes: os fatores condicionantes e a transição de fatores externos em outros dois: a avaliação e a implementação e um que se aplica aos dois fatores: o encaixamento. Para Labov, a maioria dos estudos linguísticos ainda focaliza os aspectos internos. Isso acontece porque os linguistas lidam melhor com os aspectos estruturais visto que os aspectos sociais não têm o mesmo grau de sistematicidade. Contudo, vemos que muitos trabalhos variacionistas têm tratado das questões sociais, dentre as quais a questão do gênero que, segundo Labov (2001:264), é crucial, tanto para a análise das diferenças da fala entre homens e mulheres como para a investigação dos processos de mudança em curso (cf. também Eckert & McConnell-Ginet, 1992:463).

Segundo Labov (1975;1994), para que a mudança linguística seja compreendida, deve-se analisar sua origem, a forma de propagação para outros grupos e, eventualmente, a completa realização da variante que estava em competição, considerando fatores de ordem estrutural (intrínsecos ao sistema) e social (extrínsecos ao sistema). Em função da classe social e do nível de consciência que o falante tem da mudança, há basicamente dois tipos de mudança linguística: a mudança “*from above*”, que é introduzida pela classe social mais prestigiada e condicionada por fatores que atuam no nível da consciência; e a mudança “*from below*”, que é condicionada por pressões de classes sociais menos prestigiadas e atua abaixo do nível de consciência (cf. Labov, 1975:78; Labov, 2001).

As mudanças “*from above*” representam empréstimos de outras comunidades linguísticas que são mais prestigiadas na visão da classe social dominante. Às vezes, segundo Labov, por falta de consistência de aspectos linguísticos da nova forma, esses

empréstimos não atingem o vernáculo e ficam limitados a um dialeto, fato que impede que a mudança “*from above*” se integre ao resto do sistema.

As mudanças “*from below*” geralmente aparecem no vernáculo condicionadas por fatores internos ao sistema. A forma linguística tende a se generalizar sem que, necessariamente, o falante tenha noção de que está passando por esse processo de mudança.

Partindo do pressuposto de que a língua é um sistema que apresenta uma heterogeneidade ordenada, analisamos a variação e a mudança no uso do modo imperativo no português brasileiro como um fenômeno linguístico que se manifesta na estrutura morfossintática da oração e que se correlaciona com aspectos sócio-históricos da sociedade brasileira e com questões culturais e identitárias da comunidade de fala. Buscando a compreensão dessas concepções teóricas, apresentaremos a análise de fatores que interferem nesse processo, focalizando condicionamentos linguísticos e sociais e seu encaixamento na matriz linguística e social, nos termos de Weinreich *et al.* (1968).

Alguns desses aspectos que investigamos estão focalizados em Eckert (2005). A autora aponta que os estudos linguísticos caminham em três ondas não ordenadas. A primeira onda, diz a autora, é a iniciada por William Labov, em 1966, em seus estudos quantitativos da variação sobre a estratificação social do inglês em Nova York. Essa “onda” incluiria o trabalho com métodos quantitativos e análises para examinar a relação entre a “variação linguística e categorias demográficas como classe social, idade, sexo” (Eckert, 2005:03). A segunda onda se apoia em estudos etnográficos relacionando a variação e as categorias demográficas com o objetivo de investigar marcas identitárias inerentes aos grupos que usam essas variantes. Eckert diz que a terceira onda focaliza o significado social do uso das variantes e é construída a partir dos resultados das duas primeiras, indo além delas, haja vista a análise das variáveis na comunidade.

A pesquisa quantitativa fornece-nos suporte para interpretarmos evidências empíricas, tais como a distribuição das frequências de uso, sua direção e os contextos de ocorrência, contribuindo, dessa forma, para a explicação dos processos de mudança pelos quais a língua passa. Considerando as três ondas propostas por Eckert, vemos que este estudo investiga marcas identitárias dos falantes envolvidos no processo de variação no uso do imperativo, a partir da análise de categorias demográficas. Com base

nessas análises é possível partir para a investigação do significado social do uso das variáveis e da participação do indivíduo em sua comunidade.

2.2 Padrão e prestígio local na realização do modo imperativo no português brasileiro

As pesquisas sobre o uso do imperativo gramatical no português brasileiro revelam que a alternância *leva/leve; faz/faça; vem/venha* é um marcador geográfico importante para os estudos sociolinguísticos. Nas regiões Sul¹⁶, Sudeste e Centro-Oeste, o percentual médio de uso do imperativo associado ao indicativo do tipo *leva/faz/vem*, na língua falada, é da ordem de 90% (Scherre *et al.*, 1998; Neta, 2000; Ferreira & Alves, 2001; Silva, 2003; Lima, 2005; Sampaio, 2004). Já na região Nordeste, os estudos indicam que o uso dessa forma é da ordem máxima de 50%, na fala de Recife, podendo chegar a aproximadamente 30% em Salvador, 34% em João Pessoa e 40% em Fortaleza, regiões nas quais predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo do tipo *leve/faça/venha* (Sampaio, 2001; Alves, 2001; Jesus, 2006; Cardoso, 2006).

Observa-se, por meio da análise dos resultados apresentados nas pesquisas citadas, que, a princípio, nenhum desses usos sofre julgamento negativo de valor, não sendo tratado de forma preconceituosa ou discriminatória pela comunidade de fala na qual o falante está inserido. Nos termos de Givón (1995), podemos afirmar que existem formas [+] e [-] marcadas em termos de complexidade estrutural e de frequência. O imperativo na forma indicativa é o mais frequente - portanto o [-] marcado - no Brasil, visto que é a forma que predomina nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e parte da Sul. Trata-se também de uma estrutura [-] marcada em termos de complexidade, em função de sua associação ao indicativo, categoria considerada mais simples por ser também mais frequente em números absolutos e em contextos estruturais, portanto [-] marcada do que o subjuntivo.

Sendo assim, a avaliação de prestígio, que implica juízo de valor negativo ou positivo, não se correlaciona ao uso das formas variantes sob estudo, mas sim a aspectos socioeconômicos que caracterizam essas regiões do Brasil, podendo, em se tratando de mudança linguística, refletir-se na escolha por uma ou outra variante. Pesquisas têm

¹⁶ Na região Sul, o uso do imperativo verdadeiro é da ordem de 100% em Florianópolis (100%); já em Lages, segundo pesquisa de Bonfá, Pinto & Luiz (1997), o uso do imperativo na forma subjuntiva predomina em cerca de 79% dos casos.

mostrado que há uma leve tendência de mudança em direção ao uso do imperativo associado ao indicativo nas regiões em que predomina o imperativo associado ao subjuntivo (cf. Sampaio: 2001; Jesus: 2006; Cardoso, 2006). Essa escolha, conforme estamos analisando, tem relação com a marcação, nos termos de Givón, com o gênero do falante e com questões identitárias.

Milroy (2001) discute aspectos da ideologia que permeiam os estudos linguísticos, considerando que, embora não faça parte da teoria linguística, a ideologia é um componente significativo na discussão sobre língua-padrão e variantes de prestígio. O autor discute os conceitos de padronização afirmando que esse processo opera “promovendo a invariância e a uniformidade na estrutura linguística”. Acrescenta que, na literatura, há outros sentidos para padrão que têm a ver com desempenho e que implicam juízo de valor. Nessa concepção, geralmente os estudos linguísticos associam padrão à forma de prestígio e não à uniformidade. O autor lembra, contudo, que a forma de prestígio não é necessariamente sempre a forma considerada padrão. O prestígio, na realidade, não é da variedade linguística, mas sim da classe social na qual o falante se insere; já a uniformidade é “propriedade do sistema”.

No Brasil, vimos que em muitas regiões predomina o uso do imperativo associado ao indicativo em contexto de *você*. Esse uso, considerando o que prediz a gramática tradicional, não é o padrão, pois segundo a tradição gramatical, em contexto de pronome *você*, o padrão seria o uso do imperativo associado ao subjuntivo. Considerando a afirmação de Milroy sobre prestígio, vemos que, no que se refere ao uso do imperativo que predomina no Brasil, o prestígio da forma menos marcada pode estar relacionado com as questões de marcação, conforme já explicitado, e com a visão de prestígio das regiões em que essa forma predomina. A visão positiva do prestígio, quando se pensa na região centro-sul do país, é patente; contudo, considerando-se o domínio do imperativo associado ao indicativo nestas regiões, podemos afirmar que, em relação a esse uso, a noção de prestígio não faz parte do consciente do falante - a não ser que o faça de forma latente, visto que o uso do imperativo no português do Brasil não sofre juízo negativo de valor.

Na verdade, o que emerge como fundamental para a análise da mudança no uso do imperativo no português brasileiro, considerando Fortaleza e Distrito Federal (DF), são os aspectos externos à estrutura linguística como a interferência do gênero, bem como de questões identitárias.

2.3 A concepção de gênero

A variável independente *gênero* obteve significância estatística em todas as análises quantitativas realizadas em nossa pesquisa com os dados de falantes fortalezenses que migraram para o Distrito Federal. Dessa forma, foi necessário aprofundar os estudos acerca das variáveis sociais para entender seus efeitos na variação do fenômeno sob estudo.

O termo “gênero” é mais abrangente que “sexo”. Enquanto o segundo refere-se às diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, o primeiro traz conotações culturais que evidenciam diferenças sociais entre homens e mulheres assim como as relações de poder entre esses grupos, revelando a identidade de cada “sexo” dentro do grupo (cf. Cheshire, 2002). Essas posições sociais variam no tempo e refletem momentos históricos, políticos e sociais da humanidade, interferindo, por vezes, no desempenho linguístico dos falantes, assim como nos processos de variação e mudança linguística.

Considerando essa concepção, investigamos o gênero - fator de natureza externa à estrutura linguística - com o objetivo de confirmar a hipótese de que aspectos sócio-culturais da fala do homem e da mulher apresentam significância estatística no processo de mudança no uso do modo imperativo. Para a investigação, analisamos, inicialmente, dados de falantes de Fortaleza que se mudaram para o Distrito Federal há mais de dez anos, além de um *corpus* de controle, com dados de falantes nativos e moradores de Fortaleza¹⁷, buscando identificar os elementos favorecedores da mudança.

Vários autores têm investigado a influência da variável gênero buscando entender os efeitos desse fator em seus objetos de pesquisa. Segundo estudos de Labov (1990), a mulher de classe social mais baixa tende a usar a forma de prestígio de sua comunidade de fala. Esse comportamento se deve ao fato de ela ser mais consciente do *status*. Para Labov, homens tendem a usar com mais frequência que as mulheres a forma não-padrão; mulheres tendem a usar a forma inovadora e de prestígio.

Cheshire (2002) apresenta as ideias centrais que aparecem em estudos que discutem o gênero no processo de variação e mudança linguística: para Fasold (1990; *apud* Cheshire: 2002) as mulheres usam mais a forma padrão pois isso lhes permite pronunciar menos a voz local – aquela forma que mais se identifica com o uso local, sendo assim, protesta contra a norma tradicional que a coloca numa posição social

¹⁷ Os *corpora* analisados são: o Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) organizado pelo professor José Lemos Monteiro e o Dialetos Sociais Cearenses (DSC), organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares.

inferior ao homem; para Gordon (1997; *apud* Cheshire: 2002), há uma associação simbólica entre sotaque local, sintaxe não-padrão e promiscuidade, assim, a mulher da classe média evita essas formas para evitar essa associação; Deuchar (1988; *apud* Cheshire:2002), baseando-se na teoria da polidez, diz que o uso da forma padrão preserva a face da mulher em uma situação de interação na qual ela tem menos força.

Trudgill (1974) argumenta que a mulher adquire *status* social de forma indireta enquanto o homem o adquire por meio de sua ocupação (profissão) e demonstrando poder. Logo, a mulher marca seu *status* por meio do uso da forma padrão, de variantes de prestígio. Ela assegura seu *status* usando a linguagem mais padrão, enquanto a proporção maior de linguagem não-padrão na fala do homem pode ser explicada como uma direção não para as normas visíveis da comunidade, mas para o prestígio encoberto das formas das classes trabalhadoras, que simbolizam aspereza e resistência e estão associadas com a vida das classes trabalhadoras e com masculinidade; para Deborah James, (*apud* Cheshire, 2002), vários fatores podem interferir na escolha que a mulher faz das formas linguísticas: condições econômicas; oportunidades de emprego; educação; a soma do *status* e respeito concedido a ela e sua participação na vida pública.

Para Milroy (1992), é um engano dizer que as mulheres favorecem a forma de prestígio. Ao contrário, as mulheres produzem formas de prestígio no sentido de que as formas que elas usam se tornam formas de prestígio manifesto em sua comunidade. Para Labov (2001), as mulheres lideram a aquisição de novas formas de prestígio eliminando formas estigmatizadas.

Em estudo realizado sobre a alternância *tu/você* na região Sul, Loregian-Penkal (2004:138-139) encontrou resultados que revelam que as mulheres nas localidades de Florianópolis (SC), Blumenau (SC), Porto Alegre (RS) São Borja (RS) e Panambi (RS) são mais conservadoras quanto ao uso do *tu* – forma considerada identitária na região – do que os homens. Em Lages (SC), a pesquisadora encontrou resultados que mostram um favorecimento de uso do pronome *você* tanto para mulheres, com 77% de uso, quanto para os homens, com 90% de uso. É importante lembrar que, em Lages, o uso do imperativo associado ao subjuntivo, ao contrário do que ocorre nas demais cidades pesquisadas da região Sul, atinge cerca de 79% dos casos.

A importância do fator gênero tem aumentado nas últimas pesquisas e isso mostra a relevância desse fator na análise dos mecanismos sociais que interferem no fenômeno da mudança linguística. Cheshire diz que devemos lembrar que um único

fator não deve ser considerado para a variação no comportamento linguístico de homens e mulheres. Outros fatores sociais devem ser investigados como classe, idade, e grupo étnico dependendo do fenômeno que estamos observando. Para Labov (2001:262), a análise do fator gênero é crucial para mostrar a importância dos fatores sociais em uma análise linguística.

Eckert & Mc Connell-Ginet (1992) argumentam que o estudo do gênero deve ser visto com um aparato complexo. Seu trabalho etnográfico permite que elas investiguem diferentes aspectos da complexa relação entre variação linguística e gênero e considerem as implicações da expansão da mudança.

Todos esses estudos ajudam-nos a compreender como a construção do gênero, assim como sua interação com os demais fatores sociais, exerce um papel importante nos processos de variação e mudança linguística.

É preciso também, na análise do fenômeno de variação do modo imperativo, relacionar a esses fatores sociais discutidos até agora a análise dos aspectos discursivos – âncoras discursivas, como diminutivos, parentescos e expressões como *por favor* – que podem comprovar a hipótese de que a presença desses elementos na fala da mulher favorece o uso do imperativo associado ao indicativo. Além disso, precisamos investigar a influência do fator faixa etária, para verificar os agentes da mudança no imperativo e o efeito de cada um destes fatores. Na variação e mudança do modo imperativo não há, a princípio, um condicionamento significativo da classe social, mas essa hipótese ainda precisa ser confirmada.

A mudança pode ter significado diferente para o homem e para a mulher. Conforme já foi dito, o grupo de falantes que estamos analisando se deslocou de uma região – Fortaleza - onde o uso do imperativo na forma indicativa é de 40% para uma região – o Distrito Federal – onde o uso dessa forma é de mais de 90%. Para a mulher, mudar traços de sua fala ao chegar a uma comunidade de fala com traços dialetais diferentes pode ser um sinal de adaptação ou prestígio. Para o homem, a pressão social pode favorecer outras atitudes; por exemplo, ao manter o sotaque ou os traços de seu dialeto, ele reforça que mantém sua identidade, seus laços com a família, seus valores. Essa pode ser uma opção inconsciente para ambos (cf. Cheshire, 2002).

2.4 Difusão/ focalização no Distrito Federal – aspectos identitários

Com o objetivo de investigar os fatos e os efeitos da mudança em curso evidenciada nos dados com falantes de Fortaleza que moram no Distrito Federal, além das questões já abordadas até aqui, é preciso entender os processo de difusão e focalização dialetal pelos quais passou e passa a comunidade de fala no Distrito Federal.

O Distrito Federal, por abrigar a capital do país – Brasília, é um lugar para onde convergiram pessoas de diferentes regiões do Brasil. No Distrito Federal, houve um nivelamento dialetal, situação que favorece o apagamento de variantes mais marcadas, que, no caso sob estudo, é o imperativo associado ao subjuntivo. A mobilidade física e social que aconteceu no Distrito Federal favorece a difusão dialetal, nos termos de Le Page (1980).

Para Le Page (1980), o ato de fala não se restringe simplesmente à competência do falante “no sentido chomskyano”; ele é, de fato, um ato de identidade do falante em relação a seu interlocutor. O aspecto identitário também se manifesta nas relações do falante com a variável linguística de sua comunidade de fala. O conceito de focalização, discutido por Le Page, implica traços sistematicamente marcados de uma variável, ou seja, o dialeto focalizado se caracteriza por um sotaque distinto. Em uma comunidade na qual esses traços dialetais são apagados em função da atitude do falante e de aspectos sócio-culturais, tem-se o dialeto difuso, que, por apresentar uma diversidade de traços, acaba não sendo reconhecido como distinto.

Borttoni-Ricardo (1985) descreveu perfeitamente o processo de focalização e difusão dialetal ao investigar uma comunidade de fala de Brazlândia, cidade satélite do Distrito Federal, que recebeu migrantes da zona rural de Minas Gerais. Em uma situação de mobilidade geográfica e em contato interacional com uma variante oral ou escrita mais padrão, o dialeto rural - até então com traços mais focalizados - tende a se apresentar mais difuso. Borttoni-Ricardo (1985:239) diz que o processo de difusão não deve ser visto, contudo, como uma assimilação do português urbano culto, mas sim como um afastamento do dialeto focalizado de origem, estigmatizado no interior da cultura dominante.

Considerando essa postulação, pode-se dizer que, no Distrito Federal, em um primeiro momento, houve difusão dialetal, considerando os falantes de regiões diferentes que para cá vieram. Depois de algumas décadas, ao se formar uma identidade cultural com a cidade, começou a se verificar um processo de focalização dialetal.

Hanna (1986) pesquisou um grupo de pais e filhos cariocas moradores de Brasília para investigar esses processo de difusão e focalização. A autora verificou que o grupo de filhos apresenta tendência da perda do /s/ palatal, o que caracteriza um processo de focalização no sentido contrário à regra carioca. Considerando, contudo, a fala dos pais entrevistados, a autora encontrou o uso das variantes do /s/ em diferentes proporções – fato que caracteriza a difusão dialetal em diferentes graus. A autora conclui que os jovens nascidos e criados em Brasília tendem a uma pronúncia focalizada cujos traços são pouco marcados e neutros, diferenciando-se, assim, dos demais sotaques focalizados no Brasil.

Corrêa (1998) investigou o processo de focalização dialetal em Brasília, analisando a variação de vogais /e/ e /o/ pretônicas e a do /s/ pós-vocálico; obteve, em seus resultados, alto percentual para a forma não marcada. Ela observou que o abaixamento dessas vogais pretônicas – forma marcada e mais próxima do dialeto nordestino – é influenciado por fatores sociais como escolaridade mais baixa. Para a autora, a estigmatização dos jovens brasilienses em relação a variáveis regionais, ainda que comedida, é um fator que contribui “para o processo de perda dos sotaques regionais e para o uso de formas que não causem qualquer tipo de estranhamento” (Corrêa, 1998:87).

Outros pesquisadores também investigaram as características e atitudes dos falantes brasilienses discutindo esses processos de focalização e difusão dialetal. Melo (1988:113), em estudo das atitudes linguísticas, constata que o brasiliense avalia negativamente o dialeto do nordestino e valoriza a fala de Brasília, julgando que esta deveria ser considerada a variedade padrão. O autor atribui o principal motivo dessa atitude a um preconceito que existe em relação à fala do nordestino em função de o Nordeste ser uma região considerada pobre. Por outro lado, o autor identificou na avaliação de universitários cearenses uma depreciação em relação ao dialeto pernambucano, ou seja, o falante da região nordeste avaliando de forma negativa a variedade da própria região (cf. Melo, 1988:108).

A percepção que os ouvintes nativos das regiões Centro-Oeste, Sudeste ou parte da Sul, nas quais predomina o uso do imperativo associado ao indicativo (*leva, faz, vem*), têm do uso imperativo associado ao subjuntivo (*leve, faça, venha*) é a de que se trata de uma variante regional, característica da região Nordeste. Embora o uso do imperativo não distinga classe social (cf. Scherre, 2002), o uso da forma subjuntiva se destaca, principalmente, porque se trata de uma forma mais marcada em termos de

frequência considerando essas regiões -, o que caracteriza, por sua vez, o dialeto focalizado. É provável também que a marca sonora do imperativo associado ao subjuntivo tenha relação com os traços prosódicos do sotaque nordestino, caracterizando-o como ocorre também com outras marcas, como a abertura das vogais. A oposição morfológica entre as duas variáveis em jogo parece ainda mais perceptível no Distrito Federal, região em que há uma confluência de falares regionais em função da migração e onde a forma predominante, em mais de 95% dos casos, é a do imperativo associado ao indicativo, ou seja, a forma não marcada, que caracteriza o dialeto difuso, nos termos de Le Page (1980). É interessante perceber que, nesse contexto de difusão dialetal, os traços que marcam o aspecto regional do modo imperativo não são os sintáticos e discursivos analisados no capítulo 1, mas sim os traços morfológicos (e provavelmente também os prosódicos) marcados pela oposição de pares do tipo *fala/fale, vem/venha; diz/diga*.

Da mesma forma que a percepção do falante do Distrito Federal em relação ao dialeto focalizado – no caso o imperativo na forma subjuntiva - está sendo investigada como um elemento que interfere no processo de mudança linguística, também estão subjacentes a esse processo aspectos identitários relativos ao falante fortalezense que vem residir na capital do país. Pagotto (2001) apresenta reflexões sobre a questão da identidade como discurso, buscando a correlação com a teoria da variação e mudança linguística. Para isso, considera duas noções básicas: o sujeito e a identidade. O sujeito não é uno, porque por meio dele falam diversas posições, portanto é heterogêneo. A identidade do sujeito é fruto de dois movimentos: i. a identidade histórica que, por meio da ideologia, coloca o indivíduo como uma entidade de uma certa época; ii. o sujeito da ideologia passa de uma posição a outra e sua identidade é a expressão das posições pelas quais passa. O segundo movimento pressupõe o primeiro. No processo enunciativo, no qual, segundo o autor, a variação passa de estrutura a acontecimento, o falante passa de uma voz a outra de forma inconsciente. Em Brasília, segundo Melo (1988:116), nenhum dos dialetos regionais que aqui convivem tem prestígio suficiente junto aos brasilienses para ser considerado padrão. É justamente desse conflito que surge a busca inconsciente do brasiliense por sua identidade linguística formada por um dialeto com formas menos marcadas. Para Pagotto, uma análise sociolinguística apurada exige um olhar abrangente do pesquisador, para além dos dados e dos resultados estatísticos. O pesquisador deve considerar também o contexto discursivo, as nuances

de identidade e o poder que estão por trás dos discursos e que interferem no processo de variação linguística.

Essa concepção também é vista por Mendoza-Denton (2001) que diz que a identidade do indivíduo não pode ser simplificada a uma única dimensão. Ela critica a forma como alguns estudos variacionistas veem a identidade do falante, situando-o somente apenas dentro de categorias como faixa etária, sexo e gênero, por exemplo. Para Mendoza-Denton (2001:474), a análise da identidade deve considerar uma análise multivariada, mais complexa que envolva a análise das categorias demográficas, da prática do indivíduo, das suas relações sociais e da interação do indivíduo.

Cabe ainda, para esta análise, uma breve reflexão sobre a acomodação linguística. Segundo a teoria da acomodação (Giles, 1980 *apud* Bortoni-Ricardo, 1985:90), o falante acomoda sua linguagem à do interlocutor, seja se aproximando do jeito do falar da comunidade local – no sentido da convergência - ou se afastando – no sentido da divergência, com o objetivo de expressar valores e atitudes. A convergência em direção ao dialeto local pode ser uma forma de receber aprovação e avaliação positiva do novo grupo. É provável que nem sempre esse seja um processo consciente. Por outro lado, a divergência, que consiste na manutenção da forma mais marcada, é um movimento inverso, nem sempre consciente, que indica uma maneira de preservar valores culturais, incluindo a manutenção do sotaque.

Entram em jogo, nesses contextos discursivos, o prestígio do dialeto, a avaliação feita pela comunidade de fala ou, ainda, a vontade de não perder a identidade original. Considerando a postulação de Melo (1988) sobre a avaliação negativa do falante de Brasília em relação ao dialeto nordestino, é coerente a tendência do falante nordestino, ao chegar ao Distrito Federal, de mudar gradualmente seu imperativo em direção ao uso da forma menos marcada – o imperativo associado ao indicativo. Isso ocorre, provavelmente, em função de sua busca – consciente ou não - por uma similaridade linguística, visando a uma adaptação mais rápida, a uma receptiva maior, e, conseqüentemente, à aprovação da comunidade de fala local.

Contudo, há de se considerar também que há os falantes que mantêm os traços de seu dialeto de origem por mais tempo e, muitas vezes, com mais vigor. Pelo menos dois fatores estão imbricados no contexto de divergência linguística: a questão identitária do falante, que mantém seus traços linguísticos mais marcados com o

objetivo de resgatar e/ou divulgar os valores culturais de sua região; e as propriedades das redes sociais nas quais os falantes se inserem ao chegar ao Distrito Federal.

Milroy (1980) classifica as redes sociais em *densas*, nas quais os indivíduos interagem e são próximos, e *abertas*, nas quais o contato tende a ser esparso. As redes densas (fechadas) favorecem a manutenção do dialeto de origem do falante, em geral, a forma mais marcada. Já as redes abertas favorecem o uso de formas que apagam os traços estigmatizados, ou seja, as formas menos marcadas.

3. VARIÁVEIS INDEPENDENTES NO ESTUDO DO IMPERATIVO

No Brasil, os estudos sobre a variação do imperativo têm considerado, em menor ou maior grau, tanto a abordagem de aspectos teóricos e sócio-históricos que explicam o uso desse modo verbal no português brasileiro, quanto o efeito de fatores linguísticos e sociais que interferem no processo de variação e mudança que tem sido evidenciado pelas pesquisas.

Neste capítulo, apresentamos as principais hipóteses que têm sido levantadas e testadas, por meio da análise estatística de variáveis independentes linguísticas e não-linguísticas, para explicar a variação do imperativo. Apresentamos também hipóteses acerca de duas variáveis sociais¹⁸ que obtiveram significância estatística na análise de nossos dados: gênero e identidade dos falantes.

3.1 Variáveis linguísticas

Estudos desenvolvidos por Scherre e colaboradores têm analisado os efeitos de fatores linguísticos e sociais no processo de variação e mudança no uso do modo imperativo no português brasileiro. Dentre os fatores linguísticos investigados, alguns se destacam, pois apresentam significância estatística tanto em *corpora* de língua falada como nos de língua escrita.

A seguir, essas variáveis linguísticas são apresentadas com o objetivo de ampliar a compreensão da leitura do capítulo de análise dos dados, já que procederemos, quando necessário, a uma análise comparativa.

O **paralelismo discursivo** – variável discutida em Scherre (1998) – consiste em identificar, em uma sequência de orações, a interferência de uma forma precedente sobre a forma subsequente. No caso das pesquisas sobre o imperativo, essa hipótese tem sido confirmada: os resultados mostram que há um condicionamento linguístico no plano do discurso motivado pelas formas precedentes, ou seja, o uso do imperativo associado ao indicativo numa sequência discursiva favorece outra forma de mesma natureza, assim como o uso do imperativo associado ao subjuntivo favorece outra forma

¹⁸ A discussão do efeito dessas variáveis em nossos dados – seus percentuais e pesos relativos – será apresentada no capítulo 5 e 6.

subsequente associada ao subjuntivo (cf. Sampaio, 2001; Scherre, 2003; Cardoso, 2004; Jesus, 2006).

Essa influência de uma forma precedente sobre uma forma subsequente também é verificada em estudos de outros fenômenos variáveis, conforme ilustra Scherre (1998), apresentando os resultados de quatro trabalhos que exploram esse efeito em diferentes subsistemas: o estudo de Gryner de 1990 sobre variação tempo-modo em orações condicionais; os estudos de Scherre de 1991 e 1997, Scherre & Naro de 1991, Naro & Scherre de 1996 sobre a concordância de número; as análises de Mollica de 1989 e 1991 sobre a presença/ausência de preposição *de* em fronteiras oracionais; e os estudos de Scherre *et al.* de 1997 sobre a alternância indicativo/subjuntivo em estruturas imperativas. Nas palavras de Scherre, essa é uma variável de natureza funcionalista por encontrar sua explicação em “forças de natureza externa à língua”; para a pesquisadora, subjaz à variável paralelismo “um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos” (Scherre, 1998:50).

A análise da variável denominada “polaridade da estrutura” envolve, na realidade, três aspectos: a polaridade afirmativa e negativa da estrutura; a presença ou a ausência de pronomes no contexto e o tipo de pronome: *tu/teu* ou *você/seu* no contexto. Com isso, os pesquisadores verificam a relação entre o registro da tradição gramatical para o imperativo afirmativo e negativo e o uso na língua falada e escrita. As pesquisas evidenciam diferentes percentuais de variação tanto no uso das estruturas afirmativas, como exemplificado em (37), quanto das negativas, conforme mostra (38).

(37) – DEIXA eu ver – disse ele procurando-me na sombra. (exemplo de língua escrita, retirado de Veiga, 1998:83)

(38) Não ATRASA a boiada. (exemplo de língua escrita, retirado de Veiga, 1994:152)

Os exemplos ilustram a variação em relação ao registro da tradição gramatical: em (37), há uma estrutura afirmativa com o uso de imperativo na forma indicativa em contexto de pronome *você*; em (38), há uma estrutura negativa com o uso do imperativo na forma indicativa. Essa alternância no uso de imperativo associado ao indicativo e de imperativo associado ao subjuntivo em estruturas imperativas afirmativas e negativas acontece tanto na fala quanto na escrita, conforme exemplificaremos no capítulo de análise dos dados. Contudo, a tendência verificada é de imperativo afirmativo

favorecendo mais o uso de formas como *leva, faz, vem* e imperativo negativo favorecendo mais formas como *leve, faça, venha*.¹⁹ Segundo Scherre (2003:180), esse efeito evidencia paralelismo semântico, visto que o uso do subjuntivo está associado ao modo *irrealis*, combinando-se mais com a polaridade negativa.

O trabalho de Sampaio (2001) ilustra bem esse efeito. Mesmo em um *corpus* com dados do Rio de Janeiro, cidade em que predomina o uso de imperativo associado ao indicativo, em média, em 94% dos casos, a polaridade negativa favorece o uso de imperativo associado ao subjuntivo: em estruturas afirmativas, os resultados de Sampaio mostram 95% de uso do imperativo associado ao indicativo; em estruturas negativas, o percentual de uso dessa forma cai para 78%. Para a autora, essa tendência ocorre por causa da possibilidade de preenchimento do sujeito, como poderia ocorrer nos exemplos do par *não jogue/não joga*. No segundo exemplo, há a possibilidade da leitura “você não joga”.

Outra variável independente que tem efeito bastante significativo na variação do imperativo e que vem sendo investigada nas pesquisas é o **tipo, a posição e a pessoa dos pronomes oblíquos** - variável de natureza sintática, introduzida nas pesquisas por Leite (1994:1-11), que investigou a presença/ausência de pronome na oração. Scherre *et al.* (2000a) ampliaram o entendimento dessa variável com o objetivo de investigar também o possível efeito da pessoa do pronome. Mostram, por exemplo, que a presença do pronome oblíquo *se* ou *me* depois do verbo favorece categoricamente o uso do imperativo na forma subjuntiva, como ocorre em *Cale-se*. Segundo os autores, isso ocorre porque o uso de imperativo associado ao indicativo – como em *Cala-se* - possibilitaria o preenchimento do sujeito, deixando de assegurar, dessa forma, a leitura imperativa. Por outro lado, a mudança de posição do pronome para antes do verbo favorece o uso variável do imperativo, visto que não bloqueia a leitura imperativa, conforme exemplifica a autora (*Se coloca no meu lugar*).

Outros resultados em relação ao tipo e à posição de pronomes se confirmam nas pesquisas: pronome oblíquo *me* proclítico ou ausência de pronome favorecem o uso de imperativo associado ao indicativo - nesses casos a leitura imperativa está assegurada, independente da forma variante usada; pronome oblíquo *se* proclítico favorece uso do imperativo associado ao subjuntivo – aqui a possibilidade de perda da leitura imperativa é a explicação para os resultados. Essas tendências estão exemplificadas em (39) e (40).

¹⁹ Veremos no capítulo 6 as implicações da posição da negação em orações imperativas negativas.

- (39) – *Me* DIZ uma coisa – Disse Simão interrompendo. (VEIGA, 1995:54)
- (40) E *se* VISTA para o cemitério se tiver vontade de fofocar. (dado de fala do NURC/RE citado por Jesus (2006))

Resultados seguindo essa tendência foram encontrados em Scherre *et al.* (1998); Sampaio (2001); Scherre (2003; 2004); Cardoso (2004); Jesus (2006).

Na análise de Scherre (2003), além da possibilidade da perda da leitura imperativa das sentenças, caso o verbo seja usado na forma associada ao indicativo, nos casos descritos acima, há outro aspecto a ser considerado para a interpretação da variável que analisa os clíticos: a coexistência de formas que refletem momentos linguísticos diferentes. A autora diz que o fato de pronomes oblíquos enclíticos favorecerem o imperativo associado ao subjuntivo mostra um reflexo da língua portuguesa falada em outro momento no Brasil. Já o uso de clítico na forma de pronome pessoal reto conjugado ao uso do imperativo associado à forma indicativa mostra o uso atual que se estabelece nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Em seus dados, a autora verifica que a ocorrência de pronome do caso reto depois do verbo em estruturas imperativas favorece categoricamente o imperativo na forma indicativa.

O uso de pronome pessoal reto na posição pós-verbal não é previsto pela tradição gramatical a qual também não prevê o uso do imperativo gramatical associado à forma indicativa, em contexto de pronome *você*. Pensando na associação desses dois aspectos em uma sentença imperativa, é possível falar no *princípio de coesão estrutural*, nos moldes propostos por Lucchesi (2000:141). Segundo esse autor, há um princípio que se baseia na tendência que existe de duas formas de uma mesma gramática co-ocorrerem em uma sentença.

Em Sampaio (2001:89), esse princípio também é considerado. Em sua análise, a autora identifica favorecimento de formas associadas ao indicativo co-ocorrendo com pronomes na forma reta; já em relação aos demais clíticos, há um favorecimento de formas subjuntivas.

Cardoso (2004) analisa o uso do imperativo em dados de língua escrita em textos do escritor goiano José J. Veiga. Seus resultados em relação à presença e posição de clíticos seguem, em geral, a mesma tendência aqui explicitada. Já em relação ao uso do pronome da forma reta depois do verbo, seus resultados divergem das demais pesquisas: em um contexto, em que a frequência de uso do imperativo associado ao indicativo é de

apenas 24%, formas como *leva, faz, vem*, na presença de pronome reto, ocorrem em apenas 14% dos dados. Na interpretação da autora, contudo, o princípio da coesão estrutural se mantém, já que em termos de peso relativo (0,42) e, considerando a frequência global de uso do imperativo na forma indicativa no *corpus* (24%), o desfavorecimento é muito pequeno.

O estudo sobre os efeitos da variável independente **tipo de verbo** tem sido bastante complexo, visto que sua análise envolve a abordagem de diversos aspectos como o número de sílabas dos verbos no infinitivo, o paradigma regular/irregular e os componentes fonológicos como maior ou menor saliência fônica e o traço [+] ou [-] aberto da vogal imediatamente precedente na forma verbal conjugada em verbos regulares da primeira conjugação. O princípio da saliência fônica está sendo considerado da seguinte forma: a) verbos com oposição mais marcada (perceptível) do tipo *faz/faça; diz/diga*; b) verbos com oposição menos marcada do tipo *dá/dê; vai; vá* (cf. Naro, 1981).

Scherre *et al.* (1998), analisando *corpora* de eventos diversos de língua falada, mostram que verbos monossílabos favorecem o imperativo associado ao indicativo; os dissílabos e trissílabos têm efeito intermediário; e os polissílabos favorecem a associação ao subjuntivo.

Constataram também que, nesse *corpora*, cujo percentual de uso do imperativo associado ao indicativo é de 80%, o traço [+] aberto da vogal precedente em verbos flexionados da primeira conjugação tende a favorecer ainda mais essa forma como em *fAla, Olha*; já a possibilidade de ocorrer imperativo associado ao subjuntivo com verbos de primeira conjugação aumenta, se o traço da vogal precedente for [-] aberto, como em *tEnte, vIre*. Segundo os pesquisadores, trata-se também de um caso de paralelismo linguístico, no plano fônico.

Quanto ao paradigma regular/irregular, a tendência encontrada nas pesquisas é de que verbos da primeira conjugação tendem a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo com formas do tipo *leva, canta* (considerando as restrições da vogal precedente descritas acima); enquanto a tendência observada nos verbos das demais conjugações é de favorecimento do imperativo na forma subjuntiva, considerando as restrições impostas pelo princípio da saliência fônica: a) verbos com oposição mais marcada (perceptível) do tipo *faz/faça; diz/diga* tendem a favorecer o uso de imperativo associado ao subjuntivo; b) verbos com oposição menos marcada do tipo

dá/dê; vai;vá tendem a favorecer imperativo associado ao indicativo (cf. Scherre *et al.*, 1998; Cardoso, 2004; Jesus, 2006; Scherre, 2003; 2004; 2007).

Outra variável linguística que tem sido investigada (Scherre, 2002; 2004; Cardoso, 2004) é a presença e a posição de elementos discursivos – chamados âncoras discursivas – à direita ou à esquerda de estruturas imperativas, como vocativos e advérbios. Cardoso (2006) mostra que a presença desses elementos depois do verbo tende a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo, conforme exemplificado em (41) e (42), enquanto sua posição à esquerda desfavorece esse uso, conforme exemplificado em (43) e (44)²⁰.

- (41) Empurra **aqui, Chico**. (Dja – 63 anos)
- (42) Desce **daí, menino**, tá roubando minhas goiabas. (Dja – 63 anos)
- (43) **Ò gato**, fique quieto. (Pau – 30 anos)
- (44) **Mateus**, pare de tomar suco. (Neu – 32)

Essa variável de natureza discursiva nem sempre tem mostrado significância estatística nas pesquisas acerca da variação do imperativo no português brasileiro. Em nossa análise, conforme mostraremos no capítulo de análise de dados, foi atribuída significância estatística aos dois grupos de fatores considerados: um grupo no qual investigamos só a presença e a posição do vocativo, e o outro no qual analisamos a presença de palavras e expressões do tipo: *por favor, isto, isso, aí, daí, aqui, lá, cá*. A hipótese para o primeiro grupo é a de que a presença e a posição de vocativos à direita do verbo no imperativo tendem a favorecer a associação ao indicativo; enquanto a ausência, nesta posição, tende a desfavorecer esse uso. Já em relação ao segundo grupo, em que se considera apenas a presença e a ausência dos elementos citados, a hipótese é a de que há um aumento do uso de imperativo associado ao indicativo na presença desses elementos.

De uma maneira geral, as tendências descritas aqui em relação ao comportamento das variáveis independentes que apresentamos foram confirmadas em nossa análise quantitativa. Essas análises serão apresentadas no capítulo 6.

²⁰ Os dados de 41 a 44 foram retirados do *corpus* formado por falantes nativos de Fortaleza que estão morando no Distrito Federal.

3.2 Variáveis sociais

Há também variáveis independentes não-linguísticas que se destacam na compreensão do fenômeno que está sendo investigado. A análise desses grupos de fatores visa identificar condicionamentos externos à estrutura linguística que apresentam efeitos significativos na variação da expressão imperativa no português brasileiro.

A **faixa etária** e a **escolaridade** são variáveis significativas na análise da alternância das formas indicativo/subjuntivo no uso do imperativo. A hipótese a ser verificada é a de que o uso de imperativo associado ao indicativo aumenta entre falantes mais jovens. Em relação à escolaridade, a hipótese a ser verificada é se mais anos de escolaridade podem favorecer essa associação, conforme observaram Sampaio (2001), em *corpus* de Salvador e Jesus (2006), com dados de Recife.

Sampaio (2001), em seu estudo sobre a variação do modo imperativo na fala de um grupo de falantes de Salvador e do Rio de Janeiro, analisou a variável *escolaridade* para verificar a sua expectativa de que o nível de escolaridade mais elevado favoreceria o imperativo associado ao subjuntivo – chamado pela autora de forma padrão. Contudo, seus resultados para os dois grupos investigados mostraram que o grupo mais escolarizado favorece o uso da forma indicativa. A autora diz que, no caso específico de Salvador, o aumento de uso da forma indicativa é reflexo do uso quase categórico dessa forma na região Sudeste – região onde o imperativo associado ao indicativo predomina em mais de 90% dos casos. Esse resultado foi interpretado pela autora em função da ausência de estigma em relação ao uso variável do modo imperativo, da influência da mídia e do contato dos falantes em viagens.

Além da investigação dessas duas variáveis independentes, analisaremos nesta tese dois grupos sociais que se destacaram em nossa análise quantitativa: o **gênero** e a **identidade do falante**. Essas são variáveis que têm sido pouco observadas na maioria dos trabalhos e cujas análises não têm apresentado resultados estatísticos significativos. A análise do gênero implica observar se existe um efeito significativo na variação do modo imperativo, considerando a fala de homens e mulheres. Essa variável só se mostrou sistematicamente significativa no *corpus* montado com o objetivo de verificar a existência de mudança linguística no uso da expressão do imperativo na fala de falantes nativos de Fortaleza que vieram morar no Distrito Federal. Constatada a significância estatística dessa variável, fez-se necessária a investigação da identidade do falante com

o objetivo de verificar a presença de possíveis traços sócio-identitários que expliquem os resultados. É fundamental ressaltar que esses grupos de fatores só se destacaram no *corpus* organizado com falantes nativos de Fortaleza que estão morando no Distrito Federal. Em outros *corpora* que estamos usando como controle - com falantes só de Fortaleza e com falantes só do Distrito Federal -, essa variável não tem significância estatística²¹. Isso mostra que, em nossa análise, o gênero do falante e sua identidade apresentam efeitos significativos no processo de mudança linguística evidenciado em termos inter-regionais, mas não na variação do modo imperativo captada no nível intra-regional, ou seja, na análise dos *corpora* que representam o uso variável do imperativo de cada região, essas duas variáveis não têm apresentado, por enquanto, efeito condicionante na alternância indicativo/subjuntivo; o efeito só se evidencia quando analisamos o uso do falante que sai de uma região onde predomina o imperativo do tipo *fale, venha, faça* para uma região com imperativo do tipo *fala, vem, faz*. A partir daí, com o processo de mudança que vai ocorrendo e que estamos evidenciando, o gênero e a identidade do falante passam a ter um efeito significativo.

Em relação ainda às variáveis independentes que são consideradas para o desenvolvimento de nossa análise, resta apresentar uma variável não-linguística em que consideramos a **interação entre os falantes**. Consideramos, como grupos de fatores, os personagens fictícios – representados pelos personagens das histórias em quadrinhos – e os personagens da vida real – considerando os falantes entrevistados.²² Com isso, podemos verificar a relação e os diálogos entre esses interlocutores, avaliando, por meio dos resultados estatísticos, a alternância indicativo/subjuntivo no uso das estruturas imperativas.

3.3 Outras abordagens

Além de proceder à investigação dessas variáveis independentes para compreender o processo de variação, outros aspectos vão sendo encontrados e investigados no percurso das pesquisas.

As pesquisas revelam, por exemplo, que, no Brasil, a alternância indicativo/subjuntivo no uso do modo imperativo não tem relação direta com o uso de *tu* ou *você*. Essa afirmação é apresentada em várias pesquisas. Sampaio (2001:79-80)

²¹ Mostraremos, no capítulo 5, que a variável “gênero” obteve significância estatística no *corpus* DSC.

²² No capítulo 4 (Metodologia), vamos explicitar como essas entrevistas foram conduzidas.

mostra que em Salvador, onde o uso do pronome “você” é predominante, o uso de imperativo associado ao indicativo é de cerca de 28%. Caso semelhante ocorre em João Pessoa e é mostrado por Alves (2001:54): em um contexto de predominância de pronome “você”, o percentual de uso de formas como *fala, leva e pega* é de apenas 34%. Já na região Centro-Oeste, onde o uso de “você” também predomina, o imperativo associado ao indicativo é usado em mais de 90% dos casos (cf. Ferreira & Alves, 2001; Scherre *et al.*, 1998; Silva, 2003). Há regiões do Nordeste onde existe uma alternância no uso do pronome *tu/você*, como ocorre em Fortaleza, por exemplo; lá, o uso de imperativo associado ao indicativo é da ordem de 40% (Cardoso, 2006). Já em Florianópolis, onde também há essa alternância no uso do pronome, há 100% de uso do imperativo associado ao indicativo, segundo Bonfá, Pinto & Luiz (1997:10-11). Esses fatos evidenciam que o registro da tradição gramatical não reflete o uso do imperativo em diversas regiões do Brasil (Scherre, 2002:222). Em nosso trabalho, contudo, discutiremos, no capítulo 6, tendências regulares de favorecimento de uma ou outra forma variante em função da presença dos pronomes *tu/você* no contexto.

As pesquisas têm evidenciado outras peculiaridades em relação ao uso do modo imperativo. Jesus (2006), em sua pesquisa sobre a variação do modo imperativo, investigou 465 dados de fala de Recife e 803 dados de diálogos da novela *Senhora do Destino* com o objetivo de fazer uma análise comparativa entre a fala de Recife e aquela apresentada na novela. Com isso, buscou verificar a possível presença de estereótipos na caracterização da fala de Recife reproduzida pelos personagens da novela.

Com essa comparação, Jesus quis verificar se fenômenos de natureza morfossintática, como o imperativo, ao serem reproduzidos, podem estar sendo estereotipados ou se, de fato, estão refletindo a identidade linguística do falante pernambucano.

Os resultados mostraram que, na análise dos dados de falantes pernambucanos, o percentual de uso de imperativo do tipo *fala, pega, diz* é de 51%; já na fala dos personagens da novela esse uso é de 69%. Numa análise mais minuciosa, Jesus separou personagens cariocas da protagonista, a qual representa a personagem pernambucana. Os resultados então se mostraram bastante polarizados: 87% de favorecimento de formas indicativas na fala dos cariocas e 18% na fala da personagem pernambucana protagonista.

Com essa análise comparativa e por meio do controle de variáveis independentes linguísticas e sociais, a pesquisadora concluiu que, considerando uma análise micro, não

se pode afirmar que houve estereótipo do autor da novela ao retratar a fala da personagem pernambucana. Essa conclusão, a autora baseia no fato de a análise dos dados de fala dos personagens apresentar as mesmas restrições e tendências observadas nos dados de fala dos falantes pernambucanos – considerando o efeito das variáveis independentes sob estudo.

Um outro aspecto que, segundo a autora, contribui para sustentar a ideia da falta de estereótipo refere-se aos resultados que ela encontrou em relação à variável independente *escolaridade*. Em seus dados, os falantes sem escolarização e os de 1º grau desfavorecem o imperativo associado ao indicativo, ao contrário da tendência evidenciada pelos falantes de 2º grau e com curso superior em que há favorecimento dessa forma. A autora observa que os percentuais da personagem protagonista aproximam-se dos percentuais do grupo com menos escolarização. Conclui, assim, que, considerando-se essa parcela dos falantes, o autor da novela não teve a intenção de estereotipar a fala da protagonista; houve, sim, a intenção de refletir a identidade linguística dessa personagem.

Por outro lado, em uma análise macro, considerando questões culturais, Jesus admite que a fala da protagonista “não reflete a complexidade existente na fala dos pernambucanos e menos ainda na fala dos nordestinos” (Jesus, 2006:67), haja vista os resultados para os falantes mais escolarizados. O que ocorre, segundo a autora, é uma tentativa de homogeneizar a fala nordestina, considerando a fala do Nordeste como um só bloco, desconsiderando a diversidade de cada região.

O trabalho de Scherre *et al.* (1998) mostra que há uma motivação discursiva na variação do imperativo: o tipo de evento discursivo. Segundo os autores, em geral, os eventos de língua falada e escrita formalmente mais dialógicos tendem a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo; em situações sem diálogo, como as propagandas, especialmente na escrita - mas também da fala -, a expressão do imperativo ocorre, predominantemente, na forma subjuntiva. Lima (2005) confirma, em seus dados com falantes de Campo Grande (MS), que o traço [+] e [-] dialógico, no sentido formal do termo, reflete-se no uso variável do imperativo gramatical.

Reis (2003) destaca que, além de aspectos de natureza histórica, geográfica, social e estrutural, os fenômenos variacionistas devem ser analisados do ponto de vista da dimensão estilística. A pesquisadora analisa a expressão gramatical do imperativo partindo de uma visão funcionalista, atribuindo o uso variável das formas do imperativo a uma motivação estilística, de acordo com a qual o falante correlaciona esse uso a

situações comunicativas. A autora investigou a expressão variável do imperativo sob a perspectiva da dimensão estilística e dos graus de força manipulativa, utilizando como *corpus* a versão para o português do romance *Vinhas da Ira* de John Steinbeck. Reis analisou o uso das formas variantes do imperativo, considerando as relações simétricas e assimétricas entre os personagens e o grau da força manipulativa nessas estruturas. Dessa forma, concluiu que o aumento da força manipulativa favorece o uso de imperativo associado ao indicativo; já um ato de fala com menor força manipulativa favorece o uso do imperativo associado ao subjuntivo.

Nos capítulos 5 e 6, apresentamos a análise do efeito das variáveis linguísticas e sociais apresentadas neste capítulo nos *corpora* pesquisados.

4. METODOLOGIA

William Labov (1972), em seu estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no qual analisou um fenômeno de mudança fonética, desenvolveu um primoroso trabalho, que é um marco para a consolidação de um modelo teórico-metodológico que considerasse a língua em uso e seus processos de mudança em correlação com os aspectos sociais da comunidade da fala. Trata-se de um modelo de análise que visa investigar os fenômenos de variação linguística e o papel de fatores sociolinguísticos que condicionam a escolha por uma ou outra variante, considerando-se aspectos **intrínsecos** à língua, ou seja, de natureza fonológica, morfossintática, semântica, discursiva, ou **extrínsecos**, do tipo faixa etária, escolaridade, gênero, classe social. Neste primoroso trabalho, Labov já aponta também para o papel do aspecto identitário, atuando na reversão de uma mudança fonética, no caso da centralização do ditongo influenciado pelo traço de identidade local, a saber, a atitude positiva em relação à ilha. Aspecto semelhante será visto por nós neste trabalho.

Para Labov, esse estudo linguístico não pode ser concebido de maneira dissociada do contexto social, porque a comunicação só se estabelece nesse contexto. A metodologia aplicada a essa teoria tem como instrumento de quantificação o programa de regra variável – Varbrul – o qual tem a função de oferecer tratamento estatístico às variantes e aos fatores linguísticos e extralinguísticos que concorrem para a variação.

Esta pesquisa visa analisar não só o fenômeno da variação no uso do imperativo. Considerando que no Brasil a variação desse fenômeno tem um componente geográfico, conforme descrito no capítulo 3 (cf. Sampaio, 2001; Alves, 2001; Jesus, 2006), decidiu-se também por investigar como ocorre a mudança linguística no falante que sai de uma região em que predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo – com estruturas do tipo *fale, leve, pegue* - para uma região na qual predomina o imperativo associado ao indicativo – com estruturas como *fala, leva, pega*.

4.1 Metodologia da entrevista

A pesquisa, no início, visava à investigação de duas grandes regiões como dois blocos distintos: a região Nordeste, em que predomina o uso do imperativo associado ao

subjuntivo e a Centro-Oeste, com predomínio de uso do imperativo associado ao indicativo. Dessa forma, a estratégia era avaliar o uso do imperativo em falantes recém-chegados de cada estado do Nordeste e depois investigar falantes desses mesmos estados que estavam no Distrito Federal há mais de uma década. Uma vez decidido o tema e o foco da pesquisa, fez-se necessário decidir em que contextos de língua falada esse fenômeno seria capturado para que pudéssemos proceder a análise de fatores intrínsecos e extrínsecos à língua que interferem tanto na variação quanto na mudança no uso do imperativo.

Em um primeiro momento, foi feito contato com uma falante nativa do Maranhão e moradora do Distrito Federal há um ano. Fez-se uma gravação do tipo laboviana, ou seja, uma gravação espontânea, com o objetivo de capturar estruturas imperativas. Contudo, dois problemas foram identificados nessa etapa do trabalho. Em primeiro lugar, percebemos, após análise da gravação, que esse fenômeno não é facilmente capturado com esse tipo de procedimento e que seriam necessárias várias horas de gravação com cada falante para que se obtivessem alguns dados. Depois, percebemos a inviabilidade - em função do tempo previsto para a pesquisa - de se investigar falantes dos vários estados do Nordeste, nos dois estágios previstos, ou seja, com um ano de Distrito Federal e com mais de uma década de moradia na cidade.

Decidimos então, após algumas reuniões de avaliação com a orientadora, investigar um grupo de falantes nativos de Fortaleza. Pensou-se nessa capital por não haver, em nosso grupo de pesquisas²³, nenhum trabalho acerca da variação no uso do modo imperativo no estado do Ceará. Sendo objetivo do nosso grupo de pesquisas mapear o uso desse modo verbal nas várias regiões do Brasil, nossa pesquisa poderia dar mais uma contribuição importante.

Para a formação dos *corpora*, propusemo-nos a investigar dois grupos: um composto por falantes nativos moradores de Fortaleza, com o objetivo de ter uma amostra de controle do uso do imperativo na capital cearense; outro composto por fortalezenses que moram no Distrito Federal há mais de uma década, com o objetivo de investigar a variação e a mudança no uso desse modo verbal, comparando assim ambientes geográficos que apresentam diferenças significativas em relação ao uso de uma ou outra forma variante, a saber, a oposição *fala/fale*, *vem/venha*, *diz/diga*.

²³ Grupo de pesquisas sociolinguísticas coordenado por Marta Scherre.

Após essa primeira etapa de reformulação, buscamos encontrar o tipo de entrevista que possibilitaria a coleta do maior número possível de estruturas imperativas. Decidiu-se pela obtenção dos dados por meio de gravações em entrevistas direcionadas, de 40 minutos em média, entre entrevistado e pesquisador. Para que o dado emergisse, foram usadas gravuras de revistas da Turma da Mônica cujas ações dos personagens pudessem motivar o uso de uma estrutura diretiva, conforme exemplificamos a seguir²⁴.



As perguntas, a princípio, foram feitas aos entrevistados reportando-se ao provável diálogo entre os personagens (representados por seres humanos e por animais), conforme exemplificado a seguir.

- (a) A Mãe da Mônica diz que já é tarde e que a filha precisa dormir. O que ela lhe pede?
- (b) A Mônica gosta de escutar historinhas na hora de dormir. Qual o pedido que ela faz a sua mãe?

No transcorrer da entrevista, após uma maior descontração entre entrevistador e entrevistado, associamos as situações ilustradas nos quadrinhos a situações do cotidiano do entrevistado. Dessa forma, passamos a direcionar as perguntas a situações de interação entre o entrevistado e as pessoas de sua família ou de sua convivência. Nesses momentos, o entrevistado revelava diálogos e fatos envolvendo problemas de seu

²⁴ A ideia de trabalhar com histórias em quadrinhos surgiu durante uma conversa com a professora Daniele Grannier no Departamento de linguística da Universidade de Brasília, a quem agradecemos pela valorosa contribuição.

cotidiano, discussões, enfim, relatos de sua rotina em família, de seus contatos com o grupo de amigos e/ou de trabalho. Para estimular mais essa situação é que passamos a fazer perguntas como:

- (a) Se fosse o seu filho, o que você lhe mandaria fazer nesta situação (ilustrada no quadrinho)?
- (b) Se o seu filho está insistindo em algo que você considera errado, que pedido você lhe faz?
- (c) Que ordem você daria a seu filho nesta situação?
- (d) Imagine-se nessa situação. Que pedido você lhe faria, se o contexto envolvesse sua esposa/filha/namorada?
- (e) Como você falaria para seu chefe lhe enviar uma correspondência?

Essa diferenciação no foco da pergunta - se direcionada aos fatos da ficção, considerando a interlocução entre os personagens, ou se direcionada à vida real, considerando a interlocução das pessoas ligadas ao entrevistado - foi considerada, na codificação dos dados, como um grupo de fatores. Essa variável independente - interação entre os falantes - obteve significância estatística e será analisada no capítulo 6, assim como os demais resultados estatísticos relativos aos 972 dados de estruturas imperativas que formam o *corpus*.

Uma outra etapa da entrevista consistiu em inquirir o falante acerca de seus hábitos culturais e sociais, de seus relacionamentos, de seu emprego, enfim, buscamos fatos que julgamos importantes para analisarmos a identidade do falante, sua adaptação ao Distrito Federal e sua relação com a terra natal. Com base nessas informações, criamos uma variável independente denominada identidade do falante que, ao final de todas as etapas da análise quantitativa, foi selecionada como a mais significativa nesse estudo da variação e da mudança do modo imperativo no português brasileiro. Como veremos, os dois aspectos básicos em jogo nesta variável são o gênero do falante e sua maior ou menor identificação com a grande Brasília.

4.2 Seleção dos falantes

Para a escolha dos falantes, observamos critérios que atendessem aos objetivos da pesquisa. Era preciso obter dados de falantes nativos e moradores de Fortaleza visando à confirmação da hipótese de que existe uma tendência de favorecimento do uso do imperativo associado ao subjuntivo nesta capital nordestina, assim como ocorre em outras capitais dessa região, conforme resultados já evidenciados nas cidades de Salvador (cf. Sampaio, 2001), João Pessoa (cf. Alves, 2001) e Recife (cf. Jesus, 2006). Para a formação do segundo *corpus*, conforme descrito na seção anterior, foi necessário selecionar falantes nativos da capital cearense que haviam saído dessa região para fixar moradia no Distrito Federal – sem antes ter morado em nenhuma outra cidade do país. Foi observada a restrição de esse falante não ter morado em nenhuma outra capital ou cidade de outro estado do Brasil, com o intuito de captar a provável mudança linguística e para que não houvesse a possibilidade de assimilação de traços de outras regiões.

De acordo com a estratégia planejada, a primeira coleta de dados foi feita em Fortaleza, com duas falantes da mesma família: mãe (40 anos) e filha (18 anos). Em uma rodada feita apenas para avaliar as frequências relativas, encontramos 70% de uso de imperativo associado ao indicativo (*fala, leva, traz*) nas 57 estruturas imperativas produzidas pela filha; enquanto o percentual de uso dessas formas nos 63 dados produzidos pela mãe foi de 49%. Não foi possível, em função do nosso tempo de permanência em Fortaleza, coletar mais dados de falantes nativos. É importante esclarecer, aqui, que esses resultados nos surpreenderam, na medida em que a expectativa era de que o imperativo associado ao subjuntivo fosse a forma predominante nessa capital, assim como ocorre nas demais capitais nordestinas de cujos dados temos conhecimento por meio das pesquisas já citadas anteriormente.

Os dados de imperativo gramatical que surgiram na fala da entrevistadora também foram registrados, apresentando um uso categórico de imperativo associado ao indicativo. Fiz a entrevista com todos os falantes. Sou carioca, vinda do Rio de Janeiro para o Distrito Federal com três anos de idade. Todos os meus dados não foram submetidos à análise quantitativa em função do seu efeito categórico: sistematicamente, repito, ocorre imperativo na forma associada ao indicativo em meus enunciados.

Depois dessa etapa, começamos a formação do *corpus* com os falantes fortalezenses que estão morando no Distrito Federal. A princípio, os falantes deveriam ser nativos de Fortaleza e moradores do Distrito Federal há mais de dez anos.

Escolhemos, à medida que buscávamos falantes com esse perfil, homens e mulheres de diferentes localidades do Distrito Federal: Brasília e Cidades Satélites²⁵. De início, foram entrevistados nove falantes:

- Um casal de Fortaleza - ambos bancários - que mora em Brasília há 13 anos.
- Um bancário, amigo desse casal, morador de Brasília há 12 anos.
- Uma senhora – dona de casa -, moradora de Ceilândia há 25 anos.
- Uma senhora – dona de casa-, moradora de Taguatinga há 45 anos.
- Duas mulheres – uma funcionária pública; outra professora -, moradoras de Taguatinga – uma há 15 anos e a outra há 24 anos.
- Um professor universitário, em Brasília há 37 anos.
- Um funcionário público, morador de Brasília há 31 anos.

Após a conclusão dessa etapa de gravações, percebemos que seria interessante verificar o uso do imperativo na fala de parentes próximos dos nossos entrevistados, mesmo aqueles nascidos no Distrito Federal. Dessa forma, buscamos compreender com mais propriedade o papel das relações familiares no processo de variação e mudança linguística. O contato com esses parentes só foi possível com alguns dos nossos entrevistados, em função da disponibilidade dessas pessoas. Seleccionamos, assim, mais alguns informantes.

- uma estudante de 19 anos, nascida no Distrito Federal, filha da senhora moradora de Ceilândia.
- três filhos da senhora moradora de Taguatinga: duas irmãs – professoras -, sendo uma brasiliense e a outra nascida em Fortaleza, que veio para o Distrito Federal com 6 meses de idade; e o irmão brasiliense de 32 anos – funcionário público. Todos moradores de Taguatinga.
- um estudante de quase 14 anos, que chegou ao Distrito Federal com quase um ano, filho do casal morador de Brasília.

²⁵ Na seção 4.4, apresentaremos alguns dados relativos a essa divisão no Distrito Federal.

Além desses falantes, gravamos um casal de Fortaleza que havia chegado ao Distrito Federal há menos de um ano e que mora em Brasília – ela, funcionária pública; ele, professor de informática. O objetivo, com o acréscimo desses dados, foi investigar e registrar o eventual início do processo de mudança. Dessa forma, montamos nosso *corpus*, totalizando 16 falantes e um total de 972 dados. A seguir, na tabela 01, está apresentada a distribuição desses dados em relação ao uso variável do imperativo.²⁶ O percentual global de uso do imperativo associado ao indicativo nesse *corpus* é da ordem de 68%. É bom lembrar que as diversas pesquisas em fala brasiliense e de outras localidades da região Centro-Oeste apontam para um percentual médio de imperativo associado ao indicativo da ordem de 90% a 95%.

TABELA 01 - Distribuição dos dados no *corpus* com fortalezenses moradores do Distrito Federal em relação à frequência de uso do imperativo na forma associada ao indicativo e do imperativo na forma associada ao subjuntivo

	Número de ocorrências /Total	Frequência relativa
(I) Forma associada ao indicativo	664/972	68%
(S) Forma associada ao subjuntivo	308/972	32%

A próxima etapa seria proceder às análises dos dados desse *corpus* e do *corpus* de Fortaleza. Como tínhamos apenas 120 dados com duas falantes nativas de Fortaleza, preferimos deixar essas entrevistas apenas para observação dos resultados e trabalhamos, em termos comparativos e para efeito de controle, com dados de dois outros *corpora* já prontos.

O objetivo da análise dessas entrevistas foi verificar o percentual de uso das formas variantes do imperativo na capital cearense. Consideramos então os *corpora* Português Oral Culto de Fortaleza (doravante PORCUFORT) e Dialetos Sociais Cearenses (doravante DSC).

O PORCUFORT é o resultado de pesquisa feita na Universidade Estadual do Ceará, coordenada pelo professor José Lemos Monteiro com o auxílio das bolsistas

²⁶ A análise desses resultados será apresentada no capítulo 5 e 6.

Aluísia Alves de Araújo e Kátia Oliveira. O formato das entrevistas é do tipo *D2* que consiste na conversa gravada entre dois informantes e *DID* que consiste na conversa gravada entre o documentador e o informante.

O DSC - organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares faz parte de um trabalho do Mestrado em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Ceará, com o objetivo de resgatar materiais sobre os falares de Fortaleza e de auxiliar a pesquisa linguística. Seu *corpus* é formado por entrevistas feitas com o auxílio de vários pesquisadores e colaboradores, retratando o falar de Fortaleza por pessoas de diferentes faixas etárias e de diferentes níveis de escolaridade.

No PORCUFORT, encontramos 248 estruturas imperativas; no DSC, encontramos 299 dessas estruturas, conforme apresentado na tabela 02 a seguir:

TABELA 02 - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do modo imperativo associado à forma indicativa no *corpus* PORCUFORT e no *corpus* DSC

<i>Corpora</i>	Ocorrências de imperativo associado ao indicativo/Total	Frequência média
PORCUFORT	85/248	34%
DSC	133/299	44%
Total	218/547	40%

Os resultados confirmaram nossa expectativa, mostrando que, assim como em outras capitais do Nordeste, em Fortaleza predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo, ou seja, formas como *leve, pegue e faça* são mais frequentes na fala do fortalezense – da ordem de 60%, percentual distinto dos encontrados nos enunciados de fala dos fortalezenses em Brasília, que é da ordem de 32%.

Nosso *corpus* inicial, montado com as duas falantes nativas de Fortaleza, apresentou um percentual de uso do imperativo associado ao indicativo da ordem de 61%. Embora não tenhamos concluído a análise em relação a esses dados, interpretamos que esse percentual mais alto, relativamente aos demais *corpora* de Fortaleza investigados, deve-se a alguns aspectos que temos observado como favorecedores dessa forma, como escolaridade da mãe, que tem nível superior; faixa etária da filha de 18 anos; presença do pronome *tu* na fala das duas entrevistadas.

Ainda para controle, com o objetivo de verificar o percentual de uso do imperativo na região Centro-Oeste, especificamente no Distrito Federal, tomamos por base outros trabalhos. O trabalho de Scherre *et al.* (1988) mostra o uso do imperativo em dados de situações de fala informal em Brasília, com um percentual de 90% de uso do imperativo na forma indicativa. Analisamos também o uso do imperativo gramatical em um *corpus* organizado por uma pesquisadora de Brasília, com dados de falantes nativos dessa capital (Lucca, 2005). A pesquisadora entrevistou adolescentes de três regiões administrativas do Distrito Federal – Taguatinga, Ceilândia e Brasília. Analisamos esse *corpus* e encontramos o uso do imperativo associado ao indicativo em mais de 95% dos casos. Para confirmar a expectativa de que na região Centro-Oeste predominam formas como *leva, pega, faz*, recorremos também ao trabalho de Lima (2005), que faz a análise do uso variável do imperativo em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul em função da formalidade do evento. Em situações de conversa informal, a autora encontrou mais de 90% de imperativo associado ao indicativo.

Para a região Centro-Oeste, vimos que o índice de uso do imperativo associado ao indicativo alcança mais de 90% dos casos. Confirmada a diferença de uso do imperativo entre falantes fortalezenses e falantes nativos do Distrito Federal, começamos nossa investigação focalizando o estudo nos resultados obtidos com o *corpus* formado por fortalezenses moradores do Distrito Federal.

Na seção seguinte, apresentamos algumas características de cada um dos falantes as quais nos auxiliaram a compreender mais um pouco os resultados estatísticos encontrados e que serão analisados no capítulo 5 e 6.

4.3 Descrição dos falantes

A seguir descreveremos o perfil dos falantes que participaram da formação desse *corpus*. Com essa descrição, queremos apresentar as características, o modo de ser de cada falante, buscando identificar traços sociais e culturais que possam interferir no processo de variação e mudança do fenômeno.

4.3.1 Falantes femininas

Falante 1

Jes (g)²⁷ tem 47 anos e mora em Taguatinga há 24. É casada, tem dois filhos – um menino de 10 anos e uma menina de 19 anos. Tem apenas alguns primos fortalezenses morando no Distrito Federal com os quais mantém pouco contato. Trabalha na secretaria de uma escola pública de Taguatinga. Tem curso superior. Segundo ela, sua adaptação ao Distrito Federal foi muito boa e rápida. Sua convivência com a família do marido é boa e estável. Jes diz que não vai a Fortaleza com frequência, mas seu contato com a família é semanal pois “todo domingo fico de 2 a 3 horas no telefone com minha mãe e com minhas irmãs”, relata.

Falante 2

Vla (v) tem 45 anos. Chegou a Taguatinga com seis meses de idade, junto com seus pais fortalezenses. Tem curso superior. Quando estava casada ia sempre a Fortaleza, tendo, inclusive, morado lá por quase um ano, depois retornando ao Distrito Federal. Atualmente, não vai a Fortaleza com frequência. O ex-marido, com quem viveu 23 anos, é goiano, de Anápolis. Como sua mãe ajudou-a na criação dos filhos, Vla acha que eles têm o sotaque de Fortaleza. “Quando vou a Fortaleza, sinto muita diferença em relação ao falar. Me sinto mais fortalezense, tá no sangue”, diz. Convive, no Distrito Federal, com a mãe e as duas irmãs que são de Fortaleza. Aqui, ela teve uma boa adaptação, tem amigos de outras regiões e se acostumou muito com a cidade. Contudo, sente falta da cultura de Fortaleza, das praias, do estilo de se vestir e de viver. “Gosto do povo hospitaleiro, do jeito de falar cantado, gosto da alimentação, peixe, camarão, aquele calor, as roupas mais à vontade, andar só de short. Aqui você põe um short todo mundo te olha de uma forma estranha, como se você tivesse cometido um crime, uma coisa errada, tivesse mostrando o corpo, se exibindo, né? Lá você anda de short naturalmente. Isso aí eu sinto muito, eu sinto muita falta de Fortaleza nesse aspecto. A gente estranha porque são outros valores, outra cabeça”, completa. Vla é uma pessoa bastante descontraída, alegre e acha que as pessoas de Fortaleza e do Nordeste, em geral, também são assim.

²⁷ Os símbolos na frente de cada nome referem-se aos mesmos símbolos usados no grupo de fatores na análise quantitativa e se encontram aqui explicitado para facilitar a consulta do leitor que julgar necessário.

Falante 3

Cris (c) tem 38 anos e, na época da entrevista, estava no Distrito Federal há menos de 1 ano. Trabalha no Ministério da Integração Social. Tem curso superior em administração de empresas. É casada e tem dois filhos – um de 5 anos e outro de 11. Os filhos não se acostumaram ainda ao Distrito Federal e sempre falam da vontade de voltar para Fortaleza, pois sentem falta dos primos e dos avós. Para Cris, as pessoas em Brasília parecem um pouco preconceituosas. Ela percebe certo distanciamento de vizinhos e de crianças em relação a seus filhos. Segundo ela, os meninos não se sentem muito à vontade quando saem para brincar; “as crianças do prédio não têm hábito de brincar”, completa.

Falante 4

Wan (w) tem 39 anos, filha de pais fortalezenses, nascida no Distrito Federal. Tem dois filhos: um de 10 e outro de 16. Ela acha que a irmã Vla – falante 2 - tem menos sotaque do que ela. Como teve convivência com a mãe, Wan afirma que sua fala é “mais nordestina do que a da minha irmã”. Para ela, talvez a irmã tenha se policiado mais, “pra ter um linguajar mais clássico”. Ela, Wan, se acha mais nordestina, “no jeito de se expressar”. Não vai muito a Fortaleza e não sente falta de lá. Em sua opinião, a irmã Vla gosta mais de Fortaleza porque nasceu lá e é mais ligada à família. Wan gosta muito do Distrito Federal e não pensa em morar em Fortaleza.

Falante 5

Cici (C) tem 70 anos e está em Taguatinga há 45 anos. Nascida e criada em Fortaleza, veio para o Distrito Federal com 25 anos, em 1962. Tem o 1º grau. Quando veio para o Distrito Federal, deixou toda a família em Fortaleza; veio com o marido e os três filhos pequenos. Sentiu muito a diferença, tinha pouco contato com mulheres. Seu contato maior era com pessoas do sexo masculino, que trabalham com seu marido. O marido tinha uma boa condição financeira: possuía loja de tinta, imobiliária. Depois de muitos anos, o marido resolveu voltar para Fortaleza. Ela, já acostumada com a cidade, com os filhos criados e com os netos, resolveu ficar. “Fiquei com meus filhos”, diz. Adaptou-se muito bem ao Distrito Federal e gosta mais daqui do que de lá. Quase todos

os anos passa um mês em Fortaleza. “Só não fui esse ano por causa dessa queda de avião, tô morrendo de medo”.

Sua personalidade tem traços bem marcados. Para ela “a gente é muito direto, o nordestino fica bichinho, venha logo, eu digo logo, volte logo, vem cá. Tem gente que é mais calmo, eu não sou não. Sou apavorada. É de família, a gente é tudo assim meio nervoso, histérico. Vai, faz isso depressa, anda seu filho da puta. Eu sou cearense casca grossa. Eu sou uma mãe boa, acostumaram com o meu jeito. Sou boa, eu só sou assim, quando eu quero uma coisa eu mando e “ai meu amorzinho”, muito difícil porque a gente vai com amor e eles vem com brutalidade, essa criança ...(...) e a gente vai logo no grosso. Por que aí obedece. Hoje em dia é tudo diferente. Cê viu meu neto, meu filho guarde a bola que a vovó vai conversar aqui. Hoje em dia é tudo assim. Eu não sei, a criação é diferente. Era só uma vez antes. Vá estudar, corria todo mundo”, conclui.

Falante 6

Mãe de Carol (l), tem 42 anos, concluiu o primeiro grau. Não tem nenhum contato com Fortaleza. Vive no Distrito Federal e se sente nativa da capital do país. É evangélica. Criou as filhas em Ceilândia. Ajuda a cuidar do neto, que mora em sua casa, com a filha. Participa das atividades da comunidade, tem vários amigos na quadra e não demonstra nenhum traço de identidade com a cultura de Fortaleza. Em sua entrevista, não faz menção ao tempo que morou em Fortaleza; só faz comentários sobre sua vida no Distrito Federal.

Falante 7

Carol (r) tem 19 anos. Segundo grau completo, um filho e mora com a mãe. Não tem nenhum traço identitário com Fortaleza. Viveu sempre no Distrito Federal, estudou em uma escola pública perto de sua casa e sempre foi “muito comunicativa e alegre”. Em sua infância seu contato era apenas com pessoas da quadra e da escola. Não teve contato com parentes de Fortaleza no Distrito Federal e nunca viajou à capital cearense. Não faz referência a nenhum costume ou traço cultural de Fortaleza.

Falante 8

Neu (n) tem 32 anos e é natural de Fortaleza. Ficou lá até os dezessete anos, deixando toda a família, quando veio para o Distrito Federal. Veio com uma tia para trabalharem no Distrito Federal. As pessoas com quem convivia aqui eram da cidade. Está no Distrito Federal há 15 anos. Vai todos os anos a Fortaleza. Sente falta da família, mas não da cidade de Fortaleza. Adaptou-se muito bem ao Distrito Federal. Não gosta do clima de Fortaleza, pois “lá é muito quente”. Quando chegou ao Distrito Federal sentiu que tudo era diferente, as pessoas, a cultura, a comida. Acha que no Distrito Federal há outras perspectivas de vida. “Fortaleza não tem nada que pareça com Brasília”, diz. Pensa que se estivesse em Fortaleza não teria feito Faculdade, pois lá “era tudo distante”. Em Brasília, teve oportunidade de estudar. No início, sentiu diferença no jeito de falar das pessoas, assim como os outros também percebiam seu sotaque diferente. Às vezes, ela se sentia inibida para falar “porque tem palavras em Fortaleza que só se usa lá”, afirma.

Segundo Neu, no início ela manteve o seu sotaque, depois com o tempo mudou muito. “Às vezes falava e a pessoa não entendia, perguntava o que é isso, se era uma linguagem regional”. Hoje, quando ela vai a Fortaleza, seus parentes percebem que ela está falando completamente diferente. Acham que ela mudou em tudo. Quanto ao estilo, ela diz que a pessoa muda sem querer e atribui isso ao clima. Quando vai a Fortaleza, ela estranha as roupas usadas pelas pessoas e diz “que é isso, em Brasília não se usa isso não!”. Diz à tia que “em Brasília não se usa esse tipo de roupa”.

Quando Neu começou a trabalhar, convivia com pessoas do Nordeste, do Piauí, por exemplo. Ela afirma que mudou o jeito de falar porque em Fortaleza “é muito carregado, muito puxado”. Em relação à comida, eles têm comida bem diferente. Interessante notar que a entrevistada fala como se fosse do Distrito Federal, referindo aos nativos de Fortaleza como “eles” e não como “nós”, ou seja, ao falar dos nativos fortalezenses ela não se inclui como um deles.

Falante 9

Viv (m) tem 40 anos. Veio para o Distrito Federal com o marido e com o filho, na época com 1 ano, em 1994, com o objetivo de fazer o concurso da Caixa Econômica Federal - CEF. Em Fortaleza, deixou parentes e muito amigos. Adaptou-se rapidamente

a Brasília. Na cidade, relaciona-se, em geral, com pessoas de outras cidades; não conhece quase ninguém de Fortaleza aqui. Todos os anos, Viv, o marido Bes e o filho Luc vão a Fortaleza. Não sentiu discriminação em relação ao seu modo de falar. Algumas pessoas dizem que ela tem menos sotaque do que o marido, contudo ela não sente essa diferença. Quando ela vai à Fortaleza, percebe as diferenças no modo de falar das pessoas. Perguntei sobre seu filho, ela disse que ele passa três meses por ano em Fortaleza na época das férias. Mas, segundo ela, o filho não quer morar em Fortaleza, pois gosta de Brasília, embora sinta muita falta dos primos. Ela acha que ele não tem sotaque de lá, pois veio para Brasília com um ano. Segundo Viv, às vezes seu filho fala igual aos primos, principalmente, quando passa as férias escolares em Fortaleza.

4.3.2 Falantes masculinos

Falante 10

Luc (f) tem 14 anos, veio para Brasília com um ano de idade, com os pais. Gosta muito da cidade e aqui tem muitos amigos. Em todas as férias escolares, vai para Fortaleza. Gosta muito de ficar com os primos, e segundo sua mãe, chega a imitar a maneira dos primos falarem. Durante a entrevista foi bastante lacônico, limitando-se a responder às perguntas, sem tecer nenhum comentário. Por vezes, não formava sequer a um período, apenas respondia usando um verbo, ou uma palavra.

Falante 11

Mar (s) tem 43 anos e trabalha na Microlins, como professor de contabilidade. Veio para Brasília há menos de um ano para acompanhar a mulher, funcionária pública, que foi requisitada para trabalhar no Ministério da Integração Social. Para Marc, as pessoas aqui são muito diferentes, elas não dão atenção e são distantes. Geralmente, ele faz almoço aos domingos com o objetivo de tentar manter uma proximidade com as pessoas conhecidas e com os parentes fortalezenses de sua mulher que moram em Brasília.

Falante 12

Bes (p) tem 40 anos e está há 13 anos em Brasília. Trabalha no Banco Central. Sente-se adaptado à cidade e mantém contato sempre com os irmãos e com a família, que mora no interior do Ceará. Bes reconhece que, hoje em dia, ele já perdeu alguns traços da fala de Fortaleza, mas afirma que não fala como as pessoas de Brasília. “Noto quando falo com meus irmãos. Continuo usando os mesmos fonemas mas acho que de uma maneira menos forte, menos chamativa. Tenho treze anos de Brasília, continuo usando os mesmos vocábulos de lá. A forma de falar é igual, mas quando eu converso com os meus irmãos, eu vejo que não é exatamente assim a mesma coisa. Eu não falo como as pessoas daqui”, diz.

Falante 13

Pau F (a) tem 60 anos. Até os treze anos morou em Canindé, interior do Ceará. Foi para Fortaleza e ficou lá até os 29 anos, quando veio para Brasília. Tem três filhos adultos. A mulher também é cearense. Quando chegou a Brasília sentiu muito a diferença do clima. Segundo ele, a adaptação do nordestino em Brasília, em geral, é rápida. Em Brasília, ele trabalhou na SUDEPE e por isso sempre teve contato com pessoas das regiões Norte e Nordeste.

Falante 14

Pau (u) tem 30 anos. Está aqui há 12 anos. Prefere Brasília a Fortaleza. Sente falta da tapioca e da família. Vai a Fortaleza uma vez por ano. Em Brasília, tem amigos de Fortaleza e de outras regiões do Brasil. Quando chegou a Brasília, sentiu diferença na maneira de falar. Achava que não tinha sotaque. Percebeu que tinha sotaque quando voltou a Fortaleza. Segundo ele, seu amigo Bes tem o sotaque bem forte. “Parece que desceu do ônibus ontem”. Pau acha que sua maneira de falar recebe influência do sotaque da namorada, que é de Recife. “Essas situações são coisas que você vem trazendo desde criança. Sabe que é meio engraçado. Esta questão das palavras, da estrutura tudo, eu passo um tempão falando de uma maneira aqui em Brasília e quando eu converso com um cearense ou pessoa do Ceará, ou que está aqui ou quando eu vou pra lá, é uma coisa automática, eu desencaixoto algumas expressões que eu não uso. É

impressionante. Lá no meu trabalho mesmo. Alguém pergunta: Ah você sabe onde fica a sala de Fulano? Ah eu disse: Ah, é só rodear ali. Mas esse arrodear eu falo quando eu sinto que é uma pessoa do Nordeste, do Ceará. Mas é uma coisa automática. Eu não escolho. Ah, ele é cearense, eu vou falar arrodear. Sai automático. É eu pisar no Ceará, eu começo a usar uma série de palavras que eu não uso, ou aqui quando tem o churrasco dos Cearenses”, completa.

Falante 15

Dja (d) tem 63 anos e é professor universitário. Mora em Brasília há 37. Morou em Fortaleza desde os sete anos. A família é de Fortaleza, os filhos são de Brasília. Desde pequenos vão a Fortaleza. A esposa é de Fortaleza, veio para cá um ano antes. Eles se conheceram aqui.

Segundo Dja, sua fala mudou principalmente em relação à melodia. Os traços marcantes ele acha que não os perdeu, principalmente as vogais tônicas. Nunca teve vontade de “não mudar” seu sotaque. “Ficou natural”, diz. Ele acha que a esposa perdeu a mesma coisa. Da mesma forma, acha que é inconsciente a vontade de perder ou não. Quando o casal ia para Fortaleza, os parentes e amigos notavam a diferença na maneira de falar do casal. Assim como eles também percebiam as diferenças. Era recíproco.

Falante 16

Ale (x) tem 34 anos. É filho de Cic e nasceu no Distrito Federal. A mãe tem seis filhos, sendo três nascidos em Fortaleza e três nascidos no Distrito Federal. Ele mora em Taguatinga e é funcionário público. Para ele, seu falar é mais parecido com o do Distrito Federal, embora ele ache que a cidade ainda não tem uma identidade. Muitas pessoas com quem ele conversa, percebem que ele tem algum parentesco com nordestinos. Reconhece que seu modo de falar tem influência de Fortaleza, como o uso de alguns termos. Ele não mantém contato nenhum, por telefone, com pessoas de Fortaleza. O contato que ele tem com fortalezenses é exclusivamente com os irmãos e a mãe. Não vai a Fortaleza com frequência, embora goste muito de lá. Em geral, vai para passar apenas sete dias, em passeios turísticos. Na percepção de Ale, o falar nordestino é mais “agitado” esse é um traço de quem é mais expansivo. Em sua opinião, algumas de suas irmãs mudaram mais em direção ao sotaque de Fortaleza depois de passarem

“pelo cansaço da vida, problemas”. Para ele, a irmã Wan é a que tem menos sotaque, pois é mais introspectiva. “Esse falar (o de Fortaleza) é de quem é mais expansivo”, diz. A irmã Vla é bem mais expansiva e por isso tem mais sotaque de Fortaleza.

A apresentação dos falantes com base em dados etnográficos propicia ao leitor uma percepção acerca de aspectos sociais e culturais nos quais cada um dos entrevistados se insere. Essas informações contribuem para a análise dos resultados estatísticos, fundamentando e ratificando a tese de que fatores identitários e relacionados ao gênero interferem no processo de variação e mudança no uso do imperativo evidenciado em falantes que se mudam de sua região para outra cujo uso desse modo verbal apresenta diferenças significativas, conforme ocorre nas regiões pesquisadas – Fortaleza e Distrito Federal.

4.4 Sobre Fortaleza e o Distrito Federal

A escolha de falantes das regiões Nordeste e Centro-Oeste para o desenvolvimento dessa pesquisa deu-se em função da evidência de diferenças significativas no uso variável do imperativo nessas duas localidades. Decidiu-se, assim, proceder à investigação considerando um grupo de falantes fortalezenses que migraram para o Distrito Federal. O objetivo, conforme já dissemos, é o de analisar os processos de variação e mudança na fala de pessoas que saem de uma região onde predomina imperativo associado ao subjuntivo (*fale, pegue, venha*) para outra onde predomina o uso de forma indicativa (*fala, pega, vem*).

Nas duas seções seguintes, descrevem-se alguns aspectos sociais e demográficos de Fortaleza e do Distrito Federal que consideramos importantes para a contextualização das questões discutidas na tese.

4.4.1 Fortaleza

Fortaleza, capital do Ceará, é um município com área de 336 km². Essa capital da região Nordeste possui uma população estimada em 2.473.614 habitantes (IBGE, 2008). É o quinto município mais populoso do Brasil. Fortaleza é um importante centro industrial e comercial da região Nordeste. Além disso, é um dos destinos turísticos mais procurados no Brasil em função de suas praias e de sua cultura.

O Folclore cearense representa a miscigenação das crenças e costumes de brancos, negros e índios e é considerado pelo seu povo como um importante canal de divulgação da cidade.

4.4.2 Distrito Federal

O Distrito Federal é uma das 27 unidades federativas do Brasil e onde se situa a capital do país – Brasília. Esse território abriga uma população estimada em cerca de 2.557.158 (IBGE, 2008) e subdivide-se em 19 Regiões Administrativas (RA) conhecidas por cidades-satélites, a saber: RA I - Brasília; RA II - Gama; RA III - Taguatinga; RA IV – Brazlândia; RA V - Sobradinho; RA VI - Planaltina; RA VII - Paranoá; RA VIII - Núcleo Bandeirante; RA IX - Ceilândia; RA X - Guará; RA XI - Cruzeiro; RA XII - Samambaia; RA XIII - Santa Maria; RA XIV - São Sebastião; RA XV - Recanto das Emas; RA XVI - Lago Sul; RA XVII - Riacho Fundo; RA XVIII - Lago Norte; RA XIX - Candangolândia.

O Distrito Federal, em relação aos outros estados do Brasil, apresenta uma situação privilegiada haja vista a disponibilidade dos serviços públicos e infra-estrutura. Contudo, há diferenças internas bastante acentuadas entre as Regiões Administrativas. A distribuição da renda no Distrito Federal é bastante desigual. Enquanto a renda domiciliar mensal de Brasília é de 19,3%, a de Taguatinga é de 9,6% e a de Ceilândia é de 4,7%.

Quanto ao grau de instrução, embora a população do Distrito Federal, acima de 10 anos, apresente um grau de instrução elevado, um terço dela ainda tem apenas formação de ensino fundamental incompleto.

Segundo dados do IBGE (2008), 51,4 % da população do DF são de migrantes. Destes 25,4% vêm da região Nordeste, 14,2% da Sudeste, 7,9% da Centro- Oeste, 2,0% da Norte e 1,6% da região Sul. A participação de estrangeiros é pouco significativa na composição da população, não chegando a meio por cento de seu contingente.

Embora Brasília seja uma das regiões administrativas, é comum os moradores do Distrito Federal usarem a denominação Brasília para se referir a qualquer área do Distrito Federal. Nesta pesquisa, porém, usaremos o nome de cada região administrativa para nos referirmos ao local de moradia dos falantes, já que essa foi uma das variáveis independentes analisadas na tese. Entrevistamos falantes fortalezenses que moram em três regiões administrativas: Brasília, Taguatinga e Ceilândia.

I- Brasília

Inaugurada em 21 de abril de 1960, Brasília foi construída para ser a capital do Brasil. Em 1987, foi tombada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Sua população é formada por pessoas vindas de todas as partes do país. Cada um traz sua cultura, o que torna Brasília rica em sua diversidade cultural.

II- Taguatinga

A princípio Taguatinga foi projetada com o objetivo de, 10 anos após a inauguração de Brasília, ser uma cidade-dormitório. Contudo, foi fundada em 05 de junho de 1958 devido à pressão dos migrantes que habitavam áreas próximas e não tinham condições dignas de moradia. Taguatinga desenvolveu-se a partir do comércio e hoje é considerada a capital econômica do Distrito Federal.

III- Ceilândia

Ceilândia foi criada em 1971 em função de um projeto que visava erradicar as favelas do Distrito Federal. Em 1969, Brasília já tinha mais de 70.000 habitantes vivendo em condições precárias nos seus arredores. A solução adotada pelo governo local foi transferir essas famílias para uma área onde já havia mais de 15 mil barracos. Nascia assim a cidade que hoje é a mais populosa do Distrito Federal.

4.5 As variáveis independentes analisadas

Após a realização das entrevistas, partimos para a codificação dos dados. Em uma primeira etapa, foram consideradas doze variáveis independentes, cujas características foram descritas no capítulo 3: nove variáveis internas – as linguísticas – e três externas – as sociais, listadas a seguir.

As variáveis linguísticas consideradas foram:

I – Próprias do verbo

1. Tipo de verbo em função da saliência do par indicativo/subjuntivo
2. Número de sílabas do verbo
3. Verbo como marcador ou não marcador discursivo

II – Próprias da estrutura

4. Polaridade da estrutura / posição da partícula negativa / tipo de pronome no contexto
5. Presença/ausência e tipo de pronome átono
6. Presença/ausência e localização do vocativo
7. Âncoras discursivas ou modalizadores
8. Posição do verbo na oração (início, meio, fim)

III - Próprias do discurso

9. Paralelismo discursivo

As variáveis não-linguísticas consideradas foram:

I - Próprias do falante

10. Gênero
11. Faixa etária

II – Próprias da interação

12. Interação entre os falantes

Após as primeiras análises linguísticas, observamos que a variável social “gênero” havia obtido significância estatística em todas as etapas de seleção do

programa. Dessa forma, vimos a necessidade de observação de outras variáveis sociais que pudessem explicar e nos fazer compreender melhor a seleção do gênero do falante, já que, até então, esse era um grupo que não se destacava em nossas e nas outras pesquisas conhecidas.

Fizemos, posteriormente, a inclusão de mais três variáveis independentes visando aprofundar a investigação acerca da interferência de fatores não-linguísticos na variação linguística: a escolaridade, o local de moradia no Distrito Federal e a relação do sistema linguístico do falante fortalezense ao chegar ao Distrito Federal.

Para a escolaridade, consideramos os níveis referentes ao primeiro, ao segundo e ao terceiro graus. Quanto ao local de moradia no Distrito Federal, temos falantes entrevistados residentes no Plano Piloto, em Taguatinga e em Ceilândia. Para analisar o sistema linguístico do falante ao chegar ao Distrito Federal, foi observada a faixa etária desse falante ao chegar à região. Consideramos que o falante que chegou à região com mais de 30 anos já tem um sistema linguístico pronto; aquele que chegou com idade entre 23 e 25 anos tem um sistema linguístico intermediário; o que chegou na faixa entre 17 e 18 anos tem um sistema considerado de transição; os que nasceram no Distrito Federal ou vieram com até 1 ano de idade não tem sistema linguístico formado. O objetivo em relação a essa variável foi de observar os efeitos da variação e da mudança do imperativo considerando esses diferentes sistemas. Labov (2001:448) diz que a estabilização dos sistemas fonológicos ocorre por volta dos 17 anos. Estamos usando essa ideia, nesta tese, para um fenômeno morfossintático.

Com a inclusão de todas as variáveis, encontramos a natural e problemática sobreposição dos grupos de fatores, cuja consequência imediata foi a não-convergência dos resultados. Guy & Zilles (2007: 52-55) mostram que esse é um problema decorrente da análise quantitativa. Os autores afirmam que, para a análise estatística, os grupos de fatores devem ser “ortogonais”, isto é, não devem estar sobrepostos. Eles dão como exemplo o grupo de fatores *estilo* e *classe social*. Um falante de qualquer classe social pode usar qualquer estilo, ou seja, estilo não é uma subcategoria de classe social.

Contudo, essa análise, que seria ideal em termos de convergência dos dados, nem sempre é a conseguida. Cabe, portanto, ao pesquisador, por meio da observação dos resultados resolver esses problemas por meio dos recursos que os programas utilizados oferecem para isso. Tanto o *Varbrul* (Pintzuk, 1988) quanto o Goldvarb X oferecem ao pesquisador instrumentais que permitem amalgamações entre os grupos de

fatores ou entre os fatores de um grupo ou ainda que se retirem da análise quantitativa fatores que estejam contribuindo para a não convergência dos resultados.

A análise minuciosa dos resultados estatísticos por meio da observação do efeito da entrada de cada variável independente que entra na análise estatística sobre cada fator das variáveis selecionadas como significativas permitiu identificar, em nosso texto, que a variável independente *local de moradia* estava parcialmente sobreposta ao gênero e dessa forma impedia a convergência dos resultados.

Submetidos ao programa Goldvarb X, que mede as frequências de cada grupo e gera os pesos relativos a partir do cruzamento dos fatores, foram selecionados pelo programa, nessa configuração, seis grupos com significância estatística para a análise:

1. paralelismo discursivo
2. gênero/falante
3. polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome
4. presença/ausência e localização do vocativo
5. interação entre os falantes
6. âncoras discursivas ou modalizadores

Um último ajuste muito importante foi feito por meio de arquivos de condições – instrumental do programa que permite amalgamar os grupos de fatores. Separamos os falantes considerando as informações que tínhamos acerca de seus hábitos, contatos (no Distrito Federal e em Fortaleza), cultura. Os falantes desse novo grupo foram agrupados em função de seus traços identitários e do gênero, a saber: [-] menos proximidade de Brasília, [+/-] proximidade de Brasília; [+] proximidade de Brasília. A análise estatística com a nova configuração apresentou as seguintes variáveis selecionadas, com a emergência da faixa etária:

1. paralelismo discursivo
2. gênero/falante – identidade
3. polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome
4. faixa etária
5. presença /ausência e localização do vocativo
6. interação entre os falantes
7. âncoras discursivas ou modalizadores

A análise estatística desses resultados será apresentada nos dois capítulos a seguir. No capítulo 5, são apresentados as análises e os resultados estatísticos das variáveis gênero e identidade. As demais variáveis linguísticas e não-linguísticas são discutidas no capítulo 6.

5. O PAPEL DO GÊNERO E DOS TRAÇOS IDENTITÁRIOS DOS FALANTES

Este capítulo apresenta os resultados estatísticos da investigação acerca de uma variável independente não-linguística. Focalizamos o uso variável do imperativo face aos aspectos sócio-identitários do grupo de falantes entrevistados e de suas relações sociais e familiares. Aliada a esses aspectos, vemos que a pesquisa quantitativa fornece evidências empíricas, tais como distribuição das frequências de uso, sua direção e os contextos de ocorrência, contribuindo, dessa forma, para a compreensão dos processos de mudança pelos quais a língua passa, seja nas comunidades de fala seja na trajetória de vida das pessoas.

Em Fortaleza, de acordo com os *corpora* analisados, já sabemos que o falante apresenta uma média de 40% de uso do imperativo associado ao indicativo; já no Distrito Federal, o percentual de uso dessa forma é de mais de 90% (Scherre *et al.*, 1998; Ferreira & Alves, 2001; Silva, 2003). O objetivo, repetimos, é avaliar os percentuais de uso das formas variantes pelo falante fortalezense que se muda para o Distrito Federal e que, a partir de então, tem contato com uma variedade diferente, e, em geral, também com uma cultura que apresenta suas peculiaridades. Além disso, sua vida pessoal e profissional, bem como seu círculo de amigo, passa por mudanças que podem interferir no uso variável do imperativo.

Consideramos para a análise dos resultados estatísticos obtidos nos *corpora* investigados não só os referenciais teóricos da pesquisa linguística variacionista, mas também as teorias relacionadas a redes sociais nos termos de Milroy (1980), Borttoni-Ricardo (1985), Le Page (1980), Mendonza-Denton (2001), Hazen (2001), Meyerhoff (2005). Entendemos, dessa forma, que aspectos sócio-identitários são relevantes para a análise do processo de variação e mudança linguística.

Nesse contexto de investigação das variáveis não-linguísticas, constatamos que o grupo de fator gênero/falantes/identidade emergiu como estatisticamente significativo, em todos os níveis de análise, não só na diferença da fala entre homens e mulheres, mas também entre os grupos só de mulheres e só de homens.

Destacou-se também, em diferentes etapas da análise estatística, o efeito do grupo de fatores que avalia a localidade em que o falante mora no Distrito Federal – se em Brasília ou se em Cidades Satélites, apontando para a importância da análise do ambiente em que o falante está inserido. Controlamos ainda a faixa etária e também a

idade com a qual cada falante chegou ao Distrito Federal, a fim de entendermos os diferentes níveis evidenciados na velocidade da mudança, em função da estabilidade ou não do sistema linguístico do falante, nos termos de Labov (2001).

Labov (2001: 447-449) apresenta um modelo linear de mudança representando as várias fases do sistema linguístico do falante. Vamos assumir que este é o processo mecânico mais simples e estabelece parâmetros arbitrários como se segue. Crianças preservam mais o sistema de seus pais/tutores até a idade de quatro anos, e ficam sob a influência de mudança até a idade de estabilização, aos 17 anos, envolvendo-se com mudanças linguísticas que exibem avaliação social.

Labov (2001:517-518) apresenta um modelo complexo de mudança linguística em comunidades de fala relativamente estáveis. Todavia buscamos nas ideias que ele desenvolve na parte D “*Transmission, Incrementation, and Continuation*” aspectos que consideramos importantes na discussão de nossa pesquisa, entre os quais destacamos:

1) A ideia da relativa estabilização dos sistemas do nível etário crítico aos 17 anos. (p. 446-447)

2) A ideia de que, em uma nova comunidade que se forma, a influência dos pares e dos pais pode diferir. (p. 429)

3) A ideia de que, em uma nova comunidade que se forma, a idade, o tempo de chegada e o tempo de moradia podem ter efeitos menos evidentes ou até mesmo não apresentar efeitos. (p.430)

O ponto central de nossa pesquisa volta-se para a compreensão do fator “gênero/falantes/identidade”, que, embora venha sendo investigado, até então não mostrou relevância estatística nas várias pesquisas desenvolvidas acerca da variação do imperativo, em comunidades sem deslocamento (cf. Sampaio, 2001; Alves, 2001; Scherre, 2001, 2002; Cardoso, 2004; Jesus, 2006), pressupostamente mais estáveis.

Os resultados que aqui serão esmiuçados revelam que, além das questões linguísticas, nossa análise deve se voltar para aspectos relativos aos traços identitários de cada um desses falantes entrevistados e não só do grupo “homens” e “mulheres”, como achávamos no início da pesquisa e conforme será descrito no desenvolvimento desse trabalho.

É interessante ressaltar que o grupo de fatores “gênero do falante” também foi selecionado como estatisticamente significativo no *corpus* DSC, mas a seleção não ocorreu no *corpus* PORCUFORT (do formato DID), como veremos. Todos esses resultados serão apresentados e discutidos nas seções a seguir.

As seguintes questões norteiam as análises feitas neste capítulo:

- 1- Os diferentes percentuais de uso variável do modo imperativo evidenciados na fala do homem e da mulher podem se acentuar, quando esses falantes se mudam de uma região para outra em que os traços linguísticos são diferentes?
- 2- A velocidade da mudança linguística difere na fala da mulher e do homem?
- 3- O tempo de moradia na cidade para a qual o falante se muda tem interferência significativa na velocidade da mudança?
- 4- Os traços culturais e dialetais da família são fatores significativos na variação do uso do modo imperativo?

Antes da análise dos resultados estatísticos do *corpus* com fortalezenses que moram no Distrito Federal, apresentaremos, na seção seguinte, uma descrição dos *corpora* de controle com falantes fortalezenses que moram em Fortaleza.

5.1 Corpora de Fortaleza

Para esta análise, tomamos por base, para efeito de comparação, as frequências médias de uso do imperativo associado ao indicativo em nossos *corpora* de controle – o PORCUFORT, que apresenta uma frequência média de 34% de uso do imperativo associado ao indicativo, e o DSC, cuja frequência média de uso do imperativo associado ao indicativo é de 44%, conforme ilustra a tabela 03²⁸.

²⁸ Em uma rodada teste, resolvemos juntar os dois *corpora* – PORCUFORT e DSC – em um só arquivo para fazer as rodadas. Contudo, essa rodada conjunta não obteve convergência. Sendo assim, e em função da diferença da natureza dos dados em relação ao tipo de entrevista e à escolaridade dos falantes, resolvemos trabalhar com os dois *corpora* separados, já que o objetivo central do trabalho com esses *corpora* é, no presente momento, controlar o percentual de uso do imperativo verdadeiro em Fortaleza.

TABELA 03 - Distribuição dos dados em relação à frequência de uso do modo imperativo associado à forma indicativa no *corpus* PORCUFORT e no *corpus* Dialetos Sociais Cearenses (DSC)

<i>Corpus</i>	Ocorrências de imperativo associado ao indicativo/Total	Frequência média
PORCUFORT	85/248	34%
DSC	133/299	44%

Esses percentuais confirmam nossa expectativa de que em Fortaleza predomina o uso do imperativo associado ao subjuntivo, assim como ocorre em outras capitais da região Nordeste já pesquisadas. Em Salvador, Sampaio (2001) encontrou apenas 28% de uso de imperativo associado ao indicativo; em João Pessoa, Alves (2001), identificou um uso de 34% dessa forma e, em Recife, Jesus (2006) encontrou 51%.

Tomando esses resultados como referência, as análises apresentadas nesta e nas próximas seções deste capítulo visam discutir os resultados encontrados no uso variável do imperativo em um grupo de falantes nativos de Fortaleza que se mudaram para o Distrito Federal, identificando e compreendendo os principais fatores que interferem no processo de mudança linguística.

A rodada final com os 248 dados do *corpus* PORCUFORT mostra a seleção de três variáveis independentes com significância estatística, que serão retomadas em momentos importantes da discussão dos aspectos centrais de nosso trabalho.

1- Variáveis linguísticas

- Paralelismo discursivo
- Polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome

2- Variável não-linguística

- Faixa etária

No *corpus* DSC, houve seleção de seis variáveis independentes com significância estatística:

1- Variáveis linguísticas

- Polaridade da estrutura
- Paradigma verbal
- Número de sílabas
- Paralelismo discursivo

2- Variáveis não-linguísticas

- Faixa etária e escolaridade
- Gênero

No PORCUFORT²⁹, não há diferença significativa nos percentuais de uso do imperativo associado ao indicativo para homens (34%) e para mulheres (35%) e, sendo assim, não houve seleção estatística desta variável. É importante ressaltar que todos os falantes desse *corpus* têm nível superior, fato que se aplica a 10 dos 16 falantes entrevistados no Distrito Federal. Considerando-se esses dados como comparação, pode-se supor, preliminarmente, que os falantes homens e mulheres fortalezenses entrevistados que vieram para o Distrito Federal não apresentavam diferenças significativas entre si em relação ao uso do imperativo quando moravam em Fortaleza.

Tomando-se essa suposição como verdadeira, fica evidenciado que o contato que se tem com o dialeto diferente na chegada a uma nova cidade pode ter efeitos diferentes na variação e mudança linguística na fala de homens e mulheres, o que implica a necessidade do levantamento de fatores sociais e identitários que expliquem os resultados.

Considerando-se, contudo, o *corpus* DSC, os resultados em relação à variável gênero são bem diferentes, conforme ilustra a tabela 04. Os números surpreendem em dois aspectos. Primeiro, porque se opõem a nossa expectativa de seleção dessa variável em um *corpus* cujos falantes sejam nativos e moradores de sua região. Segundo, porque, comparando-se aos resultados do *corpus* do Distrito Federal, os resultados são opostos em relação à escolha da variante feita por homens e mulheres. No DSC, enquanto as mulheres apresentaram 42% de uso do imperativo associado ao indicativo, os homens

²⁹ Nos dois *corpora* de controle, analisaremos apenas os resultados das variáveis sociais, para efeito de comparação em relação aos resultados do *corpus* principal desta pesquisa (Falantes de fortaleza residentes no DF). Os resultados linguísticos não serão apresentados linearmente, mas, como já dissemos, serão retomados quando forem necessários para a nossa linha argumentativa.

apresentam 64%. No Distrito Federal, vimos e veremos que são as mulheres do grupo de fortalezenses entrevistado que mais usam formas como *leva, faz, vem*, ou seja, o imperativo associado ao indicativo.

TABELA 04 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do gênero do falante nos corpora PORCUFORT e DSC

Gênero	Ocorrências/total PORCUFORT³⁰	Ocorrências/total Peso relativo (PR) - DSC
Homens	29/86 = 34%	23/36 = 64% PR 0,83
Mulheres	56/162 = 35%	110/263 = 42% PR 0,45
Total	85/248 = 34%	133/299 = 44%

Consideramos, em nossa análise, a possibilidade de o grupo de fatores faixa etária/escolaridade ter influenciado a seleção da variável gênero/identidade no *corpus* DSC. Para confirmar essa hipótese, fez-se o cruzamento desses dois grupos de fatores no *corpus* DSC – gênero e faixa etária/escolaridade. Para isso, utilizamos o *crosstab* – programa de tabulação cruzada do pacote *Varbrul*, que nos permite ver a distribuição dos dados e das frequências em cada um dos fatores do grupo. Esse cruzamento está apresentado na tabela 05, a seguir.

³⁰ Como não houve seleção dessa variável pelo programa, não foi possível rodar os pesos relativos.

TABELA 05 – Uso do imperativo associado ao indicativo em função do cruzamento dos grupos “falantes femininas” (f) e “masculinas” (m) versus escolaridade/faixa etária no *corpus* DSC

Faixa etária Escolaridade	Ocorrências/total e frequência - falantes femininas	Ocorrências/total e frequência - falantes masculinos	Total
Documentador graduado (27 a 35 anos)	89/200 = 45%	9/10 = 90%	98/210 = 47%
5ª a 8ª série (14 e 15 anos)	8/10 = 80%	8/10 = 80%	16/20 = 80%
iletrado (37 a 43 anos)	12/49 = 24%	Não há dados	12/49 = 24%
2º grau (18 a 25 anos)	0/2 = 0%	4/9 = 44%	4/11 = 36%
1ª a 4ª série (37 a 43 anos)	Não há dados	2/7 = 29%	2/7 = 29%
1ª a 4ª série (10 e 11 anos)	1/2 = 50%	Não há dados	1/2 = 50%
Total	110/263 = 42%	23/36 = 64%	133/299 = 44%

Os resultados estatísticos apresentados nessa tabela evidenciam uma má distribuição em relação ao número de dados no grupo de fatores *gênero*: dos 299 dados de estrutura imperativa, 263 são de falantes femininas e apenas 36 pertencem a falantes masculinos. A escassez de dados no grupo de falantes masculinos é um primeiro indício de que o predomínio de formas indicativas para esse grupo no *corpus* DSC pode ter interpretação e motivações diferentes. No *corpus* com fortalezenses moradores do Distrito Federal, a seleção da variável *gênero*, conforme já vimos, está sendo interpretada em função da interferência de aspectos identitários e da rede de contato dos falantes.

Analisando a tabela 05, percebemos ainda que, dos 299 dados do *corpus*, 210 pertencem ao grupo de falantes graduados – os documentadores, sendo que destes apenas 10 são dos falantes masculinos. Além dessa diferença significativa entre os

números de dados de homens e mulheres, observamos que a fala do documentador apresenta 90% de uso do imperativo na forma indicativa; esse favorecimento também é notado no grupo dos adolescentes, que apresenta 80% de uso dessa forma. Esses dois grupos - falantes graduados e adolescentes - favorecem o uso de imperativo associado ao indicativo, enquanto há um desfavorecimento para falantes de meia idade e com pouca escolarização³¹. Essa tendência também foi encontrada em nossos resultados, em todos os *corpora* analisados aqui. Em entrevista feita com duas nativas e moradoras de Fortaleza - mãe e filha, Cardoso (2006) encontrou um percentual de 49% de uso do imperativo associado ao indicativo na fala da mãe e 70% na fala da filha. Ressaltamos, contudo, que a seleção da variável “gênero” no *corpus* DSC pode ter-se dado em função da má distribuição dos dados e dos resultados para a fala do documentador e não em função de aspectos identitários.

Contudo, não podemos deixar de registrar que o favorecimento da forma local, ou seja, do uso do imperativo associado ao subjuntivo na fala das mulheres pode ter um significado social. Considerando-se o princípio da marcação em relação à frequência de uso, nos termos de Givón, vemos que os resultados para as mulheres seguem a mesma tendência nos dois *corpora*: DSC e fortalezenses moradores de Brasília. Com base nos resultados apresentados na tabela 04, vemos que o uso do imperativo pelas mulheres favorece a forma não marcada em Fortaleza, a saber: o imperativo associado ao subjuntivo; no *corpus* do Distrito Federal, o uso do imperativo no grupo de mulheres investigado favorece a forma menos marcada na região, a saber: o imperativo associado ao indicativo.

As diferenças no uso do imperativo evidenciadas na fala de homens e mulheres são bastante significativas, conforme comprova a seleção dessa variável independente, no *corpus* do Distrito Federal. Considerando também as diferenças no interior do grupo de falantes homens e mulheres, fizemos uma análise estatística separada com cada grupo para avaliar o comportamento dos pesos relativos atribuídos a esses falantes no cruzamento com as demais variáveis³². Da mesma forma, tanto na análise só com homens como na análise com as mulheres, o grupo de fatores gênero/*falantes* foi selecionado pelo programa como estatisticamente significativo. Esses resultados serão apresentados e analisados nas seções a seguir.

³¹ Essa tendência de falantes escolarizados favorecerem o uso de imperativo associado ao indicativo também é encontrada em Jesus (2006) e Sampaio (2001).

³² Essa separação por falante não foi feita no DSC em função da escassez de dados.

5.2 Descrição do *corpus* e análise dos dados de fortalezenses moradores do Distrito Federal

5.2.1 Análise conjunta

A análise dos resultados mostra que há um corte geográfico no uso do imperativo nas duas cidades pesquisadas. Enquanto em Fortaleza a média de uso do imperativo associado ao indicativo é de 40%, no Distrito Federal, esse percentual é de mais de 90%.

Em Fortaleza, assim como em outras capitais do Nordeste, como Salvador e Recife, os resultados da análise evidenciam uma leve tendência à redução na frequência de uso da forma subjuntiva e aumento da indicativa, ou seja, formas como *pegue o livro* tendem a ser substituídas por *pega o livro* (cf. Sampaio, 2001; Jesus, 2006). Essas mudanças têm sido evidenciadas nas relações intra-regionais, com a tendência de falantes jovens e mais escolarizados usarem o imperativo associado ao indicativo na região Nordeste, conforme explicitamos na seção anterior. Nas relações inter-regionais, nota-se uma tendência de diminuição da frequência de imperativo associado ao subjuntivo no falante nativo de Fortaleza que se muda para o Distrito Federal.

Como já vimos, o *corpus* do Distrito Federal, constituído para este trabalho, é composto por dezesseis falantes, sendo nove do sexo feminino e sete do sexo masculino. Desses falantes, treze são fortalezenses que vieram morar no Distrito Federal e três são brasilienses, filhos de famílias fortalezenses, que foram entrevistadas com objetivo de se avaliar o ritmo da mudança no uso variável do imperativo em falantes descendentes de famílias cujo pai ou cuja mãe é fortalezense. Os resultados mostram um percentual médio de 68% de uso do imperativo associado ao indicativo, conforme já mostramos na tabela 01 do capítulo 4.

As análises comparativas em relação ao percentual de uso do imperativo associado ao indicativo em Fortaleza tomaram por base os percentuais que encontramos na análise com os dados da amostra de controle com falantes de Fortaleza e com os resultados das pesquisas citadas para as regiões Centro-Oeste, Sudeste e parte da Sul. A interpretação dos pesos relativos baseia-se em aspectos que discutimos até agora e que são retomados aqui, nesta seção, com o objetivo de verificar as hipóteses acerca do processo de mudança linguística no sistema de pessoas migrantes.

Antes dessa análise estatística final, quando o *corpus* era constituído por onze falantes, realizou-se uma análise com configurações diferentes, em que os falantes foram agrupados por sexo. O objetivo foi confirmar a hipótese de que, no processo de mudança, o grupo dos homens fortalezenses mantém mais a variável de origem – o imperativo associado ao subjuntivo – do que a mulher. A acomodação da mulher à fala da comunidade local, com relação a aspectos linguísticos não estigmatizados, está em consonância com o princípio II de Labov (1990:215) que diz que em mudanças “from below” (abaixo do nível da consciência social) mulheres são frequentemente mais inovadoras.

Os resultados mostraram que o grupo formado pelos falantes masculinos favoreceu o uso do imperativo na forma subjuntiva, com o peso relativo de 0,33, conforme ilustram os exemplos em (45) e (46):

- (45) – AJUDE aqui, cara. (Mar)
 (46) Lucas, o inglês. LEVANTE. (Bes)

Já o grupo das mulheres apresentou um favorecimento no uso do imperativo associado ao indicativo, como está ilustrado em (47) e (48), com um peso relativo de 0,61.

- (47) Davi, TIRA tudo daqui (Cic)
 (48) ENTRA logo em casa Tina; (Viv)

TABELA 06 – Efeito da variável gênero em relação ao uso do imperativo associado ao indicativo, no *corpus* com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal

Variável dependente	Número de ocorrências de imperativo associado ao indicativo/Total	Frequência da forma indicativa	Peso relativo
(M) mulheres	309/420	74%	.61
(H) homens	148/283	31%	.33
Total	457/703	65%	

Esse resultado mostra uma diferença de 28 pontos entre os pesos relativos dos homens e das mulheres (o “range”), fato que chamou a nossa atenção, visto que até então a variável independente gênero não parecia ter influência na variação do imperativo. Levantamos assim a hipótese de que o falante do sexo masculino tende a conservar mais sua variante de origem quando se muda para outra região; e que as mulheres, em geral, tendem a apresentar uma mudança bem mais rápida, motivada por questões externas, como maior adaptabilidade, pressão do mercado de trabalho, questões estas que serão discutidas oportunamente.

Em seguida, foram acrescentados dados de mais 5 falantes, totalizando assim os dezesseis falantes considerados para esta pesquisa. Uma nova etapa da análise foi feita, desta vez com um código para cada falante. O objetivo dessa configuração era avaliar se as diferenças observadas até então se restringiam à oposição entre os grupos de mulheres e homens ou se essa polarização também poderia ocorrer no interior de cada grupo de falantes, evidenciando dessa forma um comportamento heterogêneo em relação ao uso do imperativo, especificamente nesse processo de mudança linguística.

Os resultados gerados pelo programa de análise quantitativa mostraram que a distribuição das frequências para cada falante não apresentava uniformidade em relação à tendência dos primeiros resultados obtidos. No grupo das mulheres, com a inclusão dos dados das novas informantes, encontramos percentuais bastante distintos em relação ao evidenciado até então, conforme podemos constatar pela variação dos pesos relativos referentes a cada indivíduo, apresentados na tabela 07. O alto percentual de uso de imperativo associado ao indicativo encontrado nos resultados com as primeiras entrevistadas fortalezenses indicava, em uma primeira análise, uma liderança das mulheres na mudança, no uso dessa forma verbal, observada aqui no contexto de mudança do falante de uma região para outra; regiões essas com características bem distintas no que concerne ao uso variável do imperativo. Com a inclusão dos novos dados, vimos que a tendência em relação à direção da mudança se mantém, mas a velocidade dessa mudança não ocorre com a mesma intensidade no grupo das mulheres.

Esse novo fato veio acrescentar à nossa análise inicial uma nova hipótese e um redirecionamento nas análises. O efeito do grupo não podia ser considerado apenas tomando por base a diferença entre sexos, mas sim a questão do gênero na sua concepção mais ampla, no que diz respeito a vários aspectos que estão imbricados como questões identitárias, culturais e sociais. Observando os percentuais referentes à fala dos

homens, percebemos também diferenças significativas entre os falantes, embora com a mesma tendência de maior manutenção do imperativo associado ao subjuntivo.

A não-uniformidade dos resultados evidenciou-se quando fizemos uma análise separando os grupos por sexo. Em ambas as análises, o grupo gênero, transformado agora em indivíduos, obteve significância estatística. Essa seleção, analisada nas seções 5.2.1 e 5.2.2, mostra que a seleção desse grupo gênero/falantes envolve não só a oposição homem e mulher, mas tem implicações bem mais complexas.

A tabela 07 apresenta a idade de cada um dos falantes e o tempo de moradia no Distrito Federal, além das frequências médias de uso das formas variantes e dos respectivos pesos relativos, mostrando assim o panorama da variação nesse grupo de falantes.

TABELA 07 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função dos falantes, no *corpus* com os fortalezenses moradores do Distrito Federal

Falante	Idade	Tempo no DF	Escola- ridade	Local de moradia	Indicativo	Frequên- cia de uso	Peso relativo
FEMININOS							
1- (g) Jes	47	24 anos	3º grau	Taguatinga	19/35	54%	0,22
2- (v) Vla	45	44 anos	3º grau	Taguatinga	42/89	47%	0,27
3- (c) Cris	38	6 meses	3º grau	Brasília	35/50	70%	0,42
4- (w) Wan	39	Nascida no DF	3º grau	Taguatinga	47/65	72%	0,42
5- (C) Cic	70	45	1º grau	Taguatinga	55/75	73%	0,45
6- (l) Ma	42	25 anos	1º grau	Ceilândia	50/55	91%	0,78
7- (r) Car	19	Nascida no DF	2º grau	Ceilândia	66/75	88%	0,81
8- (m) Viv	40	13 anos	3º grau	Brasília	60/62	97%	0,92
9- (n) Neu	32	15 anos	3º grau	Taguatinga	75/79	95%	0,94
MASCULINOS							
10- (f) Luc	14	13 anos	1º grau	Brasília	30/80	38%	0,10
11- (s) Mar	43	6 meses	3º grau	Brasília	22/50	44%	0,15
12- (p) Bes	40	13 anos	3º grau	Brasília	18/53	34%	0,15
13- (a) Pau F	60	31 anos	3º grau	Brasília	16/35	46%	0,22
14- (u) Pau	30	12 anos	3º grau	Brasília	49/71	69%	0,46
15- (d) Dja	63	37 anos	3º grau	Brasília	31/39	80%	0,58
16- (x) Ale	34	Nascido no DF	3º grau	Taguatinga	49/59	83%	0,66
TOTAL					664/972	68%	

Nessa etapa de análise com todos os falantes separados, considerando-se o peso relativo, evidenciamos as diferenças entre os falantes do sexo feminino e masculino. O grupo das mulheres apresenta uma variação de 72 entre as falantes de efeito mais forte sobre o imperativo associado ao indicativo (0,94) – formas como *fala, faz, vem* - e a falante que mantém mais a forma subjuntiva (0,22) – formas como *fale, faça, venha*. Entre os falantes masculinos, essa diferença entre os pesos relativos cai para 56, entre o que tem o maior efeito sobre o imperativo associado ao indicativo com peso relativo de 0,66 e o que tem o menor efeito sobre esta forma com peso de 0,10. Em ambos os casos, a diferença entre os pesos relativos é bastante significativa, reforçando a ideia de que o comportamento desse grupo de homens e mulheres no uso do modo imperativo é bastante heterogêneo; a polaridade, contudo, é mais acentuada na fala das mulheres entrevistadas, fato que confirma um avanço maior em relação à mudança linguística, conforme pode ser visualizado no gráfico 1.

O tempo de moradia do falante no Distrito Federal está representado na coluna 3 da tabela 07. Essa informação não foi tratada como variável independente porque haveria uma sobreposição com a variável *sistema linguístico do falante*, que mostra a idade com a qual o falante chegou ao Distrito Federal, e com a própria variante *falantes*, o que criaria um problema metodológico. Sendo assim, a inclusão dessas informações na tabela deu-se em função da necessidade de ratificar nossa hipótese de que o tempo de moradia no Distrito Federal, para esse grupo de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal, não interfere, de maneira significativa, nas frequências de uso da variável dependente.

O uso do imperativo pelas falantes Vla, Wan e Cic (falantes 2, 4 e 5, respectivamente) que são da mesma família, ratifica essa afirmação. Vla e Cic – filha e mãe – estão no Distrito Federal há aproximadamente 45 anos. Os resultados mostram um peso relativo de 0,27 em relação ao uso do imperativo associado ao indicativo nos dados da filha; já o peso relativo dos dados da mãe é de 0,42. Wan (falante 4), 39 anos, nascida no Distrito Federal, também filha de Cic (falante 5), apresenta peso relativo semelhante ao da mãe, 0,45. Comparativamente, vemos que esse peso é inferior aos de Ma e Car (falantes 6 e 7) – mãe e filha, que apresentam, respectivamente, pesos relativos de 0,78 e 0,81, sendo que a mãe tem 42 anos e está no Distrito Federal há 25 e a filha de 18 anos nasceu nessa cidade.

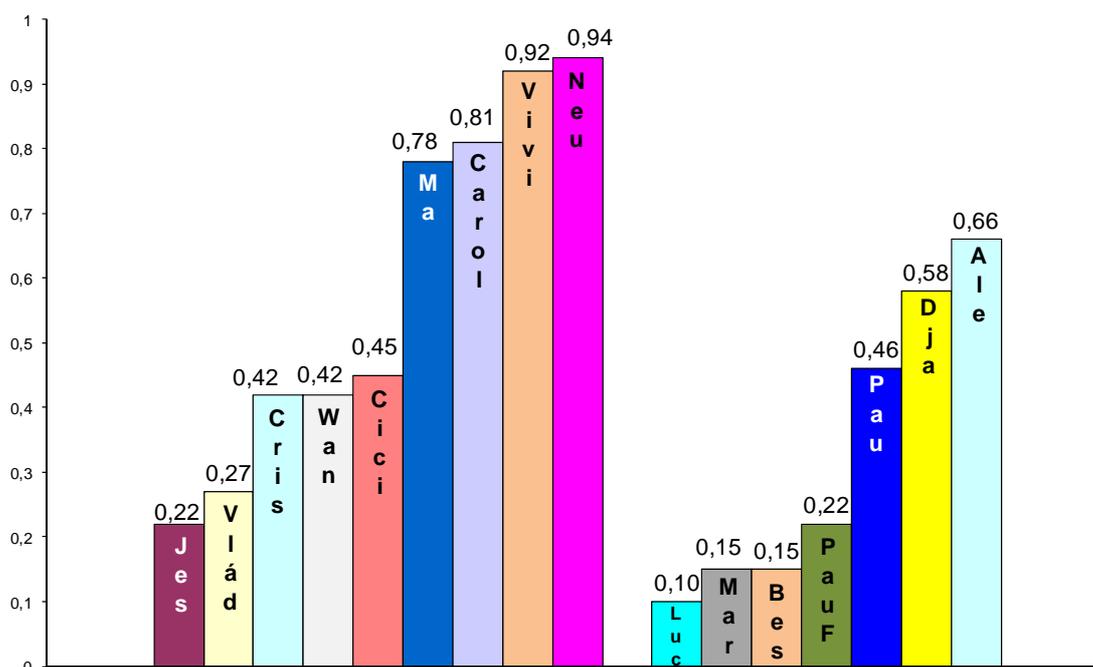
A influência dos traços do dialeto de Fortaleza, no que se refere ao uso do imperativo, destaca-se mais nos dados da primeira família citada, cujos laços com os

familiares de Fortaleza e com a própria cidade são mais intensos. Por outro lado, observa-se que pessoas que estão no Distrito Federal há bem menos tempo podem apresentar comportamento variado. Viv (falantes 8) – 15 anos no Distrito Federal - e Neu (falante 9) – 13 anos no Distrito Federal - apresentam um peso relativo de 0,94 e 0,92, respectivamente; já Jes (falante 1), há 24 anos na cidade, mantém ainda os traços do dialeto de Fortaleza, com um peso de 0,22, desfavorecedor do imperativo associado ao indicativo.

Em relação à fala dos homens também se observa que o tempo de Distrito Federal não é um fator determinante na escolha da variante imperativo na forma indicativa. Luc e Bes (falantes 10 e 12) – filho e pai – apresentam peso relativo de 0,10 e 0,15 respectivamente, radicalmente distinto do peso relativo de 0,92 da mãe de Luc, Viv (falante 8), que veio com a família na mesma época para o Distrito Federal. Os falantes Dja e Ale (falantes 15 e 16) são os que apresentam maior percentual de uso de formas como *leva*, *faz*, *vem*, com peso de 0,58 e 0,66, respectivamente. O primeiro está no Distrito Federal há 37 anos, chegou com 26 anos, e o segundo nasceu no Distrito Federal. Essa variação nas frequências de uso, e consequentemente nas magnitudes dos efeitos, pode ser observada ainda nos resultados de Pau F (falante 13), que, mesmo estando no Distrito Federal há 31 anos, ainda mantém bastante os traços de Fortaleza, com peso relativo de apenas 0,22 de favorecimento do imperativo na forma indicativa. Na seção 2, analisaremos mais detalhadamente o comportamento de homens e mulheres, com a separação das análises por gênero.

Nessa análise conjunta – com homens e mulheres – notamos uma gradação que pode ser dividida em três níveis distintos no grupo das mulheres e dois níveis no grupo dos homens, conforme pode ser observado no gráfico 1.

GRÁFICO 1 – Peso relativo de todos os falantes



Entre as falantes femininas, o grupo cujos resultados mostram peso relativo variando entre 0,78 e 0,94 reflete um nível de mudança mais adiantado – nível 3, considerando-se o uso do imperativo na forma indicativa entre os falantes brasileiros nativos, que é de mais de 90% de uso dessa variável³³. Há um grupo de falantes, cujos pesos variam entre 0,42 e 0,45, representando uma fase intermediária da mudança – nível 2. Esse grupo, em nosso *corpus*, é representado por pessoas de uma mesma família: Wan e Cic (falantes 4 e 5), que mantêm laços identitários com Fortaleza por meio do contato com parentes, mas, por outro lado, mostram-se totalmente adaptados à vida do Distrito Federal, demonstrando inclusive mais apego à capital do país. Há também, nesse grupo, a falante vinda de Fortaleza para o Distrito Federal há menos de 1 ano - com peso de 0,45, resultado que, em nossa interpretação, reflete o uso de Fortaleza. Há ainda um terceiro grupo, cujos pesos relativos variam entre 0,22 e 0,27, desfavorecendo o uso do imperativo na forma indicativa – nível 1; essas falantes mostram, por meio de suas entrevistas, acentuados laços identitários com Fortaleza, por meio do apego à forma de vida, à praia, ao clima. O peso relativo de 0,27 encontrado para Vla (falante 2) é uma evidência da interferência e dos reflexos dessa identidade no

³³ Esse percentual foi confirmado na análise das frequências relativas que encontramos nos *corpora* feitos por Lucca (2005) e Dias (2007).

uso do imperativo e no processo de mudança linguística; V1a (falante 2) é irmã de Wan (falante 4) e filha de Cic (falante 5); enquanto estas duas mostram-se em um processo bastante avançado de mudança, aquela ainda mantém fortes traços do dialeto de Fortaleza com uso predominante de formas como *leve*, *pegue* e *faça*, como mostram os usos e os contextos nos exemplos (49), (50) e (51) a seguir.

(49) ENTRA que eu vou conversar com a menina aqui e não quero zoada. (Cic)

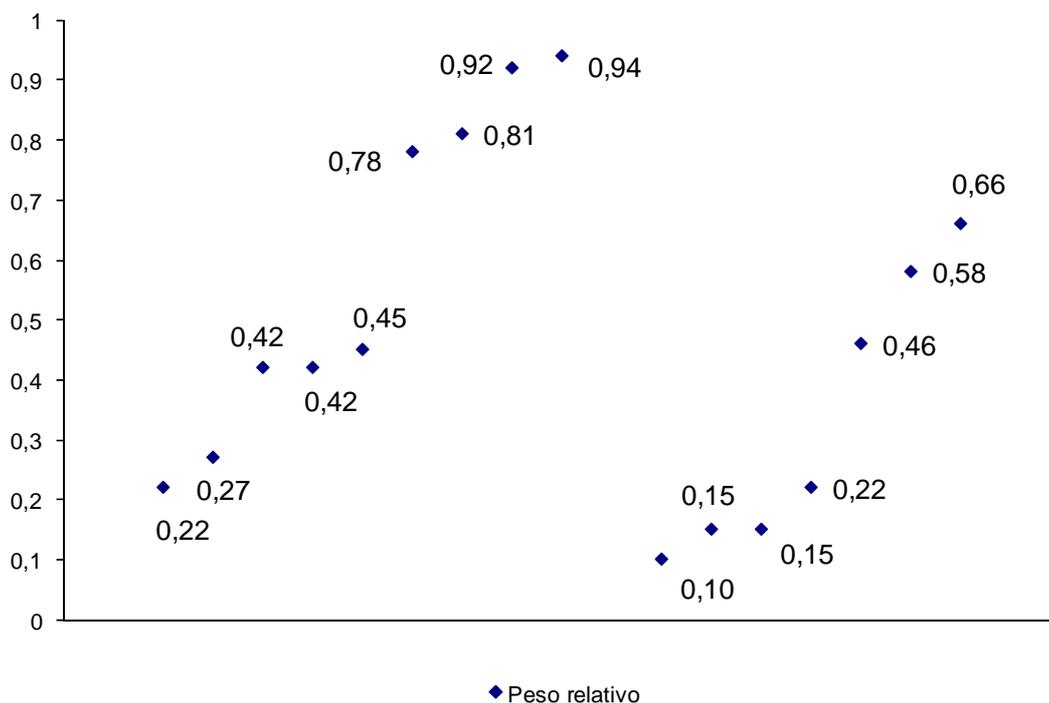
(50) PROCURE que você vai achar. (V1a)

(51) Menina, PÁRA de comer, DEIXA de ser gulosa e VEM logo brincar comigo.
(Wan)

No grupo dos homens, não foram encontrados pesos relativos no nível 3 – fase em que a mudança já está no estágio mais avançado. Há um grupo de falantes, cujo peso relativo varia entre 0,46 e 0,66 – nível 2, que representa uma fase de transição no processo de mudança. Esse grupo é composto por Ale (falante 16), nascido no Distrito Federal, filho de fortalezenses, por um professor universitário Dja (falante 15), por um bancário Pau (falante 14). Há ainda o grupo cujos resultados encontram-se no nível 1 da mudança, com pesos relativos que variam entre 0,10 e 0,22. Esses resultados mostram um desfavorecimento no uso do imperativo associado ao indicativo por esses falantes fortalezenses, refletindo, após uma década de moradia no Distrito Federal, o uso do imperativo de Fortaleza. Os números reforçam a ideia defendida anteriormente de que o tempo de residência não pode ser tomado como fator determinante na variação e na mudança no uso desse modo verbal.

Com isso, evidencia-se a tendência de mudança na fala desse grupo de fortalezenses em direção ao uso do imperativo produzido no Distrito Federal, sendo que a mudança no grupo das mulheres está mais avançada. O trajeto dessas mudanças pode ser observado no gráfico 2 - de dispersão, que ilustra o percurso da variação na fala desse grupo. Vemos que a primeira linha, que representa a fala das mulheres, está em um estágio mais avançado no gráfico em comparação à segunda linha, que representa os pesos relativos encontrados para os homens. Ambas, contudo, têm a mesma direção, confirmando a tendência de mudança tanto para falantes femininas como para masculinos.

GRÁFICO 2 – Tendência de mudança dos falantes



Considerando o peso relativo atribuído ao falante masculino e à falante feminina que mais produzem imperativo na forma indicativa, temos uma diferença de 0,28; por outro lado, a diferença entre o homem e a mulher que mais mantêm o imperativo na forma subjuntiva é de 0,12. Considerando-se a média de uso do imperativo associado ao indicativo em Fortaleza e no Distrito Federal, os resultados apresentados evidenciam, nesse grupo de fortalezenses entrevistados que se mudou para o Distrito Federal, um processo de assimilação da variante mais usada no Distrito Federal (imperativo associado ao indicativo). Contudo, o ritmo dessa mudança difere tanto entre o grupo de mulheres e homens quanto dentro de cada grupo, ou seja, as mulheres e os homens tomados de forma individual também mostram mudanças em estágios diferentes, conforme ilustra o gráfico.

A análise dos resultados apresentados na tabela 07, tanto em termos de frequência como em termos de peso relativo, permite-nos constatar que a mudança é mais avançada no grupo de mulheres que mais assimilaram o imperativo usado no Distrito Federal – aquelas que se encontram no nível 3; por outro lado, os pesos relativos do grupo de mulheres que mais mantêm o imperativo associado ao subjuntivo – aquelas que se encaixam no nível 1 - aproximam-se mais dos pesos encontrados para

os falantes masculinos, confirmando a não-unicidade dos resultados, considerando o gênero do falante.

5.2.1 Análise do grupo de falantes femininas

A heterogeneidade das frequências e dos pesos relativos evidenciada nas rodadas com todos os falantes motivou-nos a fazer uma rodada com cada um dos grupos de falantes masculinos e femininos. O objetivo desta e da próxima seção é bastante específico: observar o comportamento de cada falante de cada um dos grupos. Baseando-nos nas características socioculturais de cada indivíduo, buscamos ratificar a interferência dos fatores identitários no uso variável do imperativo. Os resultados estatísticos obtidos com o grupo das falantes estão apresentados na tabela 08³⁴

TABELA 08 - Efeito do uso do modo imperativo associado ao indicativo em função das falantes femininas, no *corpus* de fortalezenses moradores do Distrito Federal³⁵

Falante	Idade	Tempo de DF	Local de moradia	Escolaridade	Indicativo	Frequência de uso	Peso relativo
(g) Jes	47	24 anos	Taguatinga	3º grau	22/38	58%	0,17
(v) Vla	45	44 anos	Taguatinga	3º grau	42/89	47%	0,19
(c) Cris	38	6 meses	Brasília	3º grau	35/50	70%	0,33
(w) Wan	39	Nascida no DF	Taguatinga	3º grau	47/65	72%	0,30
(C) Cic	70	45 anos	Taguatinga	1º grau	55/75	73%	0,30
(l) Ma	42	25 anos	Brasília	1º grau	50/55	91%	0,70
(r) Car	19	Nascida no DF	Ceilândia	2º grau	66/75	88%	0,72
(m) Viv	40	13 anos	Brasília	3º grau	60/62	97%	0,79
(n) Neu	32	15 anos	Taguatinga	3º grau	75/79	95%	0,86
Total					452/588	77%	

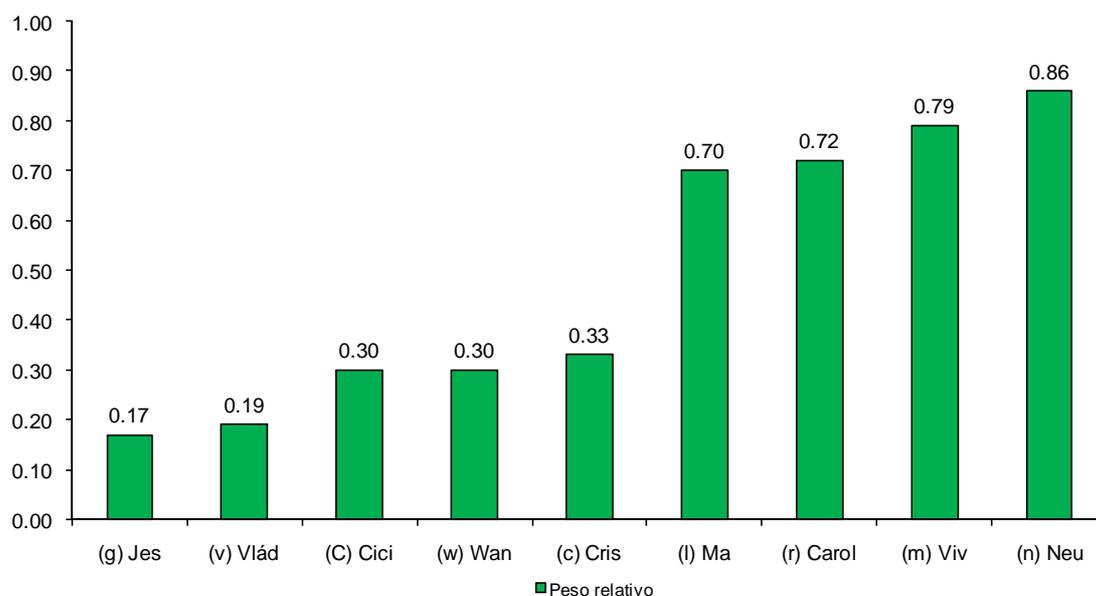
³⁴ Decidimos que, ao tratar dos grupos separadamente – falantes femininas e masculinas – não serão utilizados os números atribuídos aos falantes na tabela 8, mas manteremos a mesma disposição dos falantes da tabela 07, nas tabelas 08 e 09. Assim, nessas tabelas, a indicação do falante será pela sigla relacionada ao nome de cada um. No texto, contudo, a sigla de cada nome virá acompanhada da numeração da tabela 07 para cada falante, quando houver necessidade.

³⁵ Considerando a tabela 07 com todos os falantes e as tabelas 08 e 09 com os falantes separados, há alteração no número de dados dos falantes em função da exclusão de dados de efeito categórico.

Na análise para se chegar a esses resultados, foram usadas as doze variáveis independentes descritas no capítulo de metodologia. O programa atribuiu significância estatística a cinco grupos de fatores, a saber: gênero/falantes; paralelismo discursivo; polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome; presença e posição do vocativo; número de sílabas.

A seleção do grupo “gênero/falantes”, nessa nova configuração, confirma a hipótese de que o que está em jogo em nossa pesquisa não é só a oposição homem *versus* mulher, mas a questão identitária. O gráfico 3 evidencia as diferenças no uso do imperativo na fala de cada mulher do grupo, ilustrando o comportamento heterogêneo desse grupo.

GRÁFICO 3 – Falantes femininas: diferenças no uso do imperativo



Jes está em Taguatinga há 24 anos; é casada com um mineiro, tem dois filhos e se diz bem adaptada à cidade; só tem contato com primos de Fortaleza. Sua fala é a que mais desfavorece o imperativo associado ao indicativo em relação às outras falantes, com peso relativo de 0,17. A princípio, esse resultado surpreendeu, visto que não correspondia a nossa expectativa de favorecimento do imperativo na forma indicativa nesse grupo analisado. Além disso, essa falante está no Distrito Federal há muitos anos e sua rede de contatos na cidade não inclui predominantemente fortalezenses. Contudo, a informação dada pela falante sobre seus contatos em Fortaleza explica os resultados:

“Todos os domingos, fico pelo menos duas horas no telefone falando com minha mãe e minhas irmãs”. Esse contato revela um forte apego à família, que mora em Fortaleza, e vem confirmar nossa hipótese de que o contato com familiares é um fator importante na manutenção da variante de origem, no caso o imperativo associado ao subjuntivo.

Vla, Wan e Cic, conforme já dissemos, são da mesma família, mas apresentam resultados distintos em relação à variação do imperativo. Vla, segundo seu depoimento, tem uma relação bem mais forte com Fortaleza que os demais membros da família. Sua fala desfavorece o imperativo associado ao indicativo com peso relativo de 0,17 e frequência relativa de 47% em um grupo cuja frequência média de uso dessa forma é de 77%; já a fala de Cic (mãe) e a de Wan (irmã), apresenta o mesmo peso relativo de 0,30 e frequências relativas de 73% e 72%, respectivamente.

Ainda em relação a Wan, é relevante observar que, embora ela tenha nascido em Taguatinga, sua frequência de uso do imperativo associado ao indicativo difere da frequência de uso encontrada para o Distrito Federal, que é, em geral, superior à 95%. Por outro lado, vemos que o peso relativo de 0,30 dessa falante – assim como o da mãe – evidencia o efeito da convivência com a família, que mora no Distrito Federal e é toda de Fortaleza. Sua história também ratifica nossa hipótese de influência de fatores identitários e da família: Wan tem dois filhos, não se casou e sempre conviveu muito com a mãe. Sua percepção é de que sua fala tem traços fortes do dialeto de Fortaleza, bem mais do que a fala da irmã Vla, fato que não se confirmou em nossos resultados. Embora Vla tenha vindo para o Distrito Federal aos 6 meses de idade, o peso relativo de 0,18 revela que predomina em sua fala o uso do imperativo associado ao subjuntivo. Esse resultado reflete as informações da falante em sua entrevista. Além de ter uma forte ligação com Fortaleza, ela morou lá por cerca de um ano depois que se casou, tendo voltado para o Distrito Federal novamente. Além disso, ela afirma que sente falta de Fortaleza, principalmente da maneira de se vestir, da praia, da liberdade.

O percentual de uso do imperativo associado ao indicativo encontrado na fala de Cic e de Wan, 73% e 72% respectivamente, aproxima-se do percentual de uso da falante 5, Cris, que é de 70%, com peso relativo de 0,33. Considerando que, na época da entrevista, Cris estava em Brasília há menos de 1 ano e tomando por base o *corpus* PORCUFORT, cujos resultados apresentados na tabela 03 indicam 35% de uso de imperativo associado ao indicativo pelas mulheres mais escolarizadas, vemos que essa falante apresenta um favorecimento do uso do imperativo associado ao indicativo. Pelas características evidenciadas em sua entrevista, pode-se afirmar que sua tendência de

mudança aproxima-se daquela encontrada para Neu e Viv, cujas frequências relativas de uso do imperativo associado ao indicativo, após mais de uma década no Distrito Federal, são de mais de 90%. Acompanhada do marido e dos dois filhos, Cris veio ao Distrito Federal para trabalhar no Ministério de Integração Social. Ela tem um irmão que está morando em Brasília há quatro anos, além de primas e tias que já moram na cidade há mais de dez anos. Segundo seu depoimento, a sua adaptação à cidade está sendo mais fácil, mas seus filhos não se acostumaram ainda com os colegas do prédio, com a escola e preferem voltar para Fortaleza. Ela e o marido sentem a diferença na “maneira do povo daqui falar, nas palavras” e, conforme seus depoimentos, ambos procuram usar as expressões do Distrito Federal, pois acham que assim vão se integrar mais rapidamente. O marido gosta de fazer almoço no domingo para chamar as pessoas que conheceu ou os parentes. Seu objetivo, segundo declarou, é de reafirmar esses contatos, pois, “as pessoas de Brasília vão se distanciando”. Vê-se que há um empenho no sentido de se adaptar o mais rápido possível aos costumes locais, inclusive em se tratando do uso do vocabulário local.

Ma e Car são da mesma família – mãe e filha. Ma, que está em no Distrito Federal há 25 anos, apresenta favorecimento do imperativo associado ao indicativo com peso relativo de 0,70; sua filha, nascida no Distrito Federal, apresenta peso relativo de 0,72. Nesta família, não há laços perceptíveis da cultura de Fortaleza. A mãe diz que está no Distrito Federal há muitos anos e está totalmente adaptada à vida da cidade, além de não ter vínculos com Fortaleza e com nenhum parente fortalezense.

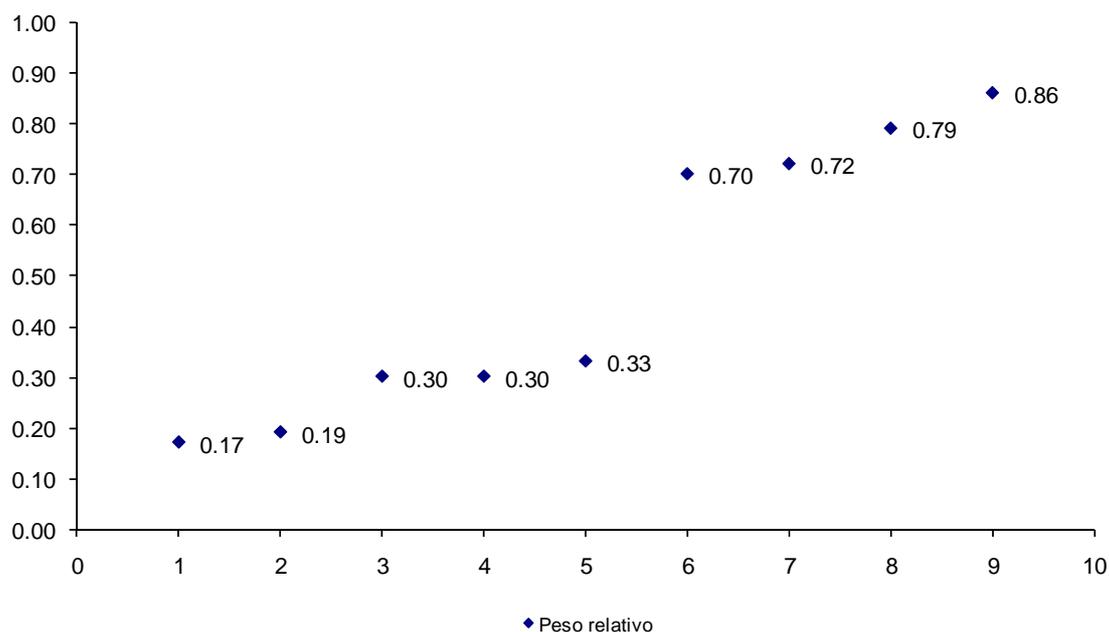
Os resultados para Viv e Neu mostram o maior favorecimento do imperativo na forma indicativa em relação às demais falantes, com peso relativo de 0,79 e 0,86, respectivamente. Ambas têm em comum o fato de terem vindo ao Distrito Federal com o objetivo de trabalhar. Viv veio com o marido e o filho, na época com um ano; não tinha nenhum parente na cidade; adaptou-se muito bem ao Plano Piloto e afirma “gosto muito da cidade”. Segundo seu depoimento em entrevista, ela nunca se sentiu discriminada no Distrito Federal e, em sua percepção, não tem sotaque de fortalezense. Neu veio para Taguatinga com uma prima e diz “me sinto completamente adaptada ao Distrito Federal. Não tenho nenhuma pretensão de voltar a Fortaleza e só sinto falta da minha família”. Hoje em dia, mora sozinha, pois a prima que veio com ela voltou para Fortaleza depois de quinze anos no Distrito Federal.

Considerando a classificação da mudança linguística em níveis, conforme foi descrito na seção anterior, essa gradação evidenciada no gráfico 1 também pode ser

percebida, de forma menos acentuada, no gráfico 3, que representa a fala das mulheres. Há um estágio inicial, representado pelas falantes Jes e Vla (pesos relativos 0,17 e 0,19, respectivamente), em que a mudança ainda é incipiente; em seguida, os pesos relativos das falantes Vla, Cic e Wan, que ficam entre 0,30 e 0,33, mostram um nível intermediário, com tendência de mudança em direção ao uso do imperativo associado ao indicativo – forma predominante no Distrito Federal; em um estágio mais adiantado, está a mudança evidenciada nas falantes Ma, Car, Viv e Neu, cujos pesos relativos de, respectivamente, 0,70, 0,72, 0,79 e 0,86 favorecem de forma significativa o uso de formas como *leva, faz, vem*.

O gráfico de dispersão a seguir mostra a curva encontrada para esse grupo de falantes femininas e a tendência de crescimento do uso do imperativo associado ao indicativo.

GRÁFICO 4 – Falantes femininas: tendência de mudança no uso do imperativo



5.2.2 Análise do grupo de falantes masculinos

Após a análise apresentada na seção anterior, analisamos um arquivo de condições excluindo as falantes femininas, e mantendo o restante da configuração

aplicada na análise só com mulheres. O objetivo é o mesmo já explicitado: testar a hipótese de que o efeito da variável independente “gênero do falante” envolve não só a oposição entre os gêneros, mas, sobretudo, questões identitárias que caracterizam cada falante, destacando sua rede de contatos familiares e questões socioculturais.

Nessa rodada foram selecionadas três variáveis com significância estatística: falantes, paralelismo discursivo e polaridade da estrutura. A tabela a seguir mostra o grupo de falantes masculinos separadamente com informações acerca de sua faixa etária, de seu tempo e local de moradia no Distrito Federal, sua escolaridade. Encontramos as seguintes frequências e pesos relativos, gerados pelo programa após o cruzamento de todos os grupos de fatores usados para a análise e que refletem o comportamento desses falantes no uso da variável sob estudo.

TABELA 09 - Uso do modo imperativo associado à forma indicativa em função dos falantes masculinos, no *corpus* de fortalezenses moradores do Distrito Federal

Falante	Idade	Tempo de DF	Local de moradia	Escolaridade	Indicativo	Frequência de uso	Peso relativo
(f) Luc	14	13 anos	Brasília	1º grau	30/81	37%	0,27
(s) Mar	43	6 meses	Brasília	3º grau	22/50	44%	0,39
(p) Bes (pai)	40	13 anos	Brasília	3º grau	20/53	38%	0,35
(a) Pau F	60	31 anos	Brasília	3º grau	16/35	46%	0,36
(u) Pau	30	12 anos	Brasília	3º grau	50/72	69%	0,62
(d) Dja	63	37 anos	Brasília	3º grau	31/39	80%	0,80
(x) Ale	34	Nascido DF	Taguatinga	3º grau	49/59	83%	0,76
TOTAL					218/389	56%	

Com pesos relativos de 0,27 para o falante Luc e 0,35 para Bes (filho e pai), esses fortalezenses que moram no Distrito Federal há mais de 10 anos, mantêm, de forma surpreendente, o percentual de uso do imperativo associado ao subjuntivo encontrado em Fortaleza no *corpus* PORCUFORT, que é de 34% (cf. tabela 3). Por outro lado, Viv, a mãe de Luc, que veio para o Distrito Federal junto com toda a família, favorece, conforme já vimos, o uso do imperativo associado ao indicativo – aquele que

predomina na capital do país – com peso relativo de 0,79. Na percepção de Viv, o marido mantém o sotaque de Fortaleza, mas o filho não, “apenas quando chega de Fortaleza”, para onde vai pelo menos duas vezes por ano e onde mantém contato com primos, tios e avós. Esse contato, ao contrário do que diz a mãe, e conforme evidenciam os resultados da análise dos dados, reflete a influência dessa convivência do menino com a família e seus traços identitários.

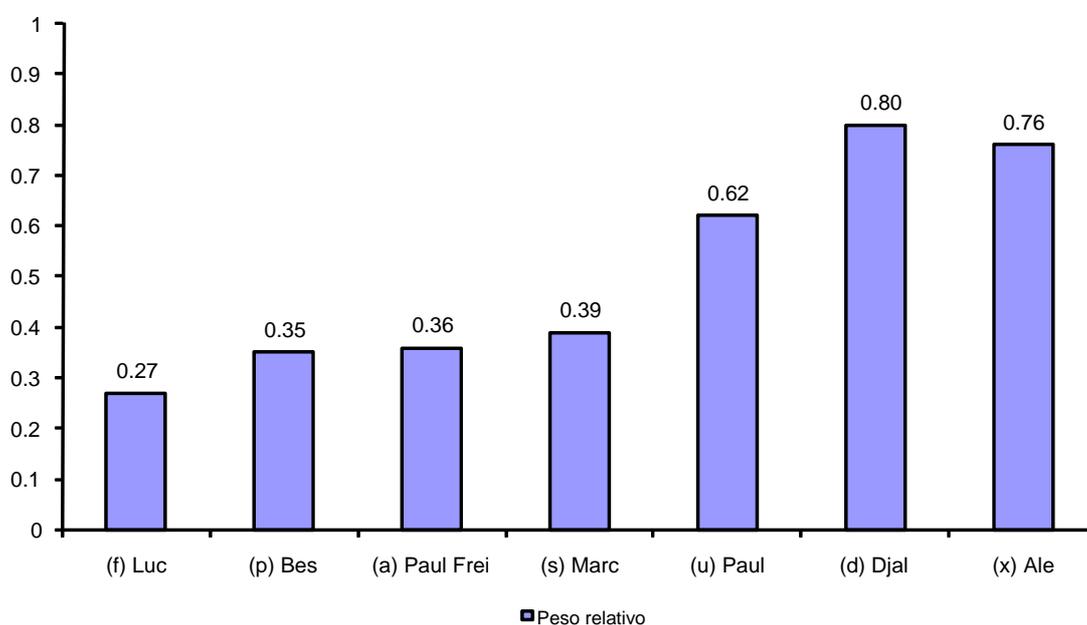
Considerando ainda a análise só com os homens, apresentada na tabela 9, vemos que Pau, amigo pessoal e de trabalho de Bes, tendo vindo para o Distrito Federal na mesma época, apresenta um imperativo mais próximo do usado no Distrito Federal. Os resultados indicam uma diferença de 27 pontos entre os pesos: 0,62 para o falante Pau e 0,35 para o Bes. Na opinião de Pau, ele já perdeu bastante os traços de seu dialeto, ao contrário do amigo Bes. Acrescenta, ainda, em seu depoimento que se sente muito bem no Distrito Federal e não vai a Fortaleza com frequência.

Dja, cujos resultados indicam peso relativo de 0,80, é o que apresenta maior favorecimento do imperativo associado ao indicativo, com uso de formas como *leva, faz, vem*. Segundo nossa análise, esse resultado pode ser atribuído ao fato de ele ser professor universitário, profissão que favorece o apagamento de traços mais marcados de um dialeto, como é o caso do uso do imperativo na forma subjuntiva no Distrito Federal, onde formas como *leve, faça, venha* não são usuais entre os falantes nativos. Esse peso relativo não tem relação direta com o tempo de estada no Distrito Federal; como parâmetro para essa afirmação, toma-se o caso de Pau, cujo peso relativo de 0,62 reflete um significativo efeito no uso do imperativo associado ao indicativo, mesmo estando no Distrito Federal há pouco mais de 10 anos – tempo relativamente curto, considerando-se o caso do falante Dja.

Outro resultado que ratifica nossa afirmação é o de Pau F, que está no Distrito Federal há 31 anos. Sua fala desfavorece o uso do imperativo associado ao subjuntivo com um peso relativo de 0,36; esse resultado evidencia que, mesmo morando no Distrito Federal há mais de três décadas, ele ainda mantém, relativamente, o imperativo do tipo *fale, traga, venha*, forma predominante em Fortaleza. Esse uso de Fortaleza está representado em nosso *corpus* por meio do resultado de Mar - frequência relativa de 44% e peso relativo de 0,39. Ele está no Distrito Federal há menos de 1 ano, e reflete o percentual do *corpus* PORCUFORT - frequência relativa de 34% de uso do imperativo associado ao indicativo na fala dos homens.

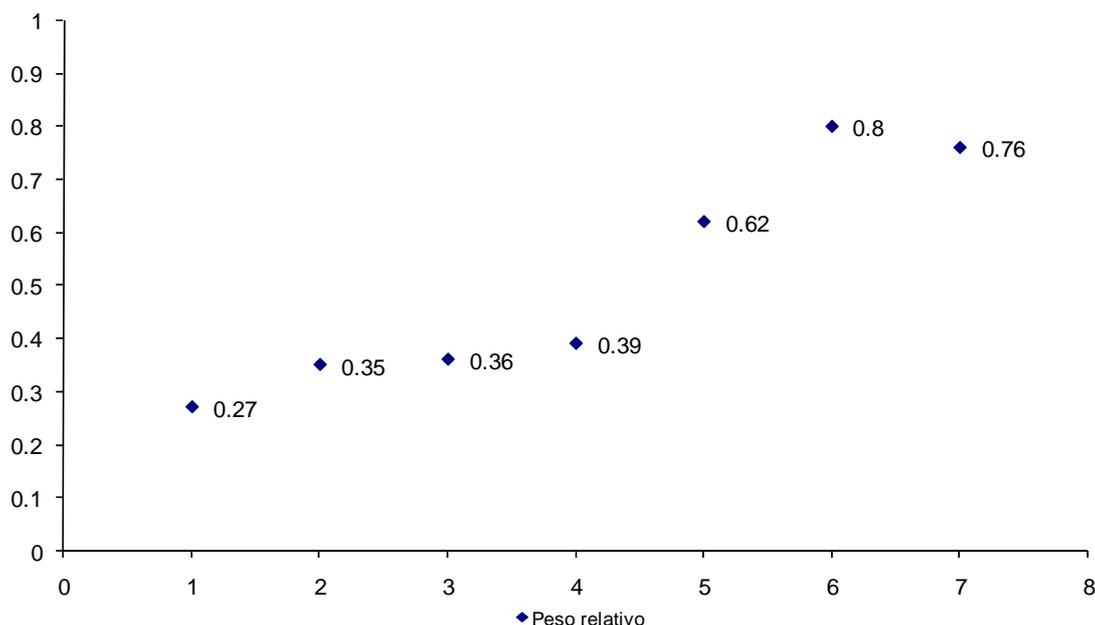
O gráfico 5 confirma os níveis de mudanças evidenciados nas análises anteriores; comparando-se os gráficos 3 e 5, das mulheres e dos homens, percebe-se que no primeiro há uma gradação na mudança que se inicia com peso relativo de 0,17 e vai até a mudança praticamente completada, com peso relativo de 0,86. Já o gráfico dos homens começa com um peso relativo de 0,27 – refletindo números do uso em Fortaleza até 0,80, que reflete o uso do Distrito Federal.

GRÁFICO 5 – Falantes masculinos: diferenças no uso do imperativo



O gráfico 6 ilustra o percurso da mudança encontrada na fala dos homens. Se comparado ao gráfico 4, que mostra a mudança na fala das mulheres, confirma-se a mesma tendência de aumento do uso do imperativo associado ao indicativo, contudo com uma polaridade maior no grupo das mulheres, ratificando a presença de níveis diferentes de mudanças entre homens e mulheres.

GRÁFICO 6 – Falantes masculinos: tendência de mudança no uso do imperativo



Comparando-se os três gráficos de dispersão e as análises apresentadas neste capítulo, pode-se chegar a algumas considerações parciais:

- 1- O gráfico 1, que apresenta a rodada em conjunto com todos os falantes, mostra que, embora sigam a mesma tendência em relação ao uso do imperativo associado ao indicativo, a mudança na fala dos homens entrevistados é mais lenta.
- 2- O gráfico 4, que ilustra a fala das mulheres, e o gráfico 6, que ilustra a fala dos homens, têm uma curva bastante semelhante, fato que mostra que, nesse *corpus*, ambos os grupos têm falantes com comportamento heterogêneo e com mesma tendência de mudança.
- 3- A presença de níveis diferentes de mudanças que analisamos na seção 1 é mais perceptível na análise conjunta em que é possível se comparar os resultados encontrados para todos os falantes no cruzamento com os demais grupos de fatores. Nessa configuração, conforme já foi dito, as mulheres apresentam três níveis de mudança, enquanto o resultado para os homens distribui-se em dois níveis. Em uma análise com os grupos separados, essa diferença entre as etapas da mudança também pode ser percebida, conforme ilustram as colunas dos gráficos 3 e 5.

5.3 Considerações acerca dos resultados à luz das concepções teóricas

Investigamos, para essa pesquisa, um grupo de falantes fortalezenses e filhos de fortalezenses que moram no Distrito federal. Os resultados apresentados na tabela 8 mostram, entre outros aspectos, que esse grupo apresenta frequência média de uso do imperativo associado ao indicativo da ordem de 68%. Considerando os resultados dos *corpora* de controle que apresentam um percentual médio de uso do imperativo associado ao indicativo da ordem de 40%, podemos afirmar que o migrante fortalezense que chega ao Distrito Federal e que se identifica com a região aumenta a frequência de uso de formas imperativas do tipo *leva, pega, faz*, ou seja, tende a mudar em direção ao uso da forma menos marcada e predominante na capital do país – o imperativo na forma indicativa. Para a compreensão da variação e mudança inter-regional evidenciada entre as duas capitais observadas, vários aspectos são fundamentais: os fenômenos de convergência e divergência linguística; as atitudes linguísticas dos falantes; o fator gênero e a identidade do falante.

O Distrito Federal recebeu migrantes de diferentes regiões do Brasil, com costumes e sotaques diferentes, favorecendo o fenômeno da difusão dialetal. Hanna (1986:65-67) descreve algumas características da cidade que contribuem para esse fenômeno. Segundo a autora, em Brasília, o alto poder aquisitivo, o distanciamento dos parentes e a falta de tradição entre os grupos são fatores socioeconômicos e físicos que favorecem a formação de redes sociais abertas – fato que favorece a difusão dialetal e, conseqüentemente, o apagamento de marcas linguísticas mais marcadas. Ao chegar a uma região de cultura e costumes tão diversos, o falante fortalezense tende adaptar seu dialeto em função de uma acomodação, por vezes, inconsciente, às marcas do dialeto local.

Outro fator importante no contexto de migração e que interfere no processo de mudança refere-se às atitudes linguísticas³⁶ do falante em relação às variedades regionais. A avaliação negativa do dialeto nordestino feita não só pelo brasiliense, mas também pelo próprio migrante da região Nordeste, aliada ao fato de as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul serem consideradas, geralmente, como padrão de referência cultural e de prestígio, favorece a mudança em direção aos traços linguísticos predominantes nessas regiões – no caso sob estudo, o imperativo associado ao

³⁶ Melo (1988:22) sintetiza a definição de atitude como “um sistema relativamente duradouro de avaliação que abrange um componente cognitivo, um componente sentimental e uma tendência para ação/reação”.

indicativo – forma menos marcada. A oposição morfológica entre as duas formas verbais imperativas – *pega/pegue* – torna-se mais perceptível em uma região em que predomina em mais de 90% dos casos o uso de uma dessas formas – no caso do Distrito Federal, a forma *pega*. O falante que vem de uma região como Fortaleza, cujo percentual de uso do imperativo associado ao indicativo é de cerca de 40%, sente-se - e é visto - usando uma forma diferente, menos frequente, e, portanto, mais marcada.

A percepção dos falantes em relação ao dialeto do outro pode ser bastante divergente. Tucker e Lambert (1969:463-468) desenvolveram uma pesquisa com o objetivo de avaliar as atitudes linguísticas de universitários americanos negros e brancos em relação a seis dialetos americanos. Eles constataram que a percepção mais positiva que um grupo tem de determinado dialeto muitas vezes não é percebida dessa forma por outro grupo de avaliadores. Scherre (2002) relata conversa que teve com um grupo de pesquisadoras baianas acerca da percepção de que formas do tipo *pegue, leve e faça* soam mais autoritárias para falantes que usam *pega, leva e faz*. Essas falantes percebem que são consideradas “autoritárias”, fora de sua região de origem, por causa do uso do imperativo associado ao subjuntivo; contudo, não concordam, ou seja, não sentem que a variante imperativa associada ao indicativo tenha conotação autoritária para os falantes de regiões em que se verifica a predominância de imperativo associado ao subjuntivo. Tampouco sentem o uso do imperativo na forma indicativa - forma predominante nas regiões Centro-Oeste e Sudeste – como mais autoritário.

Partindo dessas reflexões, a hipótese é que o falante nativo da região Centro-Oeste e Sudeste, em que predomina a forma menos marcada, ou seja, o imperativo associado ao indicativo, ao mudar-se para o Nordeste, região na qual geralmente predomina a forma mais marcada - o imperativo associado ao subjuntivo, apresenta um percentual de mudança menor do que o evidenciado com o fortalezense que chega à região onde o imperativo associado ao indicativo predomina. Contudo, só em trabalhos futuros poderemos confirmar essa hipótese, por meio de novas entrevistas envolvendo falantes das regiões Centro-Oeste, Sudeste ou Sul que se mudaram para Fortaleza há mais de uma década.

Além de os resultados apresentados sinalizarem a direção da mudança linguística que se evidencia na fala do migrante fortalezense que chega ao Distrito Federal, os pesos relativos confirmam a importância do primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa *Varbrul*: o gênero. Analisando os pesos relativos atribuídos aos falantes masculinos, na tabela 07, observa-se, conforme já dissemos, um efeito

gradual com pesos relativos que vão de 0,10 para o falante que produz menos o imperativo associado ao indicativo até o peso de 0,66 para o falante do grupo que mais produz imperativo na forma indicativa. Considerando os resultados para as mulheres, observa-se também essa diferença significativa com pesos relativos que vão de 0,22 para a falante que produz menos imperativo associado ao indicativo até o peso de 0,94 para a falante que produz mais essa variante. Os resultados mostram que a mudança na fala dos homens segue a mesma tendência da mudança observada na fala das mulheres, embora de forma mais lenta no grupo masculino. Entendemos que as diferenças entre os pesos relativos nos dois grupos e entre eles tem relação com a profissão e com os aspectos socioculturais e identitários.

Dja, por exemplo, é professor universitário, profissão que favorece o uso de formas de prestígio e de formas menos marcadas, no caso do Distrito Federal, o imperativo associado ao indicativo. Essa acomodação ao prestígio local, pode, em parte, ser explicada com base na avaliação desfavorável do brasiliense em relação a traços mais marcados do dialeto nordestino. Os falantes 12 (Bes) e 14 (Pau) são funcionários do Banco Central, mudaram-se para Brasília em função do concurso para o Banco, encontrando em seu novo ambiente de trabalho pessoas que também vieram de outras regiões com esse mesmo objetivo. Nesse contexto, favorece-se uma comunicação pautada pelo jargão profissional, e as relações restringem-se a um nível profissional. Após um período de adaptação à cidade, ambos relataram que ampliaram suas redes sociais e hoje se sentem completamente integrados à cidade.

Os resultados apresentados na tabela 07 mostram que o tempo de residência em Brasília não tem uma correlação evidente com os percentuais de variação. Dja (falante 15) está no Distrito Federal há 37 anos e o peso relativo de 0,58 mostra um favorecimento do imperativo associado ao indicativo, refletindo um estágio já avançado em direção à mudança. Os resultados para a fala de Bes e Pau, que estão no Distrito Federal há pouco mais de doze anos, apresentam uma diferença significativa, com peso de 0,15 e 0,46, respectivamente. Ao analisar o comportamento desses dois falantes, constatamos, por meio das entrevistas, que a questão cultural e identitária - como o medo de perder o sotaque, a ligação com a família - manifesta-se com mais intensidade entre eles. A fala de Bes é avaliada pelos amigos e pela sua esposa como mais focalizada, apresentando traços bem marcados do falar nordestino, o que, a princípio, parece justificar o desfavorecimento do uso do imperativo associado ao indicativo.

Outro fato interessante, conforme já foi citado, refere-se ao desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo (peso de 0,10) na fala de Luc, filho de Bes e Viv. Segundo a mãe, o filho está totalmente adaptado à vida de Brasília, e não apresenta nenhum sotaque, porém não perde o vínculo com Fortaleza e passa três meses por ano, lá, junto à família. Este fator pode explicar parcialmente o alto índice de imperativo associado ao subjuntivo em sua fala.

Os resultados também devem ser analisados à luz das ideias de Labov (2001). O linguista diz que é na fase de aquisição (de 1 a 3 anos) que o nível da variável é fixado. A partir daí até os dezesseis anos, há um período de incremento no uso dessa variável, que vai se estabilizar aos dezessete anos (cf. Labov, 2001:448). Isso, segundo o autor, mostra que as crianças preservam o sistema dos pais até os quatro anos, e que durante o período de incremento vão sofrendo a influência da mudança até os dezessete anos. Baseando-se nessa teoria, é pertinente supor que o peso relativo de 0,10, encontrado para Luc - desfavorecedor do imperativo associado ao indicativo – , modifique-se à medida que ele alcance a idade crítica, ou seja, os dezessete anos, e que, a partir daí, verifique-se a mesma tendência nos níveis de mudança evidenciados nos demais falantes entrevistados – o favorecimento do imperativo associado ao indicativo.

Um estudo apresentado por Labov (2001:423) investiga a redução de acento no marcador de futuro “bai” a partir de “bombai” em Tok Pisin, comparando dados de adultos e de crianças. Primeiramente, o autor identificou uma redução mais acentuada na fala das crianças e interpretou-a como resultado do distanciamento do sistema linguístico dos adultos. Contudo, em uma análise mais atenta, o autor observou que essa amostra incluía sete conjuntos de pais e filhos e que os resultados, apresentados em gráficos, mostravam uma linha paralela entre os dois grupos, seguindo a mesma tendência. (cf. anexo 2, fig. 13.2). Com isso, o autor constatou que os sistemas das crianças projetam de forma regular o sistema dos pais.

Na tabela 07, os resultados apresentados para os pais de Luc se destacam em função da diferença significativa entre os dois. Na fala de Viv, predomina o uso do imperativo associado ao indicativo com peso de 0,92, enquanto na fala de Bes esse peso é de 0,15. Essa diferença chama ainda mais a atenção, porque os dois falantes formam um casal, ambos nasceram e foram criados em Fortaleza e vieram para Brasília um ano após o nascimento do filho, cujo uso do imperativo segue a mesma tendência do pai. No caso do pai, que mantém o uso da forma subjuntiva em seu dialeto, reiteramos que se trata de manutenção de aspectos identitários ligados à própria cultura e à formação

desse falante, que, embora tenha sido morador da capital – Fortaleza -, traz traços da origem de sua família do interior do Ceará, com quem mantém contato constante. Já o comportamento linguístico de sua mulher pode ser interpretado à luz das teorias labovianas acerca do papel de líderes que as mulheres assumem no fenômeno da mudança linguística. No caso da mulher, a convergência em direção ao dialeto local foi interpretada como uma questão de adaptação à situação vivida, considerando fatores sociais e profissionais: cidade nova, filho de dois anos, admissão no concurso da Caixa Econômica Federal (CEF), novas perspectivas, novos amigos. Para Labov (2001), a difusão da mudança nas grandes cidades é promovida pelas mulheres, combinando ascensão social e rejeição às normas condicionantes da polidez social.

Em resumo, o pai mantém o imperativo associado ao subjuntivo, enquanto a mãe se afasta dessa forma, apresentando os mesmos percentuais do uso predominante na fala do Distrito Federal. A família tem uma boa situação financeira, sendo pai e mãe bem sucedidos profissionalmente e perfeitamente adaptados à cidade. Segundo a teoria da acomodação (Giles & Powesland; 1975 *apud* Hanna 1986), o falante acomoda sua linguagem à do interlocutor, seja se aproximando do jeito do falar local ou se afastando. A convergência em direção ao dialeto local pode ser uma forma de receber aprovação e avaliação positiva do novo grupo. É provável que nem sempre esse seja um processo consciente. Na entrevista com a mãe, ela reconhece não ter tido nenhum problema na chegada a Brasília. Sua adaptação ao dialeto local pode ter sido uma forma de mostrar uma boa interação com o grupo, além de uma maneira de mostrar que, em sua nova função profissional, ela não teria nenhum problema de adaptação, tanto profissional quanto social ou linguística. Segundo Hanna (1986), há uma tendência em Brasília para a convergência, visto que há, nas classes urbanas, uma tendência à homogeneização na fala. Além disso, o Distrito Federal favorece a formação de redes abertas por causa de suas distâncias dentro da própria cidade e em relação às demais capitais do país e da constante desigualdade social entre os membros da comunidade. Com base nas informações fornecidas pelos informantes, inferimos que suas redes sociais são abertas, pois são formadas por pessoas de diferentes partes do país, sendo que esse contato caracteriza as redes uniplexas (Borttoni-Ricardo, 1985) – aquelas em que o contato é profissional ou familiar e cujos indivíduos não têm contato intenso. De acordo com os estudos de Milroy (1980), as redes fechadas favorecem a manutenção do dialeto de origem do falante. No caso do falante Bes, esse aspecto não se reflete nos resultados

encontrados, visto que, embora ele mantenha o dialeto de origem, ele não se insere em uma rede fechada.

5.4 Traços identitários dos falantes

Após as análises em conjunto e separadas por gênero e após todas as análises apresentadas até aqui, fizemos uma outra rodada como uma configuração diferente para o grupo falantes/gênero. Tomando por base características identitárias dos falantes e sua rede de contatos familiares, os falantes foram separados em três grupos de homens e mulheres com base em traços de proximidade em relação à Brasília³⁷. O objetivo, a princípio, era ratificar a importância da identidade desse grupo no uso variável do imperativo. Após os resultados dessa análise, observamos a necessidade de ver os efeitos dessa variável, separando gênero e identidade do falante. Esses resultados serão apresentados nas tabelas 12 e 13. A seguir, apresentamos os traços que caracterizam cada grupo bem como os falantes que dele fazem parte.³⁸

1. [-] Brasília – Falantes mais distantes dos hábitos e costumes de Brasília. Esse grupo tem mais proximidade com os aspectos socioculturais de Fortaleza. Há o contato diário ou semanal com os parentes e/ou amigos, apego aos costumes da capital cearense, proximidade com parentes fortalezenses no Distrito Federal.³⁹

“a” – falantes femininas – Vla, Cris, Cic (falantes 2, 3, 5, respectivamente)

“A” – falantes masculinas – Mar, Bes (falantes 11, 12, respectivamente)

³⁷ O uso do termo “Brasília” por “Distrito Federal”, nesta classificação, reflete o termo que é usado pela população local para se referir ao Distrito Federal, refletindo assim a identidade da população.

³⁸ A professora Marta Scherre também fez a classificação por traços identitários com base nas informações fornecidas aqui em relação aos hábitos dos falantes. Houve bastante convergência nos resultados, ainda que a professora não conheça os falantes.

³⁹ Para a inserção dos falantes em cada classificação não há obrigatoriedade de que ele apresente todas as características listadas. Exemplo disso é Wan, que está inserida no conjunto de traços 2: ela tem contato com parentes fortalezense no DF, contudo vai pouquíssimo a Fortaleza, não se comunica com parentes em Fortaleza e nem demonstra apego aos costumes cearenses.

2. [+ -] Brasília – Falantes que mantêm contato semanal com familiares de Fortaleza. Não convivem com familiares fortalezenses no Distrito Federal. Revelam pouco apego aos costumes cearenses.

“b” – falantes femininas – Jes, Wan, Viv (falantes 1, 4, 8, respectivamente)

“B” – falantes masculinos Luc, Pau F, Pau, Dja, Ale (falantes 10, 13, 14, 15, 16, respectivamente)

3. [+] Brasília – Falantes que estão inseridos e adaptados ao contexto sociocultural do Distrito Federal. Não têm contato algum com Fortaleza, com os costumes, nem com parentes.

“c”⁴⁰ – falantes femininas – Ma, Car, Neu (falantes 6, 7, 9, respectivamente)

A tabela 10 com as frequências relativas e os pesos relativos está apresentada a seguir.

⁴⁰ Considerando-se os critérios adotados, não houve falantes masculinos que pudessem ser inseridos nesse grupo, por isso a ausência do grupo C.

TABELA 10 - Uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários dos falantes no *corpus* de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Indicativo/ Total	Frequência de uso	Peso relativo dos fatores
Falantes femininas			
[-] Brasília (a) Falantes Vla, Cris, Cic	132/214	62%	0,36
[+-] Brasília (b) Falantes Jes, Wan, Viv	126/162	78%	0,53
[+] Brasília (c) Falantes Ma, Car, Neu	191/209	91%	0,89
Falantes masculinos			
[-] Brasília (A) falantes Mar, Bes	40/103	39%	0,16
[+-] Brasília (B) falantes Luc, Pau F, Pau, Dja, Ale	175/284	62%	0,36
[+] Brasília	Não há falantes	-	-
Total	664/972	68%	

Os resultados dispostos na tabela 10 são bem consistentes e revelam diferenças significativas, tanto em relação aos traços identitários de homens e mulheres, quanto em relação às diferenças entre os gêneros. Os pesos relativos mostram que homens e mulheres com o traço de [-] Brasília são os que mais desfavorecem o uso de imperativo associado ao indicativo. Enquanto que, no grupo com traço [+] Brasília, formado apenas por mulheres, ocorre favorecimento de formas indicativas. Homens e mulheres com traço [+-] Brasília mantêm-se entre os dois grupos cujos resultados se polarizam. Esses números, conforme pode ser visto no gráfico 7, apresentam a mesma tendência, revelando uma linha paralela entre homens e mulheres.

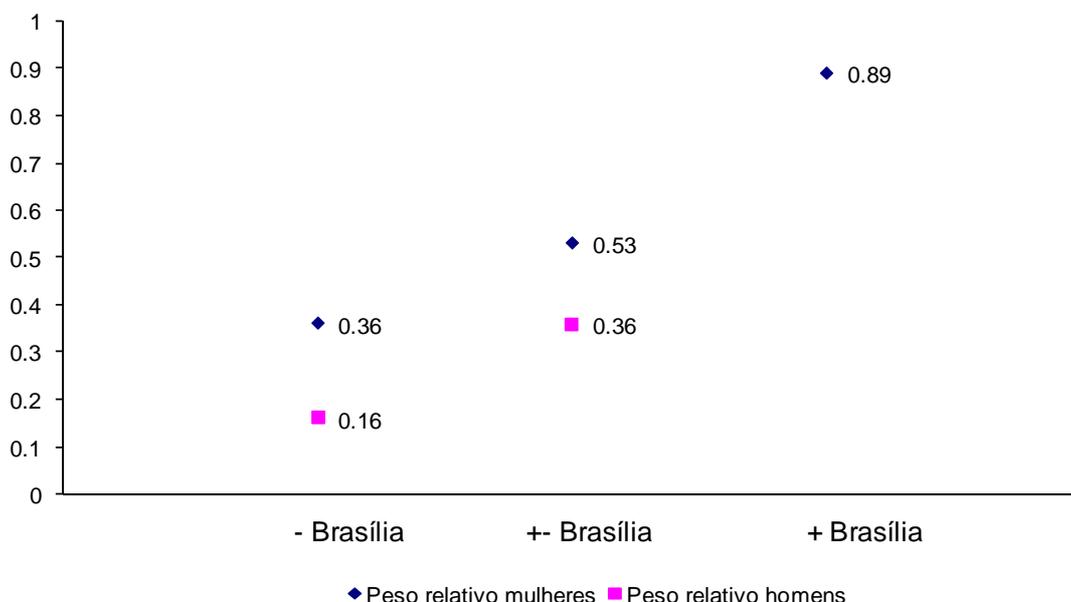
A tabela 11 mostra apenas o peso relativo e ratifica a tendência de mudança encontrada nos dois grupos, bem como a presença dos níveis de mudança para cada grupo de falantes.

TABELA 11 – Peso relativo dos grupos de falantes considerando o uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários dos falantes no *corpus* com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal

Fatores	Peso relativo mulheres	Peso relativo homens
[-] Brasília	0,36	0,16
[+/-] Brasília	0,53	0,36
[+] Brasília	0,89	

A dimensão da variação entre os gêneros é constatada pelo *range* dessa variável, ou seja, pela observação da diferença entre os resultados dos fatores “mulher” e “homem”, separadamente. Para o grupo com traço de [-] proximidade de Brasília, vemos que essa diferença entre os gêneros é de 20; para o grupo com traço [+/-] proximidade de Brasília o *range* é de 17. Esse efeito das diferenças entre os gêneros também pode ser acompanhado pelo gráfico 7.

GRÁFICO 7 – Traços identitários: diferenças entre os gêneros



O gráfico 7 ilustra que a variação na fala de homens e mulheres segue paralelamente a mesma tendência. Em relação aos traços identitários, o gráfico mostra que homens e mulheres com traço [-] Brasília desfavorecem o uso do imperativo associado ao indicativo. Traço [+/-] Brasília mostra um aumento do favorecimento de forma indicativa – uso predominante na região. Já o traço [+] Brasília eleva o uso do imperativo associado ao indicativo com peso relativo de 0,89.

Após essas análises, confirma-se, novamente, a consistência da variável independente “falantes/identidade”. A nova configuração dessa variável, considerando a caracterização dos falantes por traços, obtém a mesma significância estatística em relação às rodadas anteriores. Os fatores que evidenciam o conjunto de traços identitários mantêm os mesmos níveis propostos para os grupos: três níveis de mudança na fala das mulheres e dois níveis de mudança na fala dos homens, conforme explicitado na seção 5.2 deste capítulo. Emerge assim o ponto central de nossa discussão nessa tese: a influência de fatores identitários no uso variável do imperativo em um grupo de falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal. O nível de gradação na mudança mantém-se, conforme podemos constatar nos gráficos apresentados no decorrer desta seção.

Essa análise mostrou o efeito da variável “gênero/identidade dos falantes”. Os resultados mostram o efeito consistente dos dois fatores juntos: identidade e gênero. Para avaliar o efeito de cada um, separadamente, no uso variável do imperativo, fizemos uma análise separando os dois fatores. As tabelas 12 e 13 mostram os resultados, considerando esses dois aspectos como duas variáveis independentes.

TABELA 12 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função dos traços identitários no *corpus* de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Ocorrências/ Frequência média	Peso relativo
[-] Brasília	172/317 = 54%	0,28
[+/-] Brasília	301/446 = 68%	0,47
[+] Brasília	191/209 = 91%	0,85
Total	664/972 = 68%	

TABELA 13 – Efeito do imperativo associado ao indicativo em função do gênero dos falantes no *corpus* de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Ocorrências/ Frequência média	Peso relativo
Mulheres	449/585 = 77%	0,59
Homens	215/387 = 56%	0,37
Total	664/972 = 68%	

A seleção dessas duas variáveis pelo programa confirma a nossa expectativa de que a identidade do falante e o gênero são variáveis significativas no uso variável do imperativo, considerando o grupo de falantes fortalezense moradores de Brasília. Conforme já falamos, essa mudança está se evidenciando em um contexto de deslocamento dos falantes, ou seja, a identidade e o gênero são fatores relevantes na mudança linguística que se evidencia em um grupo de falantes que sai de uma região onde predominam formas imperativas do tipo *fale, leve, venha* para outra em que predominam formas como *fala, leva, vem*.

Tagliamonte (2006:242) destaca que a magnitude dos fatores é particularmente importante quando se deseja comparar variáveis. Para isso, analisamos o *range* de cada variável, ou seja, observamos a polaridade entre os fatores de cada variável. A tabela 12 mostra o peso relativo de 0,28 para o falante com traço [-] Brasília e o peso de 0,85 para o falante com traço [+] Brasília. Logo o *range* da variável “identidade” sozinha é de 57. Já em relação ao grupo “gênero”, vemos, na tabela 13, que o *range* da variável gênero sozinha é de 22. Esses resultados comprovam o vigor do efeito da variável “identidade”

Além disso, vale registrar que a variável “identidade” foi a segunda variável selecionada pelo programa enquanto a variável “gênero” foi a quinta selecionada. Dessa forma, o programa aponta que o efeito da identidade é mais forte que o do gênero no uso variável do imperativo em nossa pesquisa.

Labov, em seu estudo de 1966 com moradores da ilha de Martha’s Vineyard, investigou a centralização dos ditongos na fala dessa comunidade observando as diferenças na altura do primeiro elemento desses ditongos. Verificou que os moradores da região preservavam a forma não-padrão e estigmatizada. Essa atitude foi interpretada por Labov como um traço de rejeição dessa comunidade em relação à invasão dos

veranistas, refletindo, dessa forma, o efeito dos traços identitários desses moradores na manutenção do traço mais marcado.

Paralelamente a essas análises, foi investigada a variável “sistema do falante”. Com isso, buscamos verificar a variação nas frequências de uso do imperativo em função do sistema linguístico do falante ao chegar ao Distrito Federal. Essa variável independente não foi selecionada pelo programa, mas sua análise é importante para a discussão acerca da variação e da mudança linguística. Para a análise dessa variável, considerou-se a faixa etária desse falante ao chegar ao Distrito Federal, obtendo a seguinte classificação:

- 1) Sistema “não formado” – falantes filhos de Fortalezenses que nasceram no Distrito Federal ou vieram com até 1 ano de idade.
- 2) Sistema de transição – falante que chegou com idade entre 17 e 18 anos.
- 3) Sistema intermediário – falante que chegou entre 23 e 29 anos.
- 4) Sistema pronto - falante que chegou à região com mais de 30 anos.

Os resultados das frequências médias estão na tabela 14.

TABELA 14 - Uso do imperativo associado ao indicativo em função do sistema linguístico do falante no *corpus* de fortalezenses moradores de Brasília

Fatores	Indicativo/Total	Porcentagem da forma indicativa
Nascidos no DF (0 a 1 ano)	234/368	64%
Transição (17 e 18 anos)	174/205	85%
Intermediário (23 a 29 anos)	199/299	67%
Pronto (mais de 30 anos)	57/100	57%
Total	664/972	68%

A análise e a conjectura que fazemos em relação a esses resultados baseiam-se apenas nas frequências relativas. A expectativa era de que o sistema linguístico dos “nascidos no DF” favorecesse o uso do imperativo associado ao indicativo – forma que predomina na região Centro-Oeste em mais de 90% dos casos. Contudo, vemos que o percentual de uso dessa forma para os filhos de fortalezenses moradores de Brasília aproxima-se da média de uso do grupo com todos os falantes, que é de 68%. Isso mostra que a rede de contatos com familiares e aspectos identitários interferem nesse grupo de nascidos no Distrito Federal. Os grupos “transição” e “intermediário” apresentam resultados distintos: o primeiro grupo favorece o uso de formas indicativas com frequência de 85%; enquanto o segundo apresenta frequência média de 67% - próxima à média do grupo que é de 68%. O grupo que tem sistema “pronto” confirma nossa expectativa, pois é o grupo cujos resultados desfavorecem o imperativo associado ao indicativo em relação à média. Esse resultado mostra que a tendência do falante que tem o sistema linguístico já estabilizado é manter mais a variedade de origem quando chega a uma região que apresenta traços diferentes. O nível de significância de 0.000, apresentado no nível 1 da análise feita pelo programa, mostra que esse grupo seria um candidato à seleção pelo programa. Contudo, com a entrada dos outros grupos de fatores, o nível de significância aumentou e tirou o grupo do nível de seleção.

A não seleção dessa variável remete-nos ao texto de Labov em que o autor analisa o trabalho de Payne (1976, 1979 *apud* Labov, 2001). Esse estudo de Payne investiga a aquisição de seis variantes fonéticas da Filadélfia em King of Prussia, uma nova comunidade em que metade dos pais vinha da Filadélfia e metade de fora do estado. A autora constata que a maioria das crianças adquiria estes padrões dentro de um ou dois anos de residência na Filadélfia. Crianças de nove anos que chegaram a *King of Prussia* mostraram, diz a autora, que aprendiam as regras fonéticas locais antes das crianças que chegaram mais tarde, considerando que havia muitas diferenças individuais. Payne controlou para cada criança a idade de chegada à Filadélfia, o número de anos sob a influência da Filadélfia e o número de anos sob influência de outros dialetos. Quanto às influências sociais, ela controlou o número de pares mencionado pela criança na entrevista. Payne relatou que a maior variável social era a idade de chegada na comunidade da Filadélfia. Contudo, Labov (2001:431), em uma reanálise desses dados, evidenciou que a variável independente mais significativa era o número de vezes que o falante fora mencionado por pares, que é um índice sensível da

densidade da rede social do falante. Labov não encontrou um efeito significativo da idade, da idade de chegada ou dos anos passados na Filadélfia.

As análises apresentadas neste capítulo mostram que os traços identitários do grupo de fortalezenses investigado tem um efeito vigoroso e significativo tanto na variação do imperativo como no processo de mudança evidenciado pelos resultados. Com isso, respondemos às questões feitas no início do capítulo, sintetizando-as a seguir:

1. As diferenças no uso do modo imperativo na fala dos homens e das mulheres investigados se acentuam no processo de mudança linguística que se evidencia quando o falante se muda de uma região para outra em que os traços linguísticos são diferentes.
2. A velocidade da mudança linguística difere na fala da mulher e do homem, de acordo com níveis que indicam uma mudança mais lenta ou mais avançada.
3. O tempo de moradia na cidade para a qual o falante se muda, em nossa análise, não apresentou interferência significativa na velocidade da mudança.
4. Os traços culturais bem como o contato com os familiares são fatores significativos na variação e na mudança do modo imperativo.

6. OUTRAS VARIÁVEIS ESTATÍSTICAMENTE RELEVANTES

Vimos até aqui que o uso do modo imperativo está associado a questões complexas cuja análise vai além da caracterização apresentada pela tradição gramatical, em que, geralmente, há uma simples associação à pessoa do discurso (cf. Scherre, 2002:222). Em nossa pesquisa, observamos que, na língua falada, o uso do imperativo é condicionado por variáveis linguísticas e não-linguísticas que estão imbricadas, como explicitado no capítulo 5, na análise acerca das questões identitárias e do gênero do falante.

Neste capítulo, serão apresentadas as demais variáveis independentes que obtiveram significância estatística, a saber:

I – Próprias da estrutura

- Polaridade da estrutura/ posição da partícula negativa/ tipo de pronome no contexto.
- Presença/ ausência e localização do vocativo.
- Presença e posição das âncoras discursivas.

II - Próprias do discurso

- Paralelismo discursivo

III - Próprias do falante

- Faixa etária

IV – Próprias da interação

- Interação entre os falantes

A análise dessas variáveis será feita em função da variável falantes/identidade⁴¹, ou seja, analisaremos os resultados estatísticos nas várias rodadas, avaliando a interferência de cada uma dessas variáveis em relação ao grupo de falantes femininos e masculinos. Algumas das hipóteses acerca desses grupos foram explicitadas no capítulo

⁴¹ Os resultados estatísticos apresentados nesse capítulo foram retirados da análise feita com todos os falantes agrupados por traços identitários (tabela 10).

3 e serão retomadas aqui com o objetivo de testarmos seus efeitos em nosso *corpus* com fortalezenses moradores do Distrito Federal.

6.1 A identidade do falante face às variáveis linguísticas e sociais

A tabela a seguir registra os pesos relativos de todos os fatores da variável independente “falante/identidade”, desde o primeiro nível até o sétimo. O objetivo é observar, em cada nível, as eventuais modificações que vão ocorrendo com a entrada das demais variáveis independentes. A partir de então, o foco será a análise desses resultados visando compreender o papel dessas variáveis no processo de variação e mudança linguísticas que tem sido evidenciado no *corpus* em questão.

TABELA 15 – Análise dos pesos relativos por falantes (grupo falantes/identidade) no cruzamento com todas as variáveis independentes com significância estatística no *corpus* com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal.

Falante	Indicati-vo/total	Fre-quência de uso	Nível 1	Nível 2 Paralelismo	Nível 3 Polaridade	Nível 4 Faixa etária	Nível 5 Vocati-vo	Nível 6 Intera-ção	Nível 7 Âncoras
[-] Brasília (a) Falantes femininas (v) - (c) - (C)	132/214	62%	0,39	0,40	0,42	0,38	0,38	0,37	0,36
[-] Brasília (A) falantes masculinos (s) - (p)	40/103	39%	0,20	0,23	0,21	0,19	0,19	0,17	0,16
(-+) Brasília (b) Falantes femininas (g) - (w) - (m) -	126/162	78%	0,58	0,56	0,54	0,51	0,51	0,51	0,53
(-+) Brasília (B) falantes masculinos (f) - (a) - (u) - d) - (x)	175/284	62%	0,39	0,40	0,35	0,36	0,35	0,35	0,36
[+] Brasília (c) Falantes femininas (l) - (r) - (n)	191/209	91%	0,81	0,80	0,85	0,88	0,89	0,90	0,89
[+] Brasília (c) Falantes masculinos	Não há falantes								
Total	664/972	68%							
Significância			0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,017	0,006

Pela análise dos pesos relativos no nível 1, em que se encontram os pesos de cada variável sem interferência das demais, e pelo nível 7, após o cruzamento com todas as variáveis, percebe-se que o grupo falantes/identidade ratifica sua estabilidade e consistência, visto que os resultados revelam diferenças pequenas entre os níveis citados. Por outro lado, no cruzamento com as demais variáveis independentes, observa-se que a significância estatística de cada variável e sua respectiva seleção pelo programa se dá quando são identificadas interferências significativas entre os grupos, cruzando os fatores de cada variável entre si e em relação aos fatores dos demais grupos.

Analisaremos, nas seções seguintes, o papel de cada variável independente na rodada ilustrada na tabela 15.

6.1.1 Paralelismo discursivo

A literatura linguística tem associado o princípio do paralelismo a um recurso de repetição de estruturas, seja no nível fonológico, lexical ou morfossintático. Embora esse fenômeno tenha sido associado mais comumente à língua oral, vários linguistas brasileiros o têm investigado também no texto escrito (Silva, 2003; Scherre, 1998).

Essa variável, conforme já descrevemos no capítulo 3, consiste em identificar, em uma sequência de orações, a interferência de uma forma precedente sobre a forma subsequente. Nossos resultados confirmam o que a literatura descreve: há um condicionamento linguístico no plano do discurso motivado pelas formas precedentes, ou seja, o uso do imperativo associado ao indicativo numa sequência discursiva favorece outra forma associada ao indicativo, assim como o uso do imperativo na forma subjuntiva favorece outra forma subsequente associada ao subjuntivo (cf. Sampaio, 2001; Scherre, 2003; Cardoso, 2004; Jesus, 2006).

Em todas as rodadas que realizamos - tanto na rodada que traz todos os falantes como na que traz falantes separados por gênero - a variável linguística paralelismo linguístico obteve significância estatística. Na tabela 16, estão registrados os resultados obtidos na rodada final.

TABELA 16 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do paralelismo discursivo no *corpus* de fortalezenses moradores de Brasília.

Fatores	Indicativo/Total	Porcentagem da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
Forma isolada	281/413	68%	0,51
Primeira da série	154/220	70%	0,50
Forma precedida de indicativo	205/233	88%	0,71
Forma precedida de subjuntivo	24/106	23%	0,10
Total	664/972	68%	

Essa é uma variável bastante sólida, haja vista os resultados dos pesos relativos no nível 1 da rodada⁴², que revelam poucas alterações em relação aos pesos apresentados na tabela 16. Percebemos que a diferença mais significativa encontra-se no fator (i) “formas precedidas de imperativo associado ao indicativo”, com uma diferença de 5 pontos entre os referidos níveis de análise. Ao verificar cada nível de seleção (cf. tabela 15), percebe-se que não houve interferência significativa de uma variável independente específica na alteração apresentada entre os pesos; a cada nível, 1 ponto foi sendo retirado, até se chegar ao resultado final.

A tendência identificada nos demais trabalhos citados acerca do paralelismo é também evidenciada aqui. As formas isoladas (u) e as primeiras da série (p) tendem a se aproximar; enquanto as diferenças se polarizam em relação aos demais fatores do grupo: formas precedidas de imperativo associado ao indicativo favorecem essa mesma forma subsequente, com peso de 0,70; formas precedidas de imperativo associado ao subjuntivo desfavorecem imperativo na forma indicativa, como confirma o peso relativo de 0,10.

Nos dois *corpora* de controle – DSC e PORCUFORT - as tendências se repetem.

⁴² Nesse nível, os pesos relativos para cada um dos fatores desse grupo são: para (u) - 0,48; (p) - 0,50; (i) - 0,76; (s) - 0,11.

TABELA 17 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função do paralelismo discursivo nos *corpora* DSC e PORCUFORT

Fatores	Peso relativo dos fatores no corpus PORCUFORT	Peso relativo dos fatores no corpus DSC
(u) Forma isolada	0,53	0,52
(p) Primeira da série	0,72	0,48
(i) Forma precedida de indicativo	0,84	0,72
(s) Forma precedida de subjuntivo	0,22	0,28

Vemos que, entre os falantes de Fortaleza, a variação do imperativo também é condicionada pelo paralelismo discursivo. Em uma região onde predomina o subjuntivo, observa-se que na presença de estruturas imperativas precedidas de indicativo favorecem o indicativo conforme mostram os altos pesos relativos de 0,84 para o PORCUFORT e de 0,72 para o DSC; já na presença de formas precedidas de subjuntivo esses pesos são de 0,22 e 0,28, respectivamente.

6.1.2 Polaridade da estrutura e presença/ausência e tipo de pronome no contexto discursivo

A análise dessa variável visa identificar o efeito da polaridade da estrutura – afirmativa ou negativa – e da presença/ausência e do tipo de pronome no contexto discursivo, no uso do imperativo associado ao indicativo ou ao subjuntivo. Os resultados mostram que há uma tendência de favorecimento no uso do imperativo associado ao indicativo em estruturas afirmativas, enquanto, em estruturas negativas, essa associação é desfavorecida. A análise mostra também uma tendência em relação à presença/ausência dos pronomes *tu/você*: enquanto a presença do *tu* favorece o uso de formas como *leva, faz, vem* (imperativo na forma indicativa), a presença do pronome *você* explícito no contexto favorece formas como *leve, faça, venha* (imperativo associado ao subjuntivo); sua ausência no contexto aumenta o percentual de imperativo associado ao indicativo.

Analisamos os resultados estatísticos da variável *polaridade* no nível em que se encontram todas as demais variáveis que obtiveram significância estatística. Os fatores foram codificados considerando a polaridade das estruturas (afirmativa e negativa) e a presença/ausência dos pronomes tu/você. Além dessas informações, estão também apresentados na tabela 18 os códigos de cada fator e o número de ocorrências do imperativo antes da amalgamação dos grupos para o processamento da rodada de pesos relativos.

TABELA 18 – Efeito do uso do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade da estrutura e da presença/ausência e do tipo de pronome no contexto discursivo no *corpus* de fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Indicativo/Total	Porcentagem da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
Construções afirmativas			
Pronome <i>você</i> explícito	129/212	61%	0,39
Ausência de pronome no contexto	463/620	75%	0,61
Construções negativas			
Negação pré-verbal - <i>você</i> explícito	22/41	54%	0,14
Negação pré-verbal - ausência de pronome no contexto	27/70	39%	0,17
Dupla negação – <i>você</i> explícito	4/6	67%	0,35
Dupla negação – ausência de pronome no contexto	12/14	86%	0,65
Negação pós-verbal – <i>você</i> explícito	1/2	50%	0,18
Negação pós-verbal – ausência de pronome no contexto	6/7	86%	0,80
Total	664/972	68%	
Construções afirmativas que não foram consideradas para a rodada de pesos relativos em função do efeito categórico			
Pronome <i>tu</i> explícito	5/5	100%	
Pronome <i>te/teu</i> explícito	2/2	100%	
Mistura <i>te/teu</i> <i>você</i> explícito	4/4	100%	
Construções negativas que não foram consideradas para a rodada de pesos relativos em função do efeito categórico			
Pronome <i>te/teu</i> explícito	1/1	100%	
Total	12/12	100%	

Indubitavelmente, nos dados de fala do Distrito Federal, o contexto do pronome *tu* bloqueia a variação: só ocorre imperativo na forma indicativa. Trata-se de um contexto de categoricidade, como registra a história, refletida na tradição gramatical.

Antes de avançarmos na análise dos outros fatores, convém buscar apoio para esta discussão também em nossos *corpora* de controle, tendo em vista que os dados de fortalezeses no Distrito Federal foram produzidos em um contexto discursivo em que predomina o imperativo associado ao indicativo, mesmo em contexto de pronome *você*: duas forças de efeito positivo juntas potencializaram os resultados e produziram esse contexto de invariância. Portanto, é importante saber o que ocorre em um contexto geográfico que tende a favorecer o imperativo associado ao subjuntivo, que é o contexto no qual se inserem os nossos *corpora* de controle.

A tabela a seguir mostra os efeitos dessa variável nos dois *corpora* de controle.

TABELA 19 - Efeito do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade da estrutura e da presença/ausência do tipo de pronome no contexto discursivo, nos *corpora* DSC e PORCUFORT

Fatores	Peso relativo dos fatores no <i>corpus</i> PORCUFORT	Peso relativo dos fatores no <i>corpus</i> DSC
Construções afirmativas		
Pronome <i>você</i> explícito	0,41	0,37
Ausência de pronome no contexto	0,55	0,63
Pronome <i>tu</i> explícito - <i>teu</i> no contexto	0,75	0,96
Construções negativas		
Todos os contextos negativos	0,17	0,58

No PORCUFORT, o contexto de *tu/teu/te* também favorece imperativo associado ao indicativo com peso relativo de 0,75. Ou seja, em um contexto de amplo uso de imperativo associado ao subjuntivo, o contexto do pronome *tu* não bloqueia a variação, embora a minimize.

No *corpus* DSC, o contexto de *tu* atinge quase a categoricidade com peso relativo de 0,96. Podemos concluir, considerando esses resultados, que o contexto *te/*

teu/tu favorece o imperativo associado ao indicativo, podendo chegar até a um efeito de categoricidade.

Observando o contexto do pronome *você*, vemos que há um favorecimento do imperativo associado ao subjuntivo, o que também mostra um efeito da história. É importante lembrar que a presença do pronome *você* no contexto favorece o imperativo associado ao subjuntivo, mas não há efeito categórico, ou seja, a associação de forma imperativa e pronome não está em completa distribuição complementar como registra a história. Ressaltamos aqui que na presença de pronome *você* a negação⁴³ polariza o efeito, ou seja, negação e contexto de *você* constituem o contexto de maior força desfavorecedora de imperativo associado ao indicativo.

Lembramos que a negação pré-verbal, mesmo na ausência de qualquer pronome – contexto mais favorecedor de imperativo associado ao indicativo, conforme ilustram as tabelas 18 e 19 -, também desfavorece imperativo associado ao indicativo. Há, assim, como um reflexo dos momentos históricos, um jogo de força complexo entre presença/ ausência de pronomes *tu/você* e polaridade da estrutura.

Para fecharmos a descrição, vejamos o efeito desses fatores na amostra de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal, cujos resultados estão representados na tabela 18. A tendência regular é absoluta: o contexto afirmativo favorece o uso do imperativo na forma indicativa relativamente ao contexto negativo. Percebe-se, também, uma variação significativa dos resultados em função da presença ou da ausência do pronome *você*, tanto no contexto afirmativo como no negativo. Em estruturas afirmativas, a presença do pronome *você* no contexto desfavorece o uso do imperativo na forma indicativa com peso de 0,39⁴⁴; já a ausência desse pronome favorece a associação ao indicativo com peso de 0,61. Contudo, em estruturas negativas, há uma pequena inversão: na presença do pronome *você*, o peso relativo é 0,17, enquanto na ausência desse pronome o peso é de 0,14.

Contudo, vemos que a tabela 18 traz frequências completamente opostas em contextos de negação quando se trata de estruturas com negação pós-verbal e dupla negação. A negação tem efeito favorecedor do imperativo associado ao subjuntivo apenas quando está em posição pré-verbal. Se estiver na posição pós-verbal ou se é dupla negação, a situação tende a se modificar: a negação pós-verbal polariza o efeito na ausência de pronome *você* no contexto, com peso relativo de 0,80. Na presença do

⁴³ Nesses dois *corpora* de controle não separamos a negação em relação à posição da partícula negativa.

⁴⁴ Jesus (2006) também encontra tendências semelhantes em sua pesquisa.

pronome *você/seu* explícito, o efeito da dupla negação (peso relativo de 0,35) é virtualmente idêntico ao efeito da estrutura afirmativa (0,39), mesmo com poucos dados. O contexto de negação pós-verbal na presença de pronome *você/seu* apresenta dados escassos para qualquer consideração.

6.1.2.1 Relação entre a sintaxe da negação e a expressão gramatical do imperativo no português brasileiro

Segundo Zanuttini (2005), há uma correlação entre as estratégias de negação das línguas e a possibilidade de negar o imperativo verdadeiro, nos termos de Rivero. Nessa análise, a autora parte do agrupamento das línguas românicas e de alguns dialetos românicos, de acordo com suas estratégias de negação. Sendo assim, identifica línguas de negação pré-verbal, como o espanhol, o italiano, o português europeu; línguas de negação pós-verbal, como as línguas do norte da Itália; e línguas de dupla negação, como ocorre no francês padrão.

6.1.2.2 Caracterização das línguas românicas de acordo com as estratégias de negação das orações

Segundo Zanuttini (2005), o uso de uma das estratégias de negação em uma dada língua correlaciona-se com a presença/ausência de restrições na distribuição de quantificadores de negação.

- a) Línguas com marcas de negação pré-verbal não negam imperativo verdadeiro (cf. também Rivero, 2004)

- (52) a. *Non telefona! (imperativo verdadeiro) (italiano)
b. **Non** telefonate! (imperativo substituto)

- b) Línguas com marcas de negação pós-verbal negam o imperativo verdadeiro

- (53) a. Parla! (imperativo verdadeiro) (piemontês)
b. Parla **nen**! (imperativo verdadeiro)

Conclui-se assim que a forma verdadeira (aquela associada ao indicativo, segundo a terminologia que está sendo usada nessa tese) não pode ser dominada sintaticamente pela negação, sendo necessário acionar a forma supletiva (forma associada ao subjuntivo); se a negação é pós-verbal, não há restrição à ocorrência do imperativo verdadeiro. Para Rivero (1994:95), o imperativo verdadeiro e a marca de negação estão em distribuição complementar, porque ocorrem na mesma posição na estrutura oracional. Segundo a autora, as formas supletivas exibem a mesma ordem de palavras que o imperativo verdadeiro em presença de clítico, mas contrastam com o imperativo verdadeiro na presença de negação pré-verbal, visto que esta bloqueia o movimento do verbo, impedindo que o imperativo verdadeiro seja negado (cf. também Rivero & Terzi, 1995:307).

6.1.2.3 O imperativo negativo e a sintaxe de negação no português brasileiro

A presença da partícula de negação na estrutura imperativa, bem como a posição que ela ocupa nessa estrutura, interfere no uso das formas alternantes do imperativo gramatical no português brasileiro. Não há restrição quanto ao uso da negação: o imperativo associado ao indicativo e associado ao subjuntivo podem ser negados, conforme mostram (54) e (55):

- (54) Não *faz* o dever!
- (55) Não *faça* o dever!

Advérbios como *nunca* e *jamais*, quando denotam valor negativo, também são usados em estruturas imperativas negativas, embora apenas com a forma supletiva e em posição pré-verbal, como em (56) e (57). Seu uso com o imperativo associado ao indicativo bloqueia a leitura imperativa e impõe leitura assertiva, em função do sentido temporal expresso pelos advérbios, conforme ilustra (58) e (59).

- (56) Jamais *faça* o dever.
- (57) Nunca *faça* o dever.

- (58) Jamais *faz* o dever.
- (59) Nunca *faz* o dever.

Esse fato confirma a tendência do português brasileiro, evidenciada em várias pesquisas variacionistas, de a negação pré-verbal, de maneira geral, favorecer o uso do imperativo associado ao subjuntivo (cf. Sampaio, 2001; Scherre, 2002, 2003; Cardoso, 2004).

No português brasileiro, a posição canônica da negação é à esquerda do verbo, porém há registros que evidenciam as três estratégias de negação, como mostram os exemplos retirados de Ramos (2002:155): negação pré-verbal, em (60); pós-verbal, em (61); dupla negação, em (62) (cf. também Alkmim, 2002; Furtado da Cunha, 2001).

- (60) E se eu **não** sou formada hoje (E28)
- (61) Acredito **não** (E30)
- (62) Que eu **não** concordava com aquilo **não** (E09)

O fato de o português brasileiro caracterizar-se como uma língua, predominantemente, de negação pré-verbal⁴⁵ não impede a negação do imperativo associado ao indicativo, tanto na língua escrita (63) como na falada (64). Contudo, vários estudos que investigam o uso variável do imperativo gramatical mostram que há uma tendência ao favorecimento do uso da forma supletiva em frases imperativas negativas, como em (65) (cf. Scherre, 2001; Sampaio, 2001; Cardoso, 2004).

- (63) Não ATRASA a boiada. (Veiga, 1994:152)
- (64) Não ENTRA no mar! (42F)
- (65) Não DEIXE o jasmineiro da varanda do quarto morrer. (Veiga, 1995: 24)

Os dados da tabela 20 mostram o percentual de uso do imperativo associado ao indicativo em frases imperativas negativas, em contexto de pronome *você*, de acordo com os resultados de Scherre *et al.* (1998), na análise de discurso falado; Scherre

⁴⁵ Furtado da Cunha (2001), em sua pesquisa com dados de língua falada e escrita na cidade de Natal, analisou 1649 orações negativas que exibem a seguinte distribuição de acordo com as estratégias de negação: i. língua falada - 1298 dados com estruturas de negação pré-verbal; 09 de negação pós-verbal e 158 de dupla negação; ii. língua escrita - 184 dados de negação pré-verbal.

(2001), na análise de dados de histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, publicadas em 1998 e 1999; de Sampaio (2001), na análise de dados de língua falada em Salvador (BA); de Cardoso (2004), com dados de língua escrita de José J. Veiga⁴⁶; de Lima (2005), com dados de Campo Grande (MS)⁴⁷.

TABELA 20 – Frequência de uso do imperativo associado ao indicativo em função da polaridade das estruturas – afirmativas e negativas

Fatores	Discurso falado (Scherre et al., 1998)	Histórias em quadrinhos (Scherre, 2001)	Língua falada de Salvador (Sampaio, 2001)	Textos escritos de José J. Veiga (Cardoso, 2004)	Língua falada de Campo Grande (Lima, 2005)
Frases imperativas afirmativas	82%	61%	29%	25%	73%
Frases imperativas negativas	66%	25%	20%	8%	20%

Em todas as amostras, o percentual de uso do imperativo na forma indicativa é menor quando se trata de frases imperativas negativas, ou seja, há uma tendência a negar menos o imperativo associado ao indicativo. Cardoso (2004), em estudo com dados da escrita, separou as estruturas imperativas negativas de acordo com as três estratégias de negação e obteve os seguintes resultados.

⁴⁶ O percentual de 8% apresentado na tabela considera apenas as estruturas com negação pré-verbal. Os demais trabalhos não apresentam a distinção entre as três estratégias de negação nas frases imperativas negativas.

⁴⁷ Lima (2005) separou as estruturas afirmativas em dois grupos: estruturas afirmativas com ‘você’ explícito direto e indireto apresentam 42% de frequência do imperativo verdadeiro; já as estruturas imperativas afirmativas sem você explícito apresentam 73% de imperativo verdadeiro.

TABELA 21 - Uso do imperativo na forma indicativa em função da posição da partícula negativa em textos escrito de José J. Veiga

Fatores	Indicativo/Total	Porcentagem da forma indicativa
Negação pré-verbal	7/87	8%
Negação pós-verbal	18/30	60%
Dupla negação	4/6	67%

Os resultados percentuais mostram que a negação pós-verbal e a dupla negação tendem a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo, como ilustrado em (66) e (67), mas também ocorre o uso de imperativo na forma subjuntiva, como ilustrado em (68) e (69), ainda que em percentual significativamente menor. Cardoso (2004) analisou essa polaridade nos resultados com frases imperativas negativas na linha da mitigação: “o uso da estrutura V+NEG e V+NEG+V produz, pelo menos, dois efeitos: (i) minimiza o ato de fala refutativo; (ii) aumenta a ocorrência de formas indicativas para o imperativo.”

- (66) – FECHA **não**, Amâncio!(Veiga, 1997: 43)
- (67) – Josia, Josia. **Não** MORRE **não**, Josia. (Veiga, 1994:143)
- (68) – FIQUE assim **não**, Gemi. Ora essa! (Veiga, 1997: 47)
- (69) – **Não** LIGUE para mim **não**, Za. (Veiga, 1997: 111)

Embora a mitigação dos atos de fala seja um fator determinante nesse processo de variação, evidencia-se que esse não é um fator determinístico, ou seja, não há um caso de distribuição complementar que marque os contextos de uso de uma ou outra forma.

A tabela 2 mostra que a maioria das estruturas apresenta o NÃO na posição pré-verbal. Essa posição marca a negação de forma mais intensa no modo imperativo. É uma negação não-marcada por elemento de reforço. Já a dupla negação evidencia a intenção do autor de reforçar o que está sendo negado, como em (67) e (70).

- (70) NÃO vai a pé NÃO - disse ele. (VEIGA, 1994)

A negação pós-verbal aponta para uma ordem marcada por um pedido com traço de [+] humildade ou por uma ordem [-] rude, como em (72) e (73).

(71) Eu espero. Manda chamar NÃO - disse o homem. (Veiga, 1994)

(72) Exagero. Servicinhos à-toa. Um puxado. Um chiqueiro. Remendos. Dê ouvido a conversas NÃO. (Veiga, 1997)

A tendência da negação pós-verbal e da dupla negação de favorecer o imperativo associado ao indicativo também se observa em dados da língua falada. Na análise dos 16 falantes nativos de Fortaleza que estão morando no Distrito Federal, conforme já descrevemos em 6.1.2, vimos que a negação pré-verbal desfavorece o uso de imperativo associado ao indicativo. Já nas demais estruturas com negação pós-verbal e dupla negação há um favorecimento do imperativo associado ao indicativo. Jesus (2006) investigou dados de fala de Recife e confirmou essa mesma tendência em estruturas imperativas com negação pré-verbal: 14% de frequência de uso da forma indicativa⁴⁸. Contudo, ao contrário de nossos resultados, a negação pós-verbal nesses dados analisados pela autora desfavorece formas indicativas com frequência média de 13%.

Os dados apresentados demonstram que o português brasileiro pode não apresentar exatamente o mesmo padrão de distribuição das formas do imperativo em função do tipo de negação, descrito em Zanuttini (2005) para línguas românicas, em que se postula uma relação categórica entre a possibilidade de negar a forma do imperativo associado ao indicativo e a posição da negação, que deve ser pós-verbal; ou inversamente, em que se verifica a impossibilidade de negação do imperativo associado ao indicativo em línguas com negação pré-verbal. Considerando, contudo, o encaixamento linguístico da variação, em que a negação pós-verbal e a dupla negação favorecem o uso da forma do imperativo associado ao indicativo, confirma-se, em termos de tendência, a correlação entre a posição da negação e a distribuição das formas do imperativo, tal como formulada por Zanuttini.

O fato de, no português brasileiro, a dupla negação se alinhar com a negação pós-verbal (e não com a pré-verbal), no que se refere à ocorrência da forma do imperativo associado ao indicativo, sugere que o fator determinante é a possibilidade de a negação ocorrer na posição pós-verbal – nesse sentido, pode-se considerar que a dupla

⁴⁸ A autora apresenta apenas a frequência média (cf. Jesus, 2006:80).

negação no português brasileiro apresenta propriedades semelhantes à dupla negação no francês (*ne...pas*), em que se constata que o elemento dominante é a segunda posição. Outra evidência desse domínio é a possibilidade de o *não* à esquerda do verbo, ilustrado em (52) e (53), ser realizado como *num* em alguns dialetos (cf. Cardoso, 2006; Scherre *et al.*, 2007). Segundo Ramos (2002), esse item fonologicamente mais fraco pode ser reforçado por outra forma plena, no caso, o *não* pós-verbal.

Nossa hipótese em relação ao favorecimento da forma supletiva em orações com negação pré-verbal tem relação com as seguintes propriedades desses dois traços: a negação pré-verbal é a posição que marca o tipo frasal; a forma subjuntiva é aquela que assegura, de forma inequívoca, a leitura imperativa. Sendo assim, temos a combinação de dois fatores que, semanticamente, reforçam e enfatizam o ato diretivo negativo. Essa correlação pode corroborar a hipótese de Cardoso (2004) sobre a mitigação do ato diretivo. Segundo a autora, a posição pós-verbal da negação favorece o imperativo associado ao indicativo e mitiga os atos de fala.

Para explicar a possibilidade de licenciar a negação do imperativo associado ao indicativo, levanta-se a hipótese de que o português brasileiro não tenha essa característica, no sentido de forma morfológicamente marcada para o modo imperativo. A perda de morfologia própria pode ter ocorrido basicamente em função de dois fatores: a inserção do pronome de tratamento *você* no sistema pronominal brasileiro, como pronome pessoal de segunda pessoa, e a neutralização das formas verbais da terceira pessoa do singular do indicativo e da segunda pessoa do modo imperativo.

Podemos também associar a provável perda da morfologia do modo imperativo a um enfraquecimento gradual dos traços do imperativo associado ao indicativo - força ilocutória imperativa – a partir do século XIX, acentuando-se no século XX, com o movimento modernista (cf. Paredes Silva *et al.*, 2000). O traço [+] frequente do modo indicativo associado à neutralização das formas verbais e pronominais teria favorecido esse enfraquecimento. Uma evidência dessa mudança na força do traço semântico do verbo é a constatação de que o imperativo associado ao indicativo, na escrita, sem âncora discursiva, nos termos de Scherre (2006), nem sempre assegura leitura imperativa à frase; outras vezes, pode gerar ambiguidade, conforme foi apresentado. Pelo menos dois seriam os efeitos desse processo de mudança: o aumento do percentual de uso da forma associada ao indicativo em frases imperativas em algumas regiões do Brasil (Sul, Centro-Oeste e Sudeste, especificamente); e o licenciamento da negação da forma associada ao indicativo.

Devemos, contudo, avaliar essa hipótese da perda da morfologia do imperativo associado ao indicativo considerando também os resultados obtidos com as frases imperativas negativas. Os percentuais observados até agora mostram que a oposição morfológica persiste, visto que a negação pré-verbal favorece o uso do imperativo associado ao subjuntivo e a negação pós-verbal e a dupla negação favorecem o uso do imperativo associado ao indicativo.

6.1.3 Faixa etária

A variável *faixa etária* destaca-se em nossa análise como uma variável com significância estatística. Os resultados do *corpus* de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal mostram que há um aumento no uso do imperativo associado ao indicativo entre os falantes da faixa etária de 22 a 35 anos (cf. Sampaio, 2001; Jesus, 2006). Contudo, conforme podemos ver na tabela 22, o grupo de faixa etária de 11 a 21 anos apresenta peso relativo de 0,24, resultado que indica desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo, embora a frequência relativa de 62% esteja próxima da média de 68% de imperativo associado ao indicativo.

TABELA 22 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da faixa etária dos falantes, no *corpus* de falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Indicativo/ Total	Porcentagem da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
11-21 anos	95/154	62%	0,24
22 a 35 anos	124/138	90%	0,74
36 a 55 anos	343/531	65%	0,50
+ de 56 anos	102/149	69%	0,56
Total	664/972	68%	

Voltamos à tabela que mostra os percentuais de uso de cada falante (cf. tabela 07, capítulo 5), buscando compreender esse peso relativo de 0,24 para o grupo de 11 a 21 anos. Constatamos que os resultados apresentados na tabela acima para esse grupo

ocorrem em função do falante 10, fortalezense que chegou ao Distrito Federal com 1 ano e cujos resultados surpreenderam pela frequência de 38%, que indica desfavorecimento do imperativo associado ao indicativo e peso relativo de 0,10. Recorrendo à tabela 07, que divide os falantes em grupos identitários, vemos que os dois falantes, que compõem o grupo de 11 a 21 anos, estão inseridos em contextos identitários bem diferentes. Enquanto Luc é de uma família fortalezense que veio para o Distrito Federal há pouco mais de 10 anos e que mantém intenso contato com familiares em Fortaleza, Car, que apresenta frequência de 88% e peso relativo de 0,81, é filha de mãe fortalezense cujos contatos com familiares cearenses inexistem.

Contudo, em nosso estudo, que está avaliando a variação e a mudança linguística em relação ao uso do imperativo, vemos que a faixa etária do falante, ainda que tenha sido uma variável com significância estatística, não tem um comportamento tão regular. Na análise quantitativa feita com os dezesseis falantes separados um a um, a variável faixa etária não obteve significância estatística. Conforme já vimos, o gênero do falante e sua identidade com Fortaleza são os aspectos que melhor explicam as diferenças evidenciadas na fala de um fortalezense que mora em Fortaleza e de um que mora no Distrito Federal, no que se refere ao uso do imperativo no português brasileiro.

6.1.4 Presença e posição do vocativo

Nesta análise, a posição do vocativo antes e depois do verbo foi focalizada em função da relação sujeito/vocativo sobre a qual falamos no capítulo 1. Os resultados mostram que o vocativo depois do verbo favorece o uso do imperativo na forma indicativa, conforme ilustrado em (74).

(74) DESCE, Chico, da árvore. (dado 160)

Também foram avaliadas estruturas com pronome *você* ou *tu* no contexto, como está ilustrado em (75) e (76).

(75) Você FICA calada, criança tem que respeitar os adultos (dado 63)

(76) Mas você DÊ o tanto que você quiser. (dado 90)

Os resultados obtidos estão na tabela 23.

TABELA 23 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da presença do vocativo e de sua posição em relação ao verbo, no *corpus* de fortalezenses moradores do Distrito Federal

Fatores	Indicativo/ Total	Porcentagem da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
Ausência de vocativo	383/596	64%	0,46
Vocativo antes	191/264	72%	0,47
Vocativo depois 64/80 – 80% Vocativo antes e depois 9/11 – 82%	70/88	80%	0,63
Você /senhor	20/24	83%	0,95
Total	664/972	68%	

Essa tendência de elementos depois do verbo favorecerem o imperativo associado ao indicativo também é confirmada com a partícula negativa, conforme vimos na seção 6.1.2. Aqui, o elemento em questão é o vocativo. Confirmamos, por meio dos resultados estatísticos, que o vocativo depois do verbo, assim como sua presença antes e depois, favorece o uso de formas como *leva, vem, traz*, com peso relativo de 0,63. Quando o vocativo se encontra exclusivamente antes do verbo, o peso relativo cai para 0,47. Os resultados mostram um peso bem semelhante de 0,46 para a ausência de vocativo.

Temos assim que a presença antes do verbo, como ilustrado em (77) assim como a ausência, como ilustrado em (78), tem o mesmo efeito, próximo ao ponto neutro que é 0,5. Portanto a interferência que a variável independente *posição do vocativo* tem na variação do imperativo fica mais evidente não na sua presença mas sim em sua posição em relação ao verbo imperativo, ou seja, seu uso depois de um verbo no imperativo privilegia o uso de formas indicativas. Essa mesma tendência vai ser vista na seção 6.1.6 em que vamos analisar a presença de elementos como advérbios depois do verbo, ocorrência que favorece o uso do imperativo associado ao indicativo.

(77) Mateus, VÁ buscar seu caderno. (dado 91)

(78) JUNTE tudo do chão. (dado 20)

A hipótese para essa tendência é a de que elementos depois do verbo têm um efeito de amenizar a ordem, e o uso de uma forma não-marcada, como é o imperativo na forma indicativa, estaria favorecendo essa mitigação (cf. Cardoso, 2004).

Outro ponto a ser discutido que aparece na tabela é o alto favorecimento de imperativo na forma indicativa em estruturas com *você* explícito. Conforme já vimos no capítulo 1, o sujeito no imperativo designa o ouvinte, e, em geral, tem realização nula em frases imperativas. Em estruturas como (79), o pronome *você*, embora se encontre realizado, não está em uma frase declarativa e sim em uma estrutura imperativa. Vemos isso pelo sentido da oração que está definindo um ato diretivo. Todavia sua realização pode trazer ambiguidade em relação a uma frase declarativa. Em função disso, o falante marca sua ordem pela entonação, e não usando a forma que asseguraria inequivocamente o imperativo – a forma associada ao subjuntivo. O contexto, porém, não deixa dúvida de que se trata de uma ordem.

(79) Nunca mais CÊ TRAZ esse gato aqui, que eu to te avisando.

6.1.5 Interação entre os falantes

A inclusão dessa variável na análise deveu-se ao tipo de entrevista que foi feita. Vimos a necessidade de verificar se havia mudança significativa no uso do imperativo em função do entrevistado estar reproduzindo a fala das personagens do quadrinho ou estar reproduzindo seu próprio sistema. Dessa forma, codificamos os fatores desse grupo considerando a ficção e a realidade. Em um primeiro momento, consideraram-se todas as interações possíveis entre os personagens dos quadrinhos (ficção), considerando a fala do entrevistado reportando-se à fala desses personagens; depois, codificamos a fala do entrevistado considerando os diálogos que ele reproduziu referindo-se aos seus diálogos cotidianos e as pessoas a quem se dirigia. A tabela a seguir revela os resultados obtidos.

TABELA 24 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função da interação entre os falantes no *corpus* com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal

Tipo de interação	Número de ocorrências /Total	Frequência	Peso relativo dos falantes
Real			
(F) pai com filho	151/228	66%	0,50
(A) adultos entre si	27/42	64%	0,56
(P) filho com pai	34/37	92%	0,85
(T) adultos com animais	12/15	80%	0,73
(Z) adultos com criança	8/13	62%	0,32
(C) crianças entre si	2/4	50%	0,60
Ficção			
(f) pai com filho	107/190	56%	0,35
(a) adultos entre si	59/74	80%	0,49
(p) filho com pai	35/40	88%	0,72
(t) adultos com animais	16/22	73%	0,33
(z) adultos com criança	59/107	55%	0,28
(c) crianças entre si	96/118	81%	0,65
(n) animais com adultos	13/19	68%	0,76
(s) crianças com adultos	19/26	73%	0,55
(r) criança com animais	26/37	70%	0,63
Total	664/972	68%	

A relação entre adultos e criança, nos contextos de ficção e realidade, segue a mesma tendência: criança em interação com adulto favorece imperativo associado ao indicativo; adulto em interação com criança desfavorece essa forma. Em geral, conforme podemos observar pelos resultados da tabela 24, as tendências na ficção e na realidade são as mesmas. A diferença mais significativa fica por conta da variável interação *adultos com animais*. No grupo da realidade, o peso relativo para esse grupo é de 0,73; já no grupo da ficção esse peso é de 0,33.

A interação dos falantes, embora tenha sido um grupo selecionado pelo programa, mostra resultados que descrevemos aqui, mas sobre os quais ainda não temos uma interpretação consistente. Poderíamos, a princípio, atribuir à significância do grupo à oposição entre ficção e realidade. Contudo, observando os resultados na tabela 24, constatamos que não há um efeito regular, ou seja, não se pode falar que o uso de uma ou outra forma variante predomine em um ou outro grupo. O efeito regular que encontramos, conforme já dissemos, foi na tendência de crianças na interação com

adultos favorecerem o uso do imperativo associado ao indicativo e adultos na interação com crianças desfavorecerem esse uso – resultado que pode estar refletindo a faixa etária dos falantes.

Em pesquisas futuras, é interessante que se investigue a interação entre os pais e os filhos desse grupo, com o objetivo de observar a possibilidade de haver nuances discursivas significativas na fala de um ou outro grupo. Essa análise poderia identificar uma possível oposição entre forma atenuada e ordem nos atos diretivos, o que contribuiria para aprofundar a discussão em torno dessa variável independente.

6.1.6 Âncoras discursivas

A tendência descrita na seção 6.1.4 para o vocativo é mesma que vamos encontrar aqui. Consideram-se âncoras discursivas alguns advérbios como *aí*, *aqui*, *lá*, *cá*, *daí*, *daqui*, *já*, *logo* e pronomes como *isso*, *esse*, que asseguram a leitura imperativa de uma sentença ou apenas contribuem para marcar ou reforçar o ato de fala diretivo, como está ilustrado em (80), (81), (82) e (83). Medimos também a presença da expressão “por favor” na sentença. Nossa hipótese inicial era de que a presença dessa expressão seria uma forma de mitigação do ato de fala diretivo e que, assim sendo, haveria favorecimento do imperativo associado ao indicativo.

(80) Davi, por favor, JOGA a chave aí. (dado 298)

(81) VEM logo brincar comigo. (dado 242)

(82) PULA lá pra gente agilizar. (dado 60)

(83) Faz isso depressa. (dado 175)

A codificação considerou também a posição desses elementos. Se eles estavam imediatamente depois do verbo ou se havia intercalação de alguma palavra, conforme ilustrado em (80). Os resultados estatísticos encontram-se na tabela 25.

TABELA 25 – Efeito do uso do imperativo na forma indicativa em função de tipo de âncora discursiva no *corpus* com os falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal

Fatores	Indicativo/ Total	Porcentagem da forma indicativa	Peso relativo dos fatores
Ausência de âncoras	461/656	71%	0,51
Uso de ancoras sem intercalação depois do verbo - aí, aqui, isso	140/193	73%	0,57
Uso de ancoras com intercalação	32/61	53%	0,37
Por favor	18/41	44%	0,23
Dois elementos: por favor e advérbios	13/21	62%	0,39
Total	664/972	69%	

Vimos que a presença da âncora depois do verbo favorece o imperativo associado ao indicativo. A intercalação de um elemento desfavorece esse uso, com peso de 0,37. A hipótese é que, com a presença desses elementos, o uso do imperativo associado ao indicativo não cause ambiguidade ou uma possível leitura declarativa com sujeito nulo. À medida que o elemento se distancia do verbo, aumenta a probabilidade de uso de imperativo associado ao subjuntivo.

A presença da expressão “por favor”, ao contrário do que pensávamos, desfavorece o uso da forma indicativa (0,23). Contudo, depois da análise dos resultados, vê-se que a função dessa expressão pode não ser só de assegurar a leitura imperativa, como ocorre com alguns advérbios e pronomes. O fato é que ainda não temos uma interpretação mais consistente para o desfavorecimento de formas indicativas na presença da expressão *por favor*.

7. REFLEXÕES FINAIS

Esta tese investigou o uso do imperativo no português brasileiro focalizando a variação e a mudança evidenciada em dois grupos de falantes de diferentes regiões do Brasil, a saber: Fortaleza e Distrito Federal. Para nosso estudo, consideramos as propriedades morfosintáticas e semânticas desse modo verbal bem como a correlação entre o uso das formas variantes e os aspectos identitários dos falantes.

Constata-se que, no português brasileiro, o uso do modo imperativo gramatical varia entre as formas do imperativo associado ao indicativo e do imperativo associado ao subjuntivo, tanto para língua escrita como para língua falada em situação de diálogo. Fatores linguísticos e sociais interferem nesse processo de variação, sendo que cada região do país exibe percentuais diferentes, de acordo com as pesquisas citadas. Na capital cearense, a frequência média de uso do imperativo associado ao indicativo é de 40% enquanto no Distrito Federal a frequência de uso dessa forma é de mais de 90%.

O falante fortalezense que chega ao Distrito Federal, paulatinamente, incorpora o uso do imperativo associado ao indicativo, ou seja, formas como *vem cá, pega o livro* passam a fazer parte de sua fala. Essa mudança, contudo, não representa o abandono de um padrão estigmatizado e a assimilação de um padrão culto. Pelo contrário, considerando-se a tradição gramatical, vemos que, em contexto de pronome *você*, a norma prevê o uso da forma subjuntiva, enquanto o imperativo na forma indicativa estaria restrito a contextos de pronome *tu*. Além disso, intuitivamente, não há estigma em relação ao uso da forma supletiva, visto que essa também é usada de forma variável, embora com percentuais bem menores, nas regiões em que prevalece o imperativo associado ao indicativo. Pode ser que haja uma associação em termos prosódicos do sotaque dessa região com a curva entonacional do imperativo associado ao subjuntivo, resultando, dessa percepção, uma associação ao falar da região Nordeste.

O processo de variação e mudança no uso do imperativo evidenciado no grupo de falantes fortalezenses que moram no Distrito Federal foi investigado considerando-se aspectos intrínsecos e extrínsecos à língua. Conforme mostramos nos capítulos 3 e 4, a escolha das variáveis independentes para a análise baseou-se em discussões acerca de vários outros trabalhos sobre a variação desse modo verbal. Escolhidas as variáveis, fizemos a análise dos pesos relativos buscando comprovar (ou refutar) hipóteses

discutidas em outras pesquisas. Em seguida, com as análises sendo feitas, percebemos a importância da inclusão de outras variáveis buscando entender e fundamentar os resultados encontrados. Dessa forma, discutimos nos capítulos 5 e 6 as variáveis independentes que obtiveram significância estatística, a saber: paralelismo discursivo, gênero/falante – identidade, polaridade da estrutura e ausência/presença e tipo de pronome, faixa etária, presença /ausência e localização do vocativo, interação entre os falantes e âncoras discursivas ou modalizadores.

O capítulo 4 apresentou ainda as características dos falantes que formaram o *corpus* para este estudo. As informações sobre traços culturais e identitários foram correlacionados aos fatores linguísticos para que pudéssemos ter uma visão do conjunto de fatores que envolve o processo de variação e mudança linguística em um falante que sai de uma região para outra que apresenta traços diferentes de seu falar de origem.

Os capítulos 5 e 6 apresentaram as análises das variáveis com significância estatística. Os resultados para os fatores linguísticos seguiram nossas expectativas. O paralelismo linguístico confirma a tendência mostrada em todos os trabalhos sobre a variação do imperativo citados aqui. O uso do imperativo associado ao indicativo numa sequência discursiva favorece outra forma de mesma natureza, assim como o uso do imperativo associado ao subjuntivo favorece outra forma subsequente associada ao subjuntivo (cf. Sampaio, 2001; Scherre, 2003; Cardoso, 2004; Jesus, 2006).

A variável polaridade da estrutura e ausência/presença e tipo de pronome ratifica a hipótese de que estruturas afirmativas favorecem o uso do imperativo associado ao indicativo enquanto estruturas negativas favorecem o uso de formas subjuntivas. Ressaltamos em nossa análise a importância de se quantificar a presença e a ausência dos pronomes *tu* e *você* nos contextos discursivos. A presença do pronome *tu* nos dados que analisamos favoreceu de forma categórica o uso de formas indicativas tanto em estruturas afirmativas como nas negativas. Em relação ao pronome *você*, encontramos uma regularidade significativa nas estruturas imperativas analisadas. A ausência desse pronome em contextos afirmativos e negativos tende a favorecer o imperativo na forma indicativa; já sua presença no contexto tende a favorecer o imperativo na forma subjuntiva. Interpretamos esse uso também como um reflexo da associação feita pela tradição gramatical que diz que, em contexto de pronome *você*, a norma prevê o uso da forma subjuntiva, enquanto o imperativo na forma indicativa estaria restrito a contextos de pronome *tu*. Além disso, a gramática tradicional prevê apenas o uso de formas subjuntivas em contexto de estruturas negativas.

Ainda em relação a essa questão, lembramos que no português brasileiro, há, em algumas regiões, influência de traços de [+] ou [-] proximidade em função da presença de *tu/ você* no contexto. Considerando o grupo de falantes investigados nesta tese, é possível falar na evidência desses traços de proximidade. No Distrito Federal, região onde predomina o imperativo associado ao indicativo, a presença do *tu* no contexto bloqueia o uso do imperativo associado ao subjuntivo; já a presença do pronome *você* favorece essa associação. Em Fortaleza, região onde predomina o imperativo associado ao subjuntivo, essa tendência também aparece, embora não seja categórica. Vemos que, a tendência é o uso do imperativo associado ao subjuntivo em contexto de *você*, embora também essa forma tenha sido encontrada na presença de pronome *tu*.

A posição da negação na frase é outro fator que favorece o uso variável do fenômeno analisado. O português brasileiro é uma língua que apresenta as três estratégias de negação e os fatos mostram que essa posição não impede o uso variável do verbo nas frases imperativas, embora haja tendência em direção a uma ou outra variante: a negação pré-verbal favorece a forma associada ao subjuntivo enquanto a negação pós-verbal e a dupla negação favorecem o imperativo associado ao indicativo.

Duas outras variáveis linguísticas também obtiveram significância estatística: a **presença e a posição de elementos discursivos** – chamados âncoras discursivas – à direita ou à esquerda de estruturas imperativas, os quais separamos em dois grupos: o dos vocativos e o dos advérbios. Os resultados ratificaram que a presença do vocativo depois do verbo tende a favorecer o uso do imperativo associado ao indicativo, enquanto sua posição à esquerda desfavorece esse uso. Da mesma forma, a presença dos advérbios depois do verbo favorece o aumento de forma indicativa – resultado que confirma a hipótese inicial.

Dentre as variáveis independentes sociais que obtiveram significância estatística destacamos, nesta tese, o grupo de falantes agrupados por gênero e traços identitários. A princípio, vimos que a seleção dessa variável pelo programa foi surpreendente visto que a diferença na fala de homens e mulheres não tem sido fator relevante nos trabalhos acerca da variação do modo imperativo no português brasileiro.

Esse grupo obteve significância estatística no *corpus* com falantes fortalezenses moradores do Distrito Federal, no qual foi analisado o processo de variação e mudança linguística. Vimos também que, no *corpus* DSC, essa variável foi selecionada, só que no sentido inverso. Esse resultado foi interpretado como uma tendência de uso de formas

não-marcadas na fala da mulher. Com o objetivo de compreender essa seleção, buscamos os traços sócio-identitários de cada falante e procedemos a uma análise minuciosa, que, pouco a pouco, evidenciou a importância desses aspectos no uso variável do imperativo. Constatamos que o efeito da variável gênero/identidade emerge com bastante vigor no *corpus* que retrata a fala de pessoas que se mudam de uma região onde predomina o imperativo do tipo *fale, venha, faça* e passam a morar em uma região com imperativo do tipo *fala, vem, faz*.

A significativa diferença de gênero revela que a mudança na fala da mulher é mais rápida, ocorrendo em um espaço de tempo bem menor em relação à mudança gradual que se mostrou na fala dos homens. Isso se deve ao fato de a mulher se adaptar mais rápido às situações novas nas quais se insere. Além disso, a forma menos marcada, aquela que predomina no Distrito Federal, é a que predomina na fala da mulher; da mesma forma que, no *corpus* DSC, a forma não marcada - no caso o imperativo associado ao subjuntivo - predominou na fala da mulher.

Em relação ainda às variáveis independentes que são consideradas para o desenvolvimento de nossa análise, vimos a importância do grupo **interação entre os falantes**. Consideramos como grupos de fatores os personagens fictícios - representados pelos personagens das histórias em quadrinhos - e os personagens da vida real - considerando os falantes entrevistados, nos dois grupos é basicamente a mesma: falantes mais novos ao se dirigirem aos mais velhos usam mais imperativo na forma indicativa, ao passo que há um desfavorecimento dessa forma na fala dos mais velhos ao se dirigem aos mais novos. Crianças entre si e adultos entre si tendem a favorecer o imperativo associado ao indicativo.

Retomamos aqui os cinco problemas relacionados à mudança linguística discutidos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), para que possamos associá-los à nossa pesquisa. Vê-se que os cinco problemas discutidos por esses linguistas estão, de alguma forma, presentes em nossa pesquisa, a saber: o problema dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento, da avaliação e da implementação.

Constatamos, por meio da investigação, que fatores linguísticos e não-linguísticos interferem no processo de variação no uso do imperativo, considerando o grupo de falantes que foi investigado. Conforme foi visto, embora os resultados mostrem tendência semelhante em relação à variação e à mudança linguística, a análise evidencia que cada indivíduo, motivado por fatores socioidentitários, pode ter um comportamento diferente, considerando-se a velocidade da mudança. Apresentamos,

ainda, aspectos linguísticos que estão interligados à variação do imperativo como a questão do pronome e também da negação. Ressaltamos que a variação no uso do imperativo ocorre em níveis diferentes e que os fatores linguísticos também têm influencia maior ou menor nessa variação em função da região de origem do falante. Por fim, observamos que a percepção que o falante tem do uso variável do imperativo pode ser motivada por aspectos sociais que estão subjacentes às questões linguísticas.

Acreditamos que em estudos futuros poder-se-ia analisar o grau de mudança para o falante nativo das regiões Sudeste ou Centro-Oeste que sai de uma dessas regiões e vai morar em Fortaleza ou em quaisquer outras regiões em que o uso do imperativo associado ao subjuntivo prevaleça. Nossa hipótese é de que a mudança em direção ao imperativo associado ao subjuntivo é menos intensa. Embora em Fortaleza essa seja a forma menos marcada em termos de frequência, trata-se de uma estrutura linguística mais marcada em termos geográficos.

Esperamos, com os resultados e com as análises que estamos desenvolvendo, contribuir com um projeto maior, coordenado pela professora Marta Scherre, cujo objetivo é o mapeamento do uso do imperativo gramatical nas cinco regiões do Brasil. Busca-se com essa investigação ampliar a compreensão acerca do corte geográfico evidenciado entre a região Nordeste, por um lado, e Sudeste, Centro-Oeste e parte da Sul, por outro; assim como, ampliar o entendimento dos fatores linguísticos e sociais que motivam a direção da mudança gradual que se evidencia em direção ao uso do imperativo associado ao indicativo. É importante também que se verifique, em outras regiões, a correlação dessa mudança com aspectos identitários, culturais e o papel do gênero do falante.

Por fim, com essa pesquisa sociolinguística, pretendemos mostrar que os aspectos discutidos aqui se inserem na abordagem discutida por Eckert (2005) acerca de elementos que fundamentam a sociolinguística nos últimos quarenta anos. Considerando as três ondas propostas por Eckert, vemos que este estudo busca investigar marcas identitárias dos falantes envolvidos no processo de variação no uso do imperativo, a partir da análise de categorias demográficas. Com base nessas análises é possível partir para a investigação do significado social do uso das variáveis e da participação do indivíduo em sua comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- ABAURRE, Maria Bernadete & GALVES, Charlotte. (1998). *As diferenças rítmicas entre o português brasileiro e o português europeu*. DELTA 14 (2): 377-403.
- ABREU, Renata Sousa P. de Abreu. (2002). *Estudo da variação do modo imperativo em obras de Jorge Amado*. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- ADANT, J. (1989). *Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília*. Brasília: UnB: dissertação de Mestrado.
- AKERBERG, Marianne. (1992). *As funções e formas alternantes do imperativo no ensino do português para estrangeiros*. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de & LOMBELLO, Leonor (orgs.): *Identidade e caminhos no ensino do português para estrangeiros*. Campinas: Pontes e Editora da Unicamp.
- ALKMIM, Mônica G. R. (1998). *Sobre a origem da dupla negativa no Português do Brasil*. Comunicação apresentada na SEVFALE. UFMG.
- ALKMIM, Mônica G. R. (2002). *Negativa pré- e pós-verbal: implementação e transição*. In: COHEN, Maria Antonieta A. M & RAMOS, Jânia M. (orgs.) *Dialeto mineiro e outras falas - estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, p.169-182.
- ALKMIM, Tânia. (2001). *A variedade linguística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil*. Em: R. V. Mattos e Silva (Org. 2001, tomo 2: 317-336).
- ALVES, Gilson Chicon. (2001). *Aspectos do uso do imperativo na linguagem oral do pessoense*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, inédito.
- ALVES, Aiala Paloma Oliveira & ALVES, Jeferson da Silva. (2005). *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, inédito.
- ANDRADE, Adriana Lília Vidigal Soares de. (2004). *A variação você, cê, ocê no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- BARBARA, Leila. (1975). *Sintaxe transformacional do modo verbal*. São Paulo, Ática.

- BECHARA, Evanildo. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BONFÁ, C. R. Z.; PINTO, I. A.; LUIZ, I. (1997) Imperativo: uma comparação entre Lages e Florianópolis. Florianópolis: UFSC/CEP. (Série de Estudos Diacrônicos). Inédito.
- BORGES, Poliana Rossi. (2004). *Formas verbais imperativas em tiras de jornais paulistas*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, inédito.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1985). *The Urbanization of Rural Dialect Speakers - a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BROWN, Roger & GILMAN, Albert. (1960 [2003]). *The pronouns of power and solidarity*. In: PAULSTON, Christina Bratt & TUCKER, G. Richard (eds.) *Sociolinguistics – the essential readings*. Malden: Blackwell.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão.
- CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. (2004). *Variação no uso do modo imperativo: análise de dados em textos de José J. Veiga*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- CARDOSO, Daisy Bárbara Borges Cardoso. (2005). *A influência do fator gênero no estudo da mudança lingüística*. Trabalho apresentado no V Congresso Internacional da ABRALIN, Universidade Federal de Minas Gerais, inédito.
- CARDOSO, Daisy Bárbara Borges Cardoso. (2006). *O imperativo gramatical no português do Brasil*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Universidade Federal de Minas Gerais.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. (1990). *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional.
- CHESHIRE J. (2002). - *Sex and gender in variationist research*. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford.
- CHAMBERS, J. K. (1995). *Sociolinguistic Theory*. Oxford: Blackwell.
- CHIERCHIA, Gennaro. (2003). *Semântica*. Tradução Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. – Campinas, SP: Editora Da UNICAMP; Londrina, Pr: EDUEL.

- CORREA, Cintia da Costa. (1998). *Focalização dialetal em Brasília: Um estudo das vogais pré-tônicas e do /s/ pós-vocálico*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. (1985). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DIAS, Edilene Patrícia. (2007). *O uso do tu no português brasileiro falado*. Projeto de dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. (1992). Think practically and look locally: language and gender as community-based practice. *Annual Review of Anthropology* 21:461-490.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. (2003). *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ECKERT, P. (2005) *Variation, convention, and social meaning*. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7.
- ELIA, Sílvio. (1979). *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- FARACO, Carlos A. (1986). *Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil*. DELTA 2 (1):1-15.
- FARACO, Carlos A. (1996). *O tratamento você em português – uma abordagem histórica*. Fragmenta 13: 51-82.
- FERREIRA, Gilcy Rodrigues Azevedo & ALVES, Edna do Nascimento. (2001). *A expressão variável do imperativo no português da Brasil - Língua falada da região Centro-Oeste e escrita quase falada nas salas de bate-papo da Internet*. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (2001). *O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação*. DELTA 17(1): 1-30.
- GIVÓN, T. (1995). *Functionalism and grammar*. John Benjamins Publishing Company, Philadelphia, USA.
- GUY, G.; ZILLES, A. (2007). *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- HANNA, E. S. (1986). *Difusão e Focalização Dialeto: o caso de Brasília*. Brasília: UnB: dissertação de Mestrado.
- HAZEN, K. (2001). The Family. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *Language, variation and change*. p.500-525.

- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2008) Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/POP2008_DOU.pdf
Acesso em: 20 de maio de 2009.
- JENSEN, B. (2004). *Syntax and Semantics of Imperative Subjects*. Nordlyd: Tromsø University Working Papers on Language and Linguistics, 31:1, 150-164.
- JESUS, Étel Teixeira. (2006). *O Nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- KROCH, Anthony. (2003). *Mudança sintática*. Tradução de Silvia Regina Cavalcante. São Paulo: UNICAMP.
- LABOV, William. (1972). *Sociolinguistics patterns*. 3ª ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, William. (1990). The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change* 2:205-254.
- LABOV, William. (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- LABOV, William. (2001). LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Oxford: Blackwell.
- LE PAGE, R.B. (1980) Projection, focussing and diffusion. *York Papers in Linguistics*, 9, p.9-31.
- LIMA, Damaris Pereira Santana. (2005). *O uso do modo imperativo na fala de Campo Grande – Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Campo Grande: Universidade para o Desenvolvimento da Região do Pantanal, inédito.
- LIGHTFOOT, David. (1991). *How to set parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- LOPES, Célia Regina dos Santos & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (2003). *De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas*. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo & MOTA, Maria Antônia. (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro: In-Fólio, p.61-102.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (2004). *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese de Doutorado em Linguística. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, inédito.

- LUCCA, Nívia. (2001). *Da transição tu/você em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, inédito.
- LUCCA, Nívia. (2005). *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília.
- LUCCHESI, Dante. (2000). *A variação da concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, inédito.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- MATTOS, Ana & WICKERT, Andréa. (2003). *A variação de imperativo na obra de Chico Buarque de Hollanda*. In: *Papéis: revista Letras*. 7 (n. especial), p.29-38.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. (1959). *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MELO, D. C. (1988). *Atitudes Linguísticas e as Variedades Regionais de Fala no Brasil*. Brasília: UnB: dissertação de Mestrado.
- MENDOZA-DENTON. Language and Identity. In: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), (2001). *Language, variation and change*. p.475-499.
- MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (2002). *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil*. In: VANDRESEN, Paulino (org.) *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: EDUCAT, p.147-188.
- MEYERHOFF, M.; HOMES, J. (2005). *The Handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell.
- MILROY, James. (1992). *Linguistic Variation and Change: On the Historical Sociolinguistics of English*. Oxford: Blackwell.
- MILROY, James (2001). *Language ideologies and the consequences of standardization*. *Journal of Sociolinguistics* 5/4: 530-555. Oxford: Blackwell. [Tradução: Marcos Bagno]
- MILROY, L. (1980). *Language and social networks*. Oxford: Blackwell.
- MORAIS, Rubens Damasceno. (1994). *O uso e emprego dos imperativos*. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- NARO, A. J. (1981). *The social and structural dimensions of a syntactic change*.

- Language, v. 57, n. 1, p. 63-98.
- NETA, A. Alves. (2000). *O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo. (2006). O uso do modo verbal em estruturas de complementação no Português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, UFMG.
- PAGOTTO, E. G. (2001). *Variação e identidade*. Campinas, SP - Tese de Doutorado.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia. (2003). *O retorno do pronome tu à fala carioca*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, p.160-169.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia; SANTOS, Gilda Moreira dos; RIBEIRO, Tatiana de Oliveira. (2000). *Variação na 2ª Pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo*. Gragoatá. 9: 115-123.
- PESSOA, Marlos de Barros. (2003). *Formação de uma Variedade Urbana e Semi-oralidade – O caso do recife, Brasil*. Max Niemeyer Verlag Tübingen.
- PINTZUK, S. (1988). *VARBRUL programs*. Inédito.
- PORTNER, P. and ZANUTTINI, R., (2003b). *Decomposing Imperatives*, talk, *Nona Giornata di Dialettologia*, Padova.
- RAMOS, Jânia. (1998). *História Social do português brasileiro: Perspectivas*. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. Primeiras ideias. v. I. São Paulo: Humanitas/FAPESP, p. 239-245.
- RAMOS, Jânia. (1997). *O Uso das Formas Você, Ocê, Cê No Dialeto Mineiro*. HORA, Dermeval (org). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa, Martins, p, 43-60.
- RAMOS, Jânia. (2002). A alternância entre não e num no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. In: COHEN, M. A. e RAMOS, J. *Dialeto mineiro e outras falas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 155-167.
- REIS, Mariléia da Silva. (2003). *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística da variação sob um olhar funcionalista*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- RIVERO, María Luisa. (1994). *Negation, imperatives and the Wackernagel effects*. *Rivista di Linguistica* 6 (1): 39-66.
- RIVERO, María Luisa & TERZI, Arhonto. (1995). *Imperatives, V-movement and logical mood*. *Journal of Linguistics* 31 (2): 301-332.
- RODRIGUES, Márcia da Silva. (1993). *Estudo da formação do imperativo na linguagem oral e escrita*. Brasília: Universidade de Brasília, inédito.
- SAID ALI, M. (1976). *Investigações Filológicas*. Com um estudo de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- SAID ALI, M. (2001). *Gramática histórica da língua portuguesa*. Edição revista e ampliada por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UnB.
- SAMPAIO, Dilcéia Almeida. (2001). *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SAMPAIO, Dilcéia Almeida. (2004). *A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SANKOFF, David. (1988). *Sociolinguistics and syntactic variation*. In: Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York, Cambridge University Press,
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (1988). *Paralelismo linguístico*. Estudos da Linguagem. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; JESUS, Étel Teixeira de; OLIVEIRA, Helena Rodrigues; DIAS, James Gonçalves (1998) *Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese*. *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene, p. 63-72.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; JESUS, Étel Teixeira de; OLIVEIRA, Helena Rodrigues; DIAS, James Gonçalves. (2000a). *Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil*. II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, p.1333-1347 (Publicação em CD).

- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2002). *A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro*. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Loyola, p. 217-251.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2003). *Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: SILVA, Denize Elena Garcia da, LARA, Gláucia Muniz Proença & MENEGAZZO, Maria Adélia (orgs.) *Estudos de Linguagem – Inter-relações e Perspectivas*. Campo Grande: Editora da UFMS, p.177-191.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2004). *Norma e uso - o imperativo no português brasileiro*. In: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (org.) *O português do Brasil - Perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main: Vervuert/ Madrid: Iberoamericana, p. 231-260.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2005). *Doa-se lindos filhotes de poodle – variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. (2005). *O imperativo gramatical no português brasileiro - uma discussão translinguística*. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2005, Brasília. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília: Publicação eletrônica: www.abralin.org, 2005. v. 1, p. 505-509.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2006). *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos*. In: VOTRE, Sebastião Josué & RONCARATI, Cláudia. Livro em Homenagem a Anthony Julius Naro, inédito.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. (2007). *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro*. Alfa, São Paulo.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva and SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. (2007) *Reflexões sobre o imperativo em Português*. São Paulo: DELTA, vol.23, n. spe, pp. 193-241.
- SEARLE, John R. (1969). *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press.

- SILVA, Conceição Aparecida da. (2003). *O imperativo na língua falada na região centro-oeste*. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica. Brasília: UNIP, inédito.
- SOARES, Maria Elias. (1980). *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, inédito.
- TAGLIAMONTE, S. A. (2006). *Analyzing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TEYSSIER, Paul. (2004). *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- G. Richard Tucker, Wallace E. Lambert. White and Negro Listeners' Reactions to Various American-English Dialects. *Social Forces*, Vol. 47, No. 4 (Jun., 1969), pp. 463-468.
- TRUDGILL, Peter. (1974). *Sociolinguistics – An introduction*. Penguin Books.
- TUCKER, G. & LAMBERT, W. (1969). White and Negro listeners' reactions to various American-English dialects. *Social Forces*, 47, 463-468.
- VEIGA, José J. (1993). *Torvelinho dia e noite*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- VEIGA, José J. (1994). *Os melhores contos*. São Paulo: Global Editora.
- VEIGA, José J. (1995). *O relógio Belisário*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- VEIGA, José J. (1997). *A hora dos ruminantes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Martin. (1968). *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. Directions for Historical Linguistics: A Symposium. Austin: University of Texas Press, p.97-195.
- ZANUTTINI, Raffaella. (2005). Syntactic Variation and Study of Dialects. Handout de apresentação no NWAVE.

ANEXO 1

• CROSS TABULATION • 12/3/2009 13:39:28

- Cell file: .cel
- 12/3/2009 13:38:25
- Token file: infbsbco.tkn
- Conditions: Untitled.cnd

Group #12 - horizontal - Faixa etária

Group #2 - vertical - falantes/identidade

	m	%	i	%	a	%	j	%	T	%
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
b I:	73	55:	8	35:	32	89:	16	80	129	61
S:	60	45:	15	65:	4	11:	4	20	83	39
T:	133	:	23	:	36	:	20		212	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
c I:	240	74:	86	77:	49	55:	88	92	463	75
S:	84	26:	25	23:	40	45:	8	8	157	25
T:	324	:	111	:	89	:	96		620	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
R I:	11	33:	3	33:	1	7:	12	86	27	39
S:	22	67:	6	67:	13	93:	2	14	43	61
T:	33	:	9	:	14	:	14		70	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
r I:	8	33:	1	50:	7	78:	6	100	22	54
S:	16	67:	1	50:	2	22:	0	0	19	46
T:	24	:	2	:	9	:	6		41	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
D I:	7	78:	1	100:	3	100:	1	100	12	86
S:	2	22:	0	0:	0	0:	0	0	2	14
T:	9	:	1	:	3	:	1		14	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
d I:	2	50:	0	--:	1	100:	1	100	4	67
S:	2	50:	0	--:	0	0:	0	0	2	33
T:	4	:	0	:	1	:	1		6	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
S I:	2	67:	3	100:	1	100:	0	--	6	86
S:	1	33:	0	0:	0	0:	0	--	1	14
T:	3	:	3	:	1	:	0		7	
+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -										
s I:	0	0:	0	--:	1	100:	0	--	1	50

S:	1	100:	0	--:	0	0:	0	--		1	50
T:	1	:	0	:	1	:	0			2	
+-----+-----+-----+-----+-----											
T I:	343	65:	102	68:	95	62:	124	90		664	68
S:	188	35:	47	32:	59	38:	14	10		308	32
T:	531	:	149	:	154	:	138			972	

Horizontal – faixa etária

m- (36 a 55 anos)

i – idoso (+ de 56 anos)

a - adolescente (11 a 21 anos)

j – jovem (22 a 35 anos)

Vertical – polaridade da estrutura

b – imperativo afirmativo – *você* explícito

c - imperativo afirmativo – impossível relacionar a *tu* ou *você*

R - imperativo negativo – pré-verbal - impossível relacionar a *tu* ou *você*

r - imperativo negativo – pré-verbal – *você* explícito

D - imperativo negativo – dupla negação - impossível relacionar

d- imperativo negativo - dupla negação - *você* explícito

S - imperativo negativo – pós-verbal - impossível relacionar a *tu* ou *você* explícito

s- imperativo negativo – pós-verbal - *você* explícito

ANEXO 2

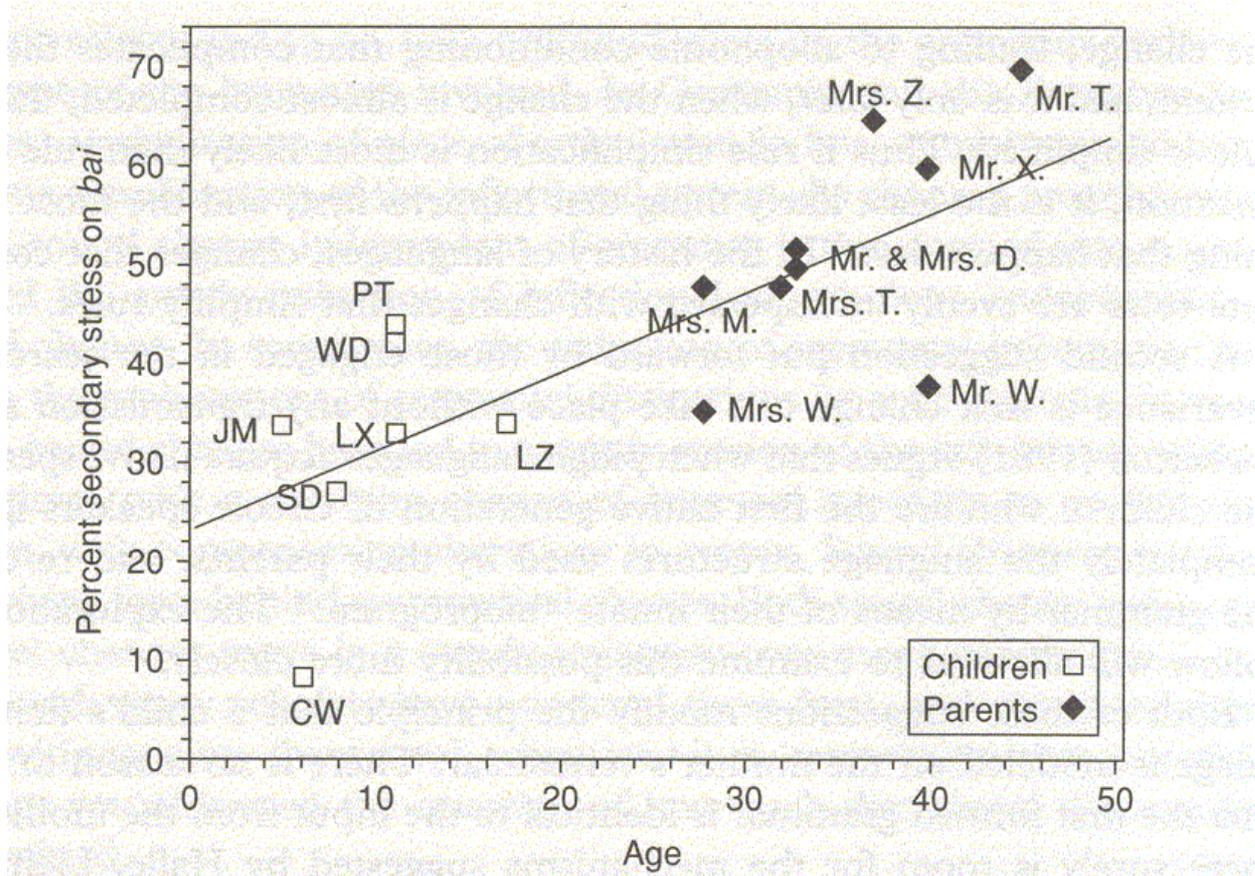


Figura 13.2 Redução do acento no marcador de futuro *bai* em Tok Pisin para adultos e crianças (de Sankoff e Laberge 1973 [1980])

Labov (2001)

ANEXO 3

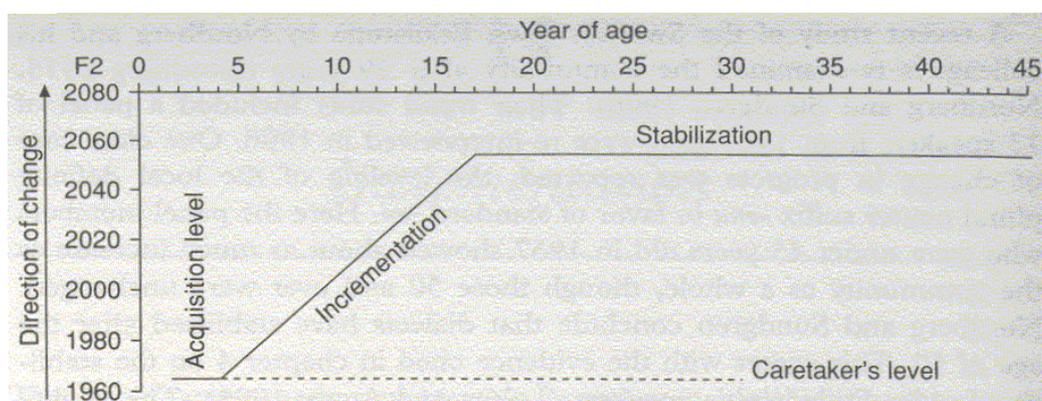


Figura 14.1 Um modelo linear de incremento para um único falante do sexo feminino de 1 a 45 anos de idade

Labov (2001)